FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.081 DOMINGO, 20 DE ABRIL DE 2025 R$ 9,90

Governo Lula acomoda assessores sem formação e petistas em estatais

Levantamento mostra casos de aparente influência política; ministérios dizem cumprir a lei

O governo Lula tem acomodado em conselhos de estatais pessoas ligadas ao PT e membros da gestão que não têm formação relacionada à área de atuação das empresas. A lei exige educação acadêmica compatível, além de experiência e reputação ilibada.

Os conselhos têm como função direcionar os rumos das companhias e fiscalizá-las. O governo ocupa cadeiras nos colegiados, e cabe ao ministro responsável pela área nomear seus representantes, que são remunerados com os chamados jetons.

A **Folha** coletou exemplos de pessoas com formação distante da prevista nas normas. Em alguns casos, ocupam cadeiras por aparente influência política, entre eles um cientista político em subsidiária de banco e um curador de arte num hospital.

Também chama atenção a existência de assessores de ministérios indicados para conselhos sem relação com suas pastas ou seu histórico de formação.

Procurados, os ministérios afirmam que a lei foi cumprida nas indicações. **Mercado A13**



O ator no Teatro Tuca, em São Paulo

Adriano Vizoni/Folhapress

MÔNICA BERGAMO

Globo jogou criança fora com a água da bacia, diz Antonio Fagundes **B2**

mercado

PÁSCOA TERÁ REDUÇÃO NA VENDA DE CHOCOLATE

Projeção calcula queda de 12% no volume de vendas de chocolates sazonais na comparação com 2024 **A18**

ciência

Galileia da infância de Jesus era caldeirão multiétnico, diz novo livro **A32**

Dora Kramer

PT subestima oposição e leva nova rasteira

Governo volta a ser pego desprevenido e dorme novamente no ponto no projeto de anistia a golpistas **A3**

EDITORIAIS A2

Política econômica se subordina ao modo eleição Sobre medidas e propostas do governo Lula.

Mensagens cifradas do planeta K2-18b Acerca de expectativas de encontrar vida extraterrestre.



Manifestantes protestam nas ruas de Nova York contra políticas de Donald Trump Caitlin Ochs/Reuters

Suprema Corte barra deportação de venezuelanos

A Suprema Corte dos Estados Unidos suspendeu a deportação de supostos membros de gangues venezuelanas, que vivem no Texas, para uma prisão de segurança máxima em El Salvador. O presidente Donald Trump havia invocado uma lei do século 18 para defender a expatriação dos estrangeiros. **Mundo A24**

Milhares saem à ruas contra Trump em diversas cidades

Manifestantes protestaram ontem contra políticas do republicano, mirando pautas difusas. O comparecimento em grandes cidades foi menor do que no último protesto, em 5 de abril, mas houve maior profusão de eventos. **Mundo A24**

JHSF
SURPREENDENTE
FASANO
Atual desde 1902
www.fasano.com.br

Justiça de SP emite 187 mil penas de multa por ano e recebe menos de 4%

Dados do Tribunal de Justiça de São Paulo mostram que cerca de 187,5 mil penas de multa foram aplicadas por ano no estado entre 2015 e 2023, sendo a maior parte abaixo de R$ 500. No intervalo, a média de multas pagas foi de 7.318, menos de 4%. **Cotidiano A27**

Emendas saem do Brasil e pagam até ONU e psicólogos

O Itamaraty e o Ministério do Planejamento têm buscado verbas de emendas parlamentares para bancar ações fora do país, entre elas o pagamento das taxas do Brasil à ONU e de colaboradores dos consulados do país, como advogados e psicólogos. **Política A6**

Mulheres trans que amamentam sofrem preconceito até de médicos A31



opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Política econômica se subordina ao modo eleição

Premido pela baixa aprovação a Lula, governo deixa de lado problemas urgentes nas contas públicas e prioriza medidas de impacto; em tal contexto, ministro anuncia isenção da conta de luz para 60 milhões

A administração petista indicou com clareza o que pretende nesta segunda metade do mandato presidencial ao trocar um projeto aprofundado de mudança do Imposto de Renda, que daria sequência à reforma tributária, por uma proposta de isenção para rendas até R$ 5.000 mensais, hoje peça de propaganda oficial.

Premido pela baixa aprovação popular a Luiz Inácio Lula da Silva, o governo entrou em modo eleição —e suas ações, aí incluída a política econômica, estão subordinadas a essa prioridade. Assim também se demonstrou com a nomeação do marqueteiro de campanha para o posto de ministro da Comunicação.

Não por acaso, a outra grande inovação gestada neste ano pelas pastas da economia foi o crédito consignado para trabalhadores celetistas garantido pelo FGTS, com o qual se procura atenuar os efeitos da alta dos juros promovida pelo Banco Central autônomo para conter a inflação impulsionada pelo gasto público.

Divulgaram-se há poucos dias estimativas oficias de que a expansão contínua de despesas de execução obrigatória deverá inviabilizar, a partir de 2027, o funcionamento da máquina pública, por esgotamento de recursos nos limites do Orçamento. O governo Lula, no entanto, parece reagir como se os números tratassem de décadas à frente.

Em tal contexto, não espanta que o ministro Alexandre Silveira, de Minas e Energia, sinta-se à vontade para anunciar de moto próprio um projeto de lei destinado a isentar 60 milhões de pessoas da conta de luz, mesmo depois de seu colega da Fazenda, Fernando Haddad, ter negado estudos nesse sentido em sua pasta ou na Casa Civil.

A aparente divergência não passaria, segundo Silveira, de uma "falta de comunicação". É sintomático, de todo modo, que nem Haddad nem Lula tenham se posicionado sobre uma medida de tamanho impacto.

Ainda que a sugestão não venha a prosperar, trata-se de exemplo da forma com que temas complexos, como o intrincado sistema elétrico brasileiro e seus subsídios cruzados, vão sendo tratados à base de voluntarismo —enquanto problemas de fato urgentes são empurrados com a barriga, e o BC enfrenta sozinho a ameaça inflacionária.

Na última reeleição petista, Dilma Rousseff manteve o pé no acelerador do gasto público, negou o quanto pôde a necessidade de ajustes e adiou as decisões difíceis para o segundo mandato. Deu no que deu

Em entrevista ao jornal O Globo, o ministro responsável pela publicidade oficial, Sidônio Palmeira, considerou que o governo não explorou o bastante a herança danosa recebida de Jair Bolsonaro (PL). Concorde-se ou não com a afirmação, o fato é que foi a rejeição ao bolsonarismo que deu um terceiro mandato a Lula.

A esta altura, um presidente que lidera as pesquisas para a disputa do próximo ano deveria estar mais preocupado com a herança que deixará. Na última reeleição petista, Dilma Rousseff manteve o pé no acelerador do gasto público, negou o quanto pôde a necessidade de ajustes e adiou as decisões difíceis para o segundo mandato. Deu no que deu.

Mensagens cifradas do planeta K2-18b

Com auxílio do telescópio James Webb, cientistas analisam dados físico-químicos do objeto e encontram indícios de organismos a 124 anos-luz, reacendendo na Terra a expectativa de entender as origens da vida

Um ditado célebre no meio científico diz que ausência de evidência não é evidência de ausência. Agora, com notícias entusiasmantes sobre possível sinal de vida no planeta K2-18b, cabe a paráfrase: presença de evidência não é (ainda) evidência de presença.

Feita a ressalva, impõe-se reconhecer a importância da descoberta do astrofísico Nikku Madhusudhan, do Instituto de Astronomia da Universidade de Cambridge (Reino Unido).

Madhusudhan e colaboradores usaram dados do telescópio espacial James Webb para analisar informações físico-químicas provenientes do K2-18b, que se encaixa na classe sub-Netuno —de tamanho inferior ao menor dos planetas gasosos do Sistema Solar, mas maior que a Terra; no caso em tela, 8,6 vezes sua massa.

Utilizou-se o chamado método de trânsito. Quando um planeta passa em frente à estrela que orbita, parte da luz do astro atravessa sua atmosfera e o espectro de brilho assim modificado carrega informação sobre os gases que a compõem. O grupo de Cambridge encontrou assinaturas de dimetilsulfeto (DMS) e dimetildissulfeto (DMDS).

Na Terra, tais compostos são produzidos unicamente por seres vivos, como microrganismos. Trata-se, portanto, de uma evidência indireta de vida no K2-18b, que se acredita ser um planeta hiceano, ou seja, com hidrogênio na atmosfera e oceanos de água em estado líquido.

O próprio Madhusudhan aponta a necessidade de repetir observações para garantir que o sinal encontrado seja robusto, no nível em que as chances de anomalia estejam abaixo de 1 em 1 milhão. Afinal, pode ser um artefato estatístico —quando o resultado não é reflexo da realidade, mas efeito secundário de métodos de análise ou coleta de dados.

Tampouco se exclui que haja um mecanismo abiótico desconhecido para gerar DMS ou DMDS em outros mundos. Por ora, a hipótese mais aceita é que os mares do K2-18b fervilhem com bactérias ou algo assim.

Ao analisar o espectro de luz da atmosfera do planeta, o grupo de pesquisadores encontrou assinaturas de DMS e DMDS. Na Terra, tais compostos são produzidos unicamente por seres vivos

E vida inteligente? Há muito a humanidade busca saber se não está solitária no cosmos. Mesmo que haja extraterrestres entre as estrelas, subsiste a dificuldade da distância: o K2-18b está a 124 anos-luz da Terra (cada ano-luz corresponde a 9,5 trilhões de quilômetros). Pelas leis da física como as conhecemos, qualquer contato se afigura como altamente improvável.

Nada disso diminuirá o brilho da descoberta, se comprovada. Ela fala à curiosidade atávica da humanidade pela origem dos fenômenos que lhe deram a luz.

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

A arte da incerteza

Hélio Schwartsman

Seres humanos temos horror ao acaso, mas é ele quem dá as cartas nos mais diversos aspectos de nossas vidas. Pior, a estatística, que é a ferramenta de que dispomos para entender o acaso e lidar com ele, é irredutivelmente subjetiva. Esse é um resumo, só um pouquinho floreado, de "The Art of Uncertainty" (a arte da incerteza), de David Spiegelhalter (Cambridge).

O que eu gostei em "The Art..." é que o autor não se furta às questões difíceis, que ficam na zona cinzenta entre a matemática e a filosofia. Um exemplo? Ele chega a afirmar que a probabilidade, compreendida como uma propriedade objetiva do mundo, não existe. Quer dizer, talvez até exista em nível subatômico, no mundo quântico. Mas, nas dimensões em que operamos, probabilidades só refletem expectativas subjetivas de quem as enuncia.

Estamos, então, num vale-tudo? Está inaugurada a era das "fake statistics"? Não é bem assim. A menos que queira ser rápida e irrevogavelmente desmentido pela realidade, o estatístico precisa agir bayesianamente e ajustar suas previsões às novas informações que vai recebendo. A probabilidade é muito mais uma medida de nossa ignorância do que a expressão de certezas.

Essas discussões metafísicas são apenas uma parte pequena do livro, que também traz boas sacadas probabilísticas, como a de separar quanto dos resultados do futebol nas principais ligas se deve à sorte, quanto ao talento dos jogadores.

Sobra até para Ricardo Nunes, o prefeito de São Paulo. Uma das coisas que Spiegelhalter mostra é que o uso de câmeras de reconhecimento facial para capturar foragidos, como as alardeadas no Prisômetro paulistano, estão fadadas a produzir problemas.

Mesmo que os programas não tivessem nenhum viés e apresentassem uma performance invejável, de, digamos, 70% de reconhecimentos certeiros e apenas 1 em 1.000 falsos positivos, o sistema geraria mais falsos alertas (59%) do que alarmes reais. O problema não está no programa, mas na ideia de aplicá-lo indiscriminadamente a multidões.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

Governo subestima a oposição

Dora Kramer

Incrível como o governo é pego desprevenido pela oposição. Leva rasteira atrás de rasteira e ainda se surpreende. Isso acontece porque subestima o oponente.

Acabou se acontecer com o projeto de anistia aos golpistas. O Palácio dormiu no ponto, acordou tarde e o líder no Senado, Randolfe Rodrigues (PT), para justificar a inércia, saiu-se com esta: "Não entramos em campo antes porque quando o adversário está errando não se deve interrompê-lo".

Uma versão enviesada da arte da guerra considerando o equívoco de perspectiva, pois quem errava era o governo ao não ser capaz de detectar a tempo o movimento dos ventos. Resultado, quando viu, Inês estava quase morta.

O requerimento de urgência alcançou as assinaturas necessárias, o pedido foi protocolado e, sem força para retaliar os signatários de partidos da base, restou aos inquilinos do poder correr atrás de desistências tardias a fim de respaldar o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos), na tentativa de amenizar o prejuízo no colégio de líderes.

Ainda que se derrube a urgência, a oposição seguirá no domínio do tema, pois conseguiu distorcer os fatos a ponto de muita gente boa e informada passar a acreditar que havia inocentes na culminância da conspirata no 8/1. Alguma anistia sairá.

E por que o Planalto não atuou antes para impedir as assinaturas ao menos daqueles que a ministra Gleisi Hoffmann (PT) chamou de "desavisados"? Por um misto de incompetência, arrogância e falta de tino para perceber que ali estavam todos perfeitamente avisados de que o requerimento funcionaria como recado ao Executivo e ao Judiciário.

Assim como não há inocentes na trama do golpe, não há cândidos no Congresso. Ingênuos movidos pela soberba, pelo visto, só existem entre os governistas-raiz. Tinham o melhor dos argumentos: a punição severa à intentona para evitar reincidência, mas deixaram-no se perder na mitificação bem engendrada pelos arquitetos do objetivo maior de livrar Jair Bolsonaro (PL) do merecido corretivo.

RIO DE JANEIRO

Arroto em sociedade

Ruy Castro

Um jovem influencer, Mykhailo Viktorovych Polyakov —apesar do nome, americano—, foi preso há dias em Port Blair, arquipélago a 1,3 km a leste da Índia. Burlando todas as proibições, ele penetrara na ilha de Sentinel, território indiano na baía de Bengala. Queria se comunicar com os sentinelenses, uma comunidade nativa protegida por isolamento, sem contato com brancos ou com qualquer um de fora. Mykhailo chegou lá num bote inflável e, com sua câmera GoPro, meteu-se pela mata à procura deles. Como não viu ninguém, voltou desapontado para o bote, deixando na praia, como souvenir, uma garrafa de Coca-Cola Diet.

A lei do país prevê uma pena de cinco anos para isso, e com razão. Tribos isoladas são muito vulneráveis ao contato com estranhos. O espirro de um dito civilizado contamina um cidadão local, estende-se à família dele, aos amigos e vizinhos, e, de repente, toda a comunidade pode cair morta. Um sarampo, então, extermina a tribo inteira. Os sentinelenses, sabendo disto, não são muito sociáveis —às vezes recebem os intrusos a flechadas e jogam os corpos no mar. De vez em quando, um missionário vai para o céu mais cedo. Daí o rigor das autoridades. Elas não querem que ninguém se machuque, menos ainda os indígenas —os brancos são de mais fácil reposição.

O agravante para o crime de Mykhailo foi a Coca-Cola deixada para trás, mesmo Diet. Impossível calcular o estrago provocado pela introdução dessa bebida em qualquer burgo, mesmo nos de razoável estágio de civilização. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando os americanos impuseram a Coca-Cola aos derrotados japoneses, o linguista S.I. Hayakawa declarou: "Que vingança terrível por Pearl Harbor!".

No Brasil, que conheceu a Coca-Cola em 1942, ela logo mudou certos hábitos. Pela primeira vez, passamos a tomar refrigerante pelo gargalo, coisa que nunca se fizera com o guaraná.

E, contrariando a etiqueta, o arroto em público —pelo gás da Coca-Cola, a que as pessoas não estavam habituadas— passou a ser aceito em sociedade.

A vez da performance do papagaio

Na verborragia de hoje, importa a voz da chefia e o desempenho, e não o significado das palavras

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

O democrata Cory Booker, primeiro senador negro de New Jersey, bateu o recorde mundial de duração de um discurso parlamentar, falando em pé na tribuna contra Trump 25 horas ininterruptas, sem pausa para a toalete. Oposicionistas insinuaram o uso de fralda, mas o fato é que ele superou o recorde do republicano Strom Thurmond, supremacista branco da Carolina do Sul que, muitos anos atrás, deblaterou por 24 horas contra a Lei dos Direitos Civis.

Em termos de energia física, essas façanhas evocam as maratonas de dança durante a Grande Depressão nos EUA, cujos participantes iam até a exaustão para ganhar alguns trocados. Foram dramatizadas em "A noite dos desesperados", filme célebre de Sidney Pollack (1969). Algo não tão estranho quanto a famosa epidemia de Estrasburgo (1518) em que as pessoas dançavam até a morte, mas extremo ainda assim.

Em extremismo vocal, os senadores superam Fidel Castro, quando falava seis horas a um público que se esbaldava em rum, melancia e danças. Aparentemente ninguém escutava nada, mas há testemunha de que, uma vez, quando tossiu, a multidão gritou em uníssono: "Que se cuide, Fidel!". Já entre nós, é recente a opinião do ator Marco Nanini depois de uma sessão da Câmara dos Deputados: "Aquilo é um caos, todos falam, ninguém ouve!"

Cory Booker não trouxe surpresas aos pares no Senado. Mas sua performance é sobressalto crítico ao espírito do tempo em que loucura não é só construção dramática

Mas psitacismo, a performance do papagaio, tem relevância acadêmica. Sobre mecanismos sociais contrários ao Estado, o etnólogo Pierre Clastres observou que os Guayki, sem obedecer literalmente ao chefe, davam grande importância à sua fala. Não pelo dito, mas pelo longo desempenho, uma retórica do tempo em que importa a voz da chefia, não o significado das palavras.

Agora, com a racionalidade oficial pelo avesso, vale uma ideia do que Cory Booker disse, ou apenas performou, chocado por magna obscenidade. Se entendermos a palavra como ver sem mediações a cena de um tabu, é espantosamente obsceno o governo de Donald Trump. Ele é o primeiro a acumular o cargo com gestão de negócios. Em Doral, seu resort de 643 apartamentos, próximo a Mar-a-Lago, mistura golfe com levantamento de fundos, já em campanha para um hipotético terceiro mandato. O preço por cabeça de um jantar é US$ 1,3 milhão. Disse um dos convidados: "É tudo só negócios e dinheiro. A América é uma empresa".

Obscena é a exibição sem véus do poder mefistofélico do dinheiro, indiferente à turbulência e ao sofrimento causados por Trump, agente da destruição pelo caos, que mascara seus interesses privados. Aos investidores bilionários garante que "não é a hora de ficar apenas rico, e sim mais rico". Disso tomou conhecimento a imprensa enquanto ele jogava golfe com Yasir Al-Rumayyan, gestor do fundo soberano de US$ 925 bilhões da Arábia Saudita.

Tudo isso é público, a fala de Cory Booker não trouxe surpresas aos pares no Senado. Mas sua performance é um sobressalto crítico ao espírito do tempo em que loucura metódica não é apenas construção dramática. A expressão machadiana "química do tempo" daria talvez melhor conta do que se passa: uma assustadora e acelerada dissolução dos sentimentos morais.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Brasil e a inovação: o país da piada pronta ou um jogador global?

Dispomos de talentos, biodiversidade e universidades de ponta; falta-nos uma estratégia nacional robusta, com compromisso político e visão de futuro

Jose Eduardo Krieger
Professor da Faculdade de Medicina da USP e do InCor; ex-pró-reitor de Pesquisa da USP (2014-18)

A recente onda de taxações promovida pelo governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reacendeu o debate sobre protecionismo e comércio internacional. O Brasil, por meio de suas autoridades, posicionou-se contra essas medidas, o que, à primeira vista, pareceria coerente com os princípios de livre mercado.

No entanto, há um grave contrassenso: entre os países do G20, o Brasil é a terceira economia mais fechada, considerando a soma de importações e exportações em relação ao PIB. Criticar o protecionismo alheio enquanto se mantém um sistema ainda mais protecionista é incoerência estratégica, uma verdadeira piada pronta.

Esse paradoxo se estende ao sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação. O país já demonstrou sua capacidade inovadora em setores como o petróleo, na prospecção em águas profundas com a Petrobras; a indústria aeroespacial, com a Embraer; e o agronegócio, impulsionado pelas universidades públicas e a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para transformar biomas antes considerados inóspitos em polos agrícolas produtivos.

Esses são exemplos de como a ciência pode se traduzir em riqueza quando há articulação entre academia, empresas e Estado.

Mas esses casos são exceções. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação continua com orçamento reduzido e baixa articulação com outras pastas. A inovação, que deveria ser eixo central do desenvolvimento, é tratada como acessório. Como explicar que não haja um esforço coordenado entre os ministérios da Fazenda, Desenvolvimento, Agricultura, Saúde e Educação? A ausência dessa articulação representa desperdício de oportunidades e talentos.

A formação de recursos humanos também preocupa. Até 2023, um em cada quatro jovens brasileiros entre 25 e 34 anos não havia completado o ensino médio, o dobro da média da OCDE. Um quarto dos jovens entre 18 e 24 anos está fora da escola e do mercado de trabalho (os chamados "nem-nem"). Embora o número de doutores tenha crescido, o Brasil tem apenas cerca de 10 doutores por 100 mil habitantes, contra 30 nos países desenvolvidos. Menos de 30% atuam no setor produtivo e só uma minoria, menos de 20% desses, está em áreas-chave como engenharia, física, computação ou química, exatamente aquelas que deveriam ser priorizadas e que deveriam compor a espinha dorsal da inovação tecnológica e industrial.

Inovação não é um luxo acadêmico, é necessidade econômica e social. É preciso integrar ministérios, desburocratizar, alinhar orçamentos e criar um ambiente propício à transformação do conhecimento em bem-estar

O cenário se agrava na transição da academia para o mercado. Um pesquisador que trabalha com genômica ou terapias avançadas conta, na universidade, com isenções fiscais para importar insumos e equipamentos. Ao se tornar empreendedor ou entrar em uma empresa, enfrenta um ambiente hostil: altas tarifas de importação, burocracia e encargos que comprometem a competitividade internacional. Como competir globalmente se a inovação é penalizada em vez de incentivada?

O Brasil precisa decidir se continuará sendo o país da piada pronta ou se assumirá seu papel como protagonista global. Dispomos de talentos, biodiversidade, universidades de ponta e exemplos concretos de inovação. Falta-nos uma estratégia nacional robusta, com compromisso político e visão de futuro.

Recolocar a ciência e a inovação no centro da política de desenvolvimento é urgente. Inovação não é um luxo acadêmico, é necessidade econômica e social. É preciso integrar ministérios, desburocratizar, alinhar orçamentos e criar um ambiente propício à transformação do conhecimento em bem-estar.

O tempo da retórica acabou. A escolha é clara: ou seguimos no atraso ou inauguramos, com coragem e compromisso, um novo ciclo de desenvolvimento competitivo, sustentável e inclusivo.

Não há alternativas para as penas aplicadas aos golpistas de 8 de janeiro

Crimes são graves, não se trata de invasão de domicílio ou furto; por pouco, essa discussão nem aconteceria: bastaria que a intentona tivesse dado certo

Lenio Luiz Streck
Jurista, professor e advogado, é autor, entre outros, de 'O que é Fazer a Coisa Certa no Direito' (ed. Dialética)

O jurista Davi Tangerino escreveu artigo na **Folha** ("Alternativas ao espantalho da anistia", 16/4) criticando o montante das penas aplicadas aos golpistas de 8 de janeiro. Propõe alternativas para esvaziar o "espantalho da anistia", a partir da redução das penas, indulto parcial e até mesmo alteração da Lei de Defesa do Estado Democrático.

Tangerino diz que a premissa usada para não ser preciso apontar em detalhes as condutas individuais da massa do 8 de janeiro —o fato de ter sido cometido em turba— é intrinsecamente contraditória com a condenação por associação criminosa; além disso, as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) ignoraram o evidente incentivo dado pelo Estado (Forças Armadas e alto escalão do governo federal à época) aos que clamavam por uma intervenção militar. Propõe até mesmo um indulto parcial.

Não é possível concordar com o articulista. A par do problema político, há problemas jurídicos nas propostas. A questão do indulto é opção política e há precedente do STF sobre isso no caso Daniel Silveira, dizendo não caber graça ou indulto para esse tipo de crime por existir vedação implícita. Afinal, nenhuma democracia pode cometer haraquiri perdoando quem lhe quis destruir. É uma contradição insuperável e desvio de finalidade do instituto.

E o autor erra ao dizer que seria contraditório condenar por associação criminosa quando se trata de turba. Até porque, no caso concreto, a ação dos golpistas não se desenvolve apenas no dia 8; há um ajuste prévio naqueles acampamentos que clamavam por intervenção militar. Portanto, havia uma programação. Não há espontaneidade.

É claro que a associação criminosa exige uma certa permanência, mas —atenção— pelo tempo de duração dos acampamentos já se pode ver que havia uma (longa) permanência. Não foi um acampamento de um ou dois dias. Não foi algo de passagem para os golpistas.

A solução do problema apresentada por Tangerino acaba sendo o problema da solução. O conceito de associação criminosa não é incompatível com crime cometido por multidão. Aliás, os autores não foram condenados aos crimes de tentativa de golpe e abolição violenta pelo fato de estarem em multidão. Isso foi utilizado para os crimes de dano. Uma coisa importante: pessoas podem se associar e nem mesmo virem a cometer o crime.

Brasil afora os juízes pegam mais pesado. Ficaram altas porque as penas dos crimes são elevadas, aprovadas pelo legislador e sancionadas pelo então presidente Jair Bolsonaro

As penas —tidas por elevadas— foram aplicadas no modus operandi com que são aplicadas penas todos os dias no Brasil. Na verdade, aplicadas no mínimo. Brasil afora os juízes pegam mais pesado. Ficaram altas porque as penas dos crimes são elevadas, aprovadas pelo legislador e sancionadas pelo então presidente Jair Bolsonaro. E veja-se: trata-se de tentativa de golpe e abolição da democracia. As penas não poderiam ser do quilate de uma invasão de domicílio ou furto. São crimes graves.

Como não é possível anistiar ou indultar, porque inconstitucional, o máximo que pode ser feito, não pelas razões apontadas por Tangerino, é, em cada caso, se ainda não transitou em julgado, via embargos de declaração, fazer pequenos ajustes. Nada mais do que isso. O resto é casuísmo. Afinal, temos mais 800 mil presos para atender.

E a propósito: por pouco esta sadia discussão nem aconteceria. Bastaria que o golpe tivesse dado certo.

Eufrázio

opinião **agenda**

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br


Vista do Jardim Alfomares, em Santo Amaro Eduardo Knapp - 26.jun.23/Folhapress

Arborização
"Um terço da população urbana no Brasil vive em ruas sem árvore, diz Censo" (Cotidiano, 17/4). Um número longe de representar a verdadeira realidade, de cidades que quase nada investem na arborização urbana há décadas. Seja em recursos para um plantio técnico-científico, seja para a sua manutenção correta e periódica, o que, claro, resulta em tragédias e uma má vontade crônica da população contra as árvores. Fora que nossas cidades são, em sua maioria, ilhas de calor deliberadas que semeiam tempestades extremas devido à aridez. Triste.
Ricardo Cardim (São Paulo, SP)

Violência
"Estudante da USP é encontrada morta em estacionamento na zona leste de São Paulo" (Cotidiano, 18/4). O que está acontecendo com as mulheres é, se levarmos em consideração o número de mulheres assassinadas todos os anos, uma verdadeira chacina. Os assassinos agem como lobos. Uma ovelha sozinha é vítima fácil.
Maria Milhome (Brasília, DF)

*

Mulheres estão com sua circulação interditada, literalmente!
Jane Medeiros
(Rio de Janeiro, RJ)

Futuro da legenda
"PSDB prepara fusão com Podemos para tentar voltar ao jogo após definhar" (Política, 18/4). Um partido que foi negando a sua origem, tomada por aventureiros egoístas, perdeu a sua afinidade com seus eleitores, não pode sobreviver por muito tempo.
Paulo Silva Barbosa
(São Paulo, SP)

Cassação
"Glauber Braga encerra greve de fome após aceno de Hugo Motta" (Política, 17/4). Deveriam deixar essa parte de fazer teatrinho dramático para a direita. Glauber tentaria emplacar uma cassação contra o Kim se fosse o oposto. Por enquanto, ele reverteu uma situação onde ele tinha perdido no próprio jogo de responder adversários no mesmo nível.
Leonardo Trindade
(São Paulo, SP)

ERRAMOS
erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (19.ABR., PÁG. A15) Diferentemente do publicado na reportagem "iFood afirma na Justiça estar fora do teto do Perse e segue sem recolher impostos", a empresa voltou a recolher tributos previstos no programa em 2025.

Assunto Você já cuidou de alguém, leitor?

Cuido do meu marido, que tem 59 anos, e está com Alzheimer precoce. Sem mais resistência física e emocional, o levei a uma casa de repouso. Me senti simplesmente sozinha. São anos de cuidados intensos, dia e noite. É desgastante vê-lo definhando a olhos nus e ter que lidar com situações inusitadas o tempo todo: ele não se localiza na própria casa, não reconhece pessoas, não consegue mais beber um copo d'água... Decisões entristecem, pois se tem certeza de que não há melhora ou cura.
Roseli Pereira Mendes
(São Paulo, SP)

*

Cuidei de minha mãe acometida por demência. Tive dificuldade com o tratamento adequado, pois a maioria dos profissionais da saúde não sabe lidar com doenças ameaçadoras da vida. Contei com cuidadoras contratadas, mas mantinha a vigilância. Precisava pensar a vida de alguém no nível mais básico de sua existência.
Rodney Domingues (Valinhos, SP)

*

Minha mãe tem uma doença degenerativa e caiu quebrando o fêmur. Para não perder a perna, os médicos decidiram cimentá-la. Ou seja, não dobra mais. Ela depende de mim. A logística para ir a qualquer lugar é complicada. Me senti feliz em poder ajudar, mas desgastada física e emocionalmente .
Raquel Araujo da Silva Bertin
(Atibaia,SP)

*

Precisei cuidar de meu filho João, com 8 anos, órfão de mãe e com diagnóstico de TEA. A experiência é de falta de apoio de órgãos públicos especializados, porque não existem no Brasil. Me senti sozinho. Também já precisei ser cuidado por alguém. Foi uma experiência muito ruim, de total abandono.
José Carlos Fassina (Limeira, SP)

*

Cuidei do meu neto e de minha mãe e me senti sobrecarregada.
Ceres Lorena da Silva Estevam
(Santa Cruz do Sul, RS)

*

Cuidei dos meus pais idosos, com algumas enfermidades. Minha mãe tinha 66 e meu pai, 72, quando foram levados pelo tsunami chamado Covid. Tive o prazer de cuidar deles, ouvir suas histórias e ter o carinho sempre atento para lhes dar o que pude.
Wellington de Sousa Sales
(São Paulo, SP)

*

Cuidei de meus pais por 12 anos. Descobri que cuidar é uma experiência grandiosa na qual cabe luz e sombra. Aprendi meus limites e a respeitar os de meus pais. O papel do cuidador é ainda muito invisível para sociedade e para quem cuida. Também recebi cuidados. Ao longo da vida, todos precisamos, ainda que seja difícil se sentir vulnerável e dependente. Durante o processo de adoecimento de meus pais e no luto, fiz terapia e aprendi a pedir ajuda a amigos e familiares. Foi essencial para não adoecer junto e ver as oportunidades no processo.
Júlia Jalbut (São Paulo, SP)

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje 16° 22°

0h 6h 12h 18h 24h

Amanhã 16° 21°

	Hoje	
Rio	21°	27°
Brasília	19°	27°
Ribeirão	18°	27°
	Amanhã	
Rio	20°	25°
Brasília	19°	29°
Ribeirão	18°	29°

Fonte: www.climatempo.com.br

DOMINGO DE PÁSCOA

O QUÊ A Arquidiocese de São Paulo realizará neste domingo (20) as tradicionais missas e celebrações da Páscoa.

PROGRAMAÇÃO
- 9h: Celebração eucarística com bênção dos Ramos;
- 10h30: Bênção dos Ramos e procissão saindo do Marco Zero da cidade;
- 11h: Solene celebração eucarística;
- 16h: Celebração eucarística com bênção dos Ramos.

ONDE Na Catedral da Sé, localizada na praça da Sé, no centro de São Paulo.

TRANSPORTE PÚBLICO

Alterações na operação da CPTM nesta segunda-feira (21), feriado de Tiradentes

SERVIÇO 710 Durante toda a operação comercial desta segunda-feira (21), os passageiros utilizarão a plataforma 5 na estação Palmeiras-Barra Funda para embarque e desembarque.

Já na estação Botujuru, das 9h às 20h, o embarque e o desembarque de usuários ocorrerão por meio da plataforma 1.

LINHA 12-SAFIRA Das 7h às 20h, o embarque e o desembarque na estação Tatuapé serão realizados pela plataforma 2.

E, das 23h30 até o fim da circulação desta segunda-feira, os trens utilizarão apenas a plataforma 1 das estações Itaim Paulista e Jardim Romano.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 20.ABR.1925


Folha da Noite

DIVERSÕES

Pela Sociedade

Diocese de Santos tem 1º bispo, e cidade lhe dá grande recepção

Fiéis católicos em Santos promoveram uma grande recepção para dom José Maria Parreira Lara, que tomou posse neste sábado (18) como o primeiro bispo da diocese da região. O trem com o religioso chegou às 17h25, e uma multidão à sua espera enchia a estação da cidade. No momento em que ele desembarcava, os sinos das igrejas de Santos bimbalhavam, bandas tocavam músicas (como, por exemplo, o hino pontifício) e os navios ancorados no porto apitavam. Dom José Maria, sob aclamação constante, foi primeiro para a igreja de Santo Antônio do Valongo e, de lá, dirigiu-se, em procissão, para a catedral santista.

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Eufrázio

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Plano de carreira

A maior parte dos 27 governadores tem como plano A para 2026 buscar candidaturas ao Senado, opção citada por 13 deles. São exemplos Claudio Castro (PL-RJ), Renato Casagrande (PSB-ES), Helder Barbalho (MDB-PA) e Ibaneis Rocha (MDB-DF). O contingente aumentará se outros 3 desistirem de seus projetos presidenciais: Eduardo Leite (PSDB-RS), Ratinho Jr. (PSD-PR) e Ronaldo Caiado (União-GO). Já Helder poderá desfalcar o time dos candidatos ao Senado caso emplaque como vice de Lula.

MAIS 4 ANOS Um caso singular é o de Romeu Zema (Novo-MG), que não quer mandato de senador e cogita apenas disputar a Presidência ou ser vice. Outros 9 governadores colocam a candidatura à reeleição como plano. A lista inclui Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), mas ele poderá mudar para uma candidatura presidencial. O único que já declarou que não pretende disputar a eleição é o alagoano Paulo Dantas (MDB), que deve ficar no cargo até o fim.

CURRÍCULO Vice-prefeito de SP, o coronel Mello Araújo (PL) diz que se apoiará em suas experiências como chefe da Rota e diretor da Ceagesp para administrar a cidade interinamente pela primeira vez, durante viagem de dez dias de Ricardo Nunes (MDB) pela Ásia, a partir desta semana. "Venho junto ao Ricardo [Nunes] ajudando a tocar as secretarias e não vou ter dificuldade nenhuma. As experiências na polícia e na Ceagesp me dão este preparo, e não vamos inventar nada", disse o vice ao Painel.

DÊ CHANCE À PAZ
A greve de fome do deputado Glauber Braga uniu o PSOL num momento de tensão crescente na legenda. O partido, que completa 20 anos em 2025, vive disputa entre alas mais e menos alinhadas a Lula e iniciou a revisão de seu programa político, num processo que pode aprofundar a divisão interna. O "efeito Glauber" deve pacificar a legenda, ao menos temporariamente.

COMODATO O PT solicitou ao TSE o empréstimo de urnas eletrônicas para a eleição interna que escolherá o presidente do partido, em julho. O presidente interino da legenda, senador Humberto Costa (PE), e a tesoureira, Gleide Andrade, se reuniram no final de março com a presidente da corte, ministra Cármen Lúcia. O tribunal ainda não deu resposta sobre a solicitação.

ZAP O partido avalia ainda outros métodos de votação. Um deles é o da OAB-SP no ano passado, que fez sua eleição por um aplicativo de celular.

CONFIÁVEL A Prefeitura de SP descarta ocorrência de erros no Smart Sampa, objeto de uma representação do PSOL ao Ministério Público, como mostrou o Painel. A gestão Ricardo Nunes (MDB) diz que a identificação de indivíduos pelas câmeras só ocorre com grau de certeza acima de 92%. "Todos os alertas passam obrigatoriamente por validação humana, como medida adicional de segurança", diz em nota.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O deputado **Glauber Braga** (PSOL-RJ), que encerrou sua greve de fome após obter um acordo que lhe dá fôlego para tentar escapar da cassação.

PERDEDOR DA SEMANA
O diretor da Abin, **Luiz Fernando Corrêa**, cuja permanência no cargo está por um fio após acusações de espionagem no Brasil e contra o Paraguai.

FIQUE DE OLHO
Líderes na Câmara discutem urgência da proposta **de anistia**, enquanto STF considera redução de algumas penas; Lula visita projeto de **reforma agrária** no Pará.

Com Danielle Brant e Carlos Petrocilo

Emendas parlamentares chegam ao exterior e pagam até ONU e psicólogos nos EUA

Governo usou R$ 19 milhões de verbas em outros países, sob Bolsonaro e Lula; Itamaraty e deputados citam auxílio a brasileiros

Júlia Barbon

Congressistas enviaram R$ 19 milhões em emendas para ações em outros países nos últimos 5 anos
Valores pagos, em R$ milhões*



* Corrigidos pela inflação

Congressistas que mais destinaram emendas a ações do governo no exterior
Valores pagos, em R$ milhares



** Deputada licenciada

Principais beneficiários de emendas usadas no exterior
Valores pagos entre 2020 e 2025, em R$ milhares

ONU Contribuição obrigatória	4.083
Tribunal Penal Internacional Contribuição obrigatória	4.083
Unops (Escritório da ONU para Serviços de Projetos) Apoio logístico a cooperação humanitária	2.094
Farm House of Creativity (agência de eventos) Pavilhão brasileiro na Feira do Livro de Bogotá	515
Ambe (Apoio à Mulher Brasileira no Exterior) Serviço de assistência psicológica	394
OIC (Organização Internacional do Café) Grupo que reúne governos exportadores e importadores	333
Virna Bars Moretti Psicóloga no Consulado de Miami	280
Art Review Ltd (revista de arte) Divulgação de ações artísticas da diplomacia brasileira	242

Fonte: Portal da Transparência do Governo Federal

SÃO PAULO Emendas parlamentares têm sido usadas até para pagar taxas obrigatórias do Brasil à ONU (Organização das Nações Unidas) e financiar colaboradores de consulados do país no exterior, incluindo psicólogos e advogados que atendem, sobretudo, imigrantes brasileiras em cidades como Miami, Nova York e Boston.

Com uma parcela do Orçamento cada vez maior na mão do Congresso, o Itamaraty e o Ministério do Planejamento e Orçamento —responsável pelos pagamentos a organizações internacionais— também têm buscado verbas do Legislativo para ações fora do país.

Desde 2020, deputados e senadores destinaram R$ 19 milhões a essas ações, considerando os valores já pagos e corrigidos pela inflação, segundo dados da plataforma Central das Emendas. Elas foram executadas tanto na gestão de Jair Bolsonaro (PL) quanto na de Lula (PT).

A **Folha** analisou esses repasses, cuja existência surpreendeu pesquisadores, técnicos e assessores parlamentares consultados que lidam diariamente com emendas. Normalmente, os congressistas costumam mandar os recursos para obras e projetos em suas bases eleitorais.

Especialistas criticam, de forma geral, a dimensão que as emendas tomaram na última década com mudanças na Constituição feitas pelo Congresso, o que gerou uma alocação fragmentada e por vezes sem critérios dos recursos federais.

As emendas usadas no exterior são uma parte pequena do total de R$ 118 bilhões pago nos últimos cinco anos, mas também quintuplicaram na comparação entre 2020 e 2024. Nesse caso, os valores são orçados em dólares, por isso a quantia paga às vezes é maior do que o previsto (empenhado).

Quase metade do montante que terminou fora do país veio das comissões de relações exteriores do Congresso. A pedido do governo, em 2023, o grupo do Senado dividiu cerca de R$ 9 milhões entre a ONU e o Tribunal Penal Internacional, enquanto o da Câmara destinou seus R$ 333 mil à Organização Internacional do Café (OIC).

Segundo o Itamaraty, os repasses se referiram à "quitação das obrigações brasileiras junto a organismos internacionais, [...] que é fundamental para a atuação diplomática do Brasil no cenário internacional, evitando que o sofra constrangimentos e sanções."

O Ministério do Planejamento também afirmou que "tais contribuições são classificadas como despesas obrigatórias de caráter continuado", mas não respondeu por que precisou de emendas para quitá-las naquele ano.

Já a outra metade das emendas usadas no exterior é individual, de 26 congressistas. Sete dos dez nomes que fizeram as maiores indicações são do partido Republicanos, estando no topo da lista os deputados Maria Rosas (SP), Rosangela Gomes (RJ, licenciada) e Gilberto Abramo (MG), líder da sigla na Câmara.

A legenda diz que recebeu uma proposta do Itamaraty para colaborar com ações no exterior e que a acatou, pedindo que parlamentares atendessem à solicitação do ministério: "Desde 2020, é graças às emendas parlamentares dos deputados do Republicanos que muitas iniciativas no exterior se mantêm", afirma.

Entre os 309 beneficiários das emendas aplicadas em outros países, além de organizações internacionais, entidades e empresas, a reportagem identificou 75 nomes próprios de prestadores de serviços que receberam R$ 2,3 milhões no período, por meio de pessoa física ou jurídica.

Continua na pág. A7

Continuação da pág. A6

Segundo o Itamaraty e o Republicanos, a maior parte desses profissionais atua nos Espaços da Mulher Brasileira, projeto que surgiu em 2017 e hoje existe em nove consulados, nos EUA, na Europa e na Argentina. Na prática, são consultoras contratadas para auxiliar imigrantes brasileiras em situação de vulnerabilidade.

Além delas, as emendas ajudam a bancar ainda psicólogos e advogados das unidades, que também atendem essas mulheres. Os profissionais passam por processo seletivo local, têm contratos temporários e recebem em dólares, por horas trabalhadas. A maioria também demonstra atuar de forma privada.

A psicóloga Virna Moretti, por exemplo, foi a sétima maior beneficiada pelas emendas no exterior.

Ela recebeu R$ 280 mil no último ano, uma média de R$ 23 mil por mês, pelo Consulado-Geral do Brasil em Miami, onde a carga horária máxima é de 40 horas semanais. Com a variação cambial, o pagamento por um mês de trabalho passou de R$ 19 mil em fevereiro de 2024 para R$ 28 mil em dezembro.

Procurada, ela afirmou que tem formação nos dois países e que costuma atender casos delicados envolvendo tráfico humano, violência doméstica e outros crimes, "trabalho de extrema responsabilidade e sensibilidade". "O valor pago por tais serviços, ao longo desse período, se manteve nitidamente abaixo da remuneração média correspondente nos EUA", disse.

Em Nova York, as brasileiras Danielly Ortiz e Stephanie Mulcock receberam R$ 217 mil e R$ 191 mil desde junho de 2022, respectivamente, por "serviços de consultoria para o Espaço da Mulher Brasileira". Em Boston, a empresária de marketing Juliana Ávila Lobo recebeu R$ 180 mil por "serviços de apoio administrativo, técnico e operacional".

Um funcionário consular que não quis se identificar diz que o orçamento disponível para a política externa brasileira é insuficiente e classifica o uso de emendas como um "puxadinho". Para ele, porém, nesse caso o dinheiro está sendo bem utilizado.

Marina Atoji, da ONG Transparência Brasil, afirma ser "surpreendente que representações consulares não tenham recursos suficientes" e também tenham que contar com emendas.

Questionado sobre por que teve que recorrer a essas verbas, o Itamaraty respondeu que as emendas apenas "reforçam a dotação orçamentária 'assistência a brasileiros no exterior'.

As duas deputadas que mais enviaram recursos, Maria Rosas e Rosangela Gomes, também defendem a importância do projeto e dizem que a verba está em linha com sua atuação em defesa das mulheres.


Glauber Braga com a mãe, Saudade Braga, morta em 2024 Reprodução/Glauber Braga no Instagram

Fã de Chávez, Glauber ganhou cargo da mãe e rompeu com Romário

Deputado teve enfrentamentos com Moro e Cunha antes de embate com Lira, a quem atribui sua tentativa de cassação

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Em um dos embates da ex-prefeita de Nova Friburgo, Saudade Braga (PSB), com vereadores, seu filho, Glauber Braga, decidiu gravar os pedidos feitos pelos adversários que dificultavam o mandato da mãe.

A exposição pública de rivais gerou investigação e burburinho na cidade, que fica na região serrana do Rio de Janeiro, e mostra, para Fábio Gripp, assessor do deputado federal do PSOL, como Glauber atua em situações de enfrentamento, expondo o que considera erros dos seus adversários.

Nos últimos anos, Glauber ganhou projeção ao fazer embates públicos com Sergio Moro (União Brasil), Eduardo Cunha (MDB) e Arthur Lira (PP). O estilo se tornou incômodo na Câmara dos Deputados, onde enfrenta um processo de cassação por ter agredido um militante do MBL.

Na última quinta (17), Glauber encerrou greve de fome que durava oito dias contra a abertura do processo de cassação. A decisão foi tomada depois de o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), suspender seu caso por dois meses.

Os enfrentamentos marcaram a nacionalização do perfil de atuação política do deputado, que era mais vinculada à sua origem, na Região Serrana fluminense.

Filho de um casal de médicos brizolistas, Glauber acompanhava, na juventude, a mãe na Câmara Municipal. Assim que foi eleita prefeita, em 2000, Saudade nomeou o filho, aos 18 anos, como assessor em uma subprefeitura.

A primeira candidatura de Glauber para a Câmara, pelo PSB em 2006, foi durante o mandato da mãe. Atraiu quase 40% dos votos da cidade, mas os 51 mil recebidos o deixaram na suplência. Ele assumiu uma cadeira em 2009, após a nomeação do ex-deputado Jorge Bittar (PT) para uma secretaria no Rio de Janeiro.

Assim que chegou ao Congresso, comentou sobre a trajetória ligada à mãe e os cargos na prefeitura, onde foi secretário de Governo entre 2007 e 2008. A prática do nepotismo foi proibida pelo STF (Supremo Tribunal Federal) em agosto de 2008, após as nomeações de Glauber, mas sempre foi criticada pela própria esquerda.

Glauber foi reeleito em 2010, ainda com votação concentrada em Nova Friburgo. Começou a galgar posições no PSB e foi um dos artífices da intervenção do Diretório Nacional da sigla no Rio. Acusou o então presidente regional, Alexandre Cardoso, de agir "como um laranja" do ex-governador Sérgio Cabral em indicações.

"Glauber sempre foi muito impulsivo", disse Cardoso. O deputado assumiu o comando do partido ao lado do então deputado Romário. Atuou na campanha de Eduardo Campos à Presidência e coordenou o desembarque da gestão Cabral. Glauber foi reeleito em 2014 com sua maior votação já registrada (82 mil votos).

No ano seguinte, rompeu com Romário e o PSB. Ficou na sigla até setembro de 2015, quando foi para o PSOL em razão da adesão do antigo partido ao impeachment da ex-presidente Dilma.

Nesse período, ganhou notoriedade ao integrar um grupo contra a atuação de Eduardo Cunha no comando da Câmara. Durante a votação do impeachment, em 2016, o chamou de "gângster".

O ano de 2016 também marcou a virada no perfil político de Glauber. Já com visibilidade nacional, o deputado tentou, sem sucesso, a Prefeitura de Nova Friburgo.

"A ida para o PSOL não repercutiu bem no interior, onde a entrada do partido ainda é muito difícil", afirma Gripp, o assessor.

Durante a gestão Jair Bolsonaro (PL), manteve em evidência a verve contra o senador Sergio Moro, a quem chamou de "juiz ladrão" por sua atuação como magistrado na Operação Lava Jato.

Nas eleições de 2022, ele criticou o PSOL pela aliança com o presidente Lula. Na ocasião, Glauber defendeu uma candidatura própria à Presidência e se colocou à disposição para a disputa.

Foi no fim da legislatura passada que teve o principal embate com Arthur Lira. O ex-presidente da Câmara ameaçou expulsar Glauber do plenário após um bate-boca sobre a privatização da Petrobras. Desde então, os dois se viram como rivais.

O deputado do PSOL chamou Lira de "bandido" ao atribuir a ele o avanço de seu pedido de cassação, o que o ex-presidente da Câmara nega.

A vida pessoal de Glauber no período também sofreu baques. Casado com a deputada Sâmia Bomfim (PSOL-SP), teve o cunhado morto, há dois anos, em um quiosque da Barra da Tijuca, no Rio, ao ser confundido com um miliciano. O mal de Alzheimer, doença que acometia a mãe se agravou até sua morte, em maio de 2024.

Um mês antes da morte da mãe, Glauber agrediu Gabriel Costenaro, militante do MBL, quando ouviu dele que Saudade era corrupta.

Nesta legislatura, Glauber também viu crescer o filho Hugo. O nome foi, por parte do pai, uma homenagem a Hugo Chávez, ditador venezuelano morto em 2013. Por parte da mãe, Sâmia Bomfim, uma referência a Hugo Moreno, conhecido como Nahuel Moreno, famoso revolucionário argentino.


Glauber com Hugo Chávez, em 2011 Reprodução/Glauber Braga no X



Trajetória de Glauber Braga na Câmara

- Glauber Braga ganhou notoriedade ao integrar um grupo contra a atuação de Eduardo Cunha no comando da Câmara dos Deputados. Em 2016, o deputado chamou Cunha de 'gângster'
- Durante a gestão Jair Bolsonaro (PL), manteve em evidência a verve contra o senador Sergio Moro, a quem chamou de "juiz ladrão" por sua atuação como magistrado na Lava Jato.
- Nas eleições de 2022, criticou o PSOL pela aliança com o presidente Lula
- O nome de seu filho, Hugo, foi dado em homenagem ao ditador venezuelano Hugo Chávez, que morreu há mais de uma década


CIDADE DE SÃO PAULO
aqui o trabalho não para
EstúdioFOLHA
Prefeitura avança no maior programa de regularização de imóveis de São Paulo

Aponte a câmera de seu celular ou tablet e saiba mais

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Uma tragédia que o jornal não sabe contar

Sarah, 8, morreu num desafio difundido por redes sociais, e sua história revela mais do que parece

Alexandra Moraes

Centenas de comentários se ocuparam da cirurgia de Jair Bolsonaro e do Legislativo brasileiro em seus conchavos para um projeto de anistia a "responsáveis por atos pretéritos e futuros relacionados aos ataques à sede dos três Poderes". Todos assistem à paralisia de um Congresso que se mobiliza para resolver os problemas de peixes grandes com o pretexto de que não passam de pequenos lambaris.

Peço licença, porém, para falar de um caso que parece ter comovido menos gente, mas também aconteceu no Distrito Federal. Sarah Raissa, 8, morreu após ter inalado desodorante aerossol ao imitar um dos muitos desafios que, entra ano, sai ano, continuam a rodar as redes. Na notícia da **Folha** sobre sua morte, publicada no site no último dia 14, havia apenas 12 comentários. O jornal também foi mal no acompanhamento do caso.

Sarah teria visto o vídeo nas redes sociais. Mesmo familiares e cuidadores que proíbem o acesso a redes e vídeos não raro se surpreendem com o conhecimento dos filhos sobre o conteúdo das plataformas digitais. Personagens, bordões e ideias inundam o mundo real e se espalham como pragas, indiferentes às limitações parentais. Tornam-se temas de recreios, festinhas e vans escolares, mesmo com a recente proibição do celular em sala de aula, cujo gatilho foi uma obra de apelo singular, "A Geração Ansiosa", do psicólogo Jonathan Haidt.



Carvall

Publicado um ano atrás nos EUA, o estudo esmiuçou os danos do uso dos smartphones e das redes sociais por crianças e adolescentes e impôs a discussão aos grupos de zap dos pais, às escolas e ao poder público.

A pesquisa de Haidt mostra que casos como o de Sarah não são problemas apenas individuais ou de permissividade familiar. Barrar o consumo desses vídeos depende de circunstâncias multifatoriais sobre as quais as famílias sozinhas têm pouco controle.

Apesar da tragédia que é a morte de uma menina de 8 anos num contexto como esse, a cobertura revelou-se insuficiente, fraca. A ausência da **Folha** no enterro, ou ao menos o desconhecimento das declarações dos familiares naquela ocasião, fez o jornal ir atrás do TikTok enquanto a rede Kwai era colocada na mira, segundo o Metrópoles.

Era um detalhe num mundo em que "se você entrar no seu celular e colocar 'desafio do desodorante', você pode escolher a qual quer assistir", como denunciou Kelly Luane, tia de Sarah, em reportagem do Estado de S. Paulo. Mas era parte da história.

Ainda que do ponto de vista individual seja importante delimitar as circunstâncias que concorreram para a morte de Sarah, do ponto de vista sistêmico é preciso olhar também para a floresta e buscar políticas públicas que envolvam e responsabilizem as plataformas de modo mais amplo. Mostrar dados e dar visibilidade aos casos deveria ser até óbvio para um jornal como a **Folha**.

Cerca de um mês antes de vitimar Sarah, o mesmo desafio resultou na morte de Brenda Sophia, 11, em Pernambuco. A Folha ignorou o caso. É preciso acompanhar essas histórias e ligar os pontos das circunstâncias complexas que as envolvem

Cerca de um mês antes de vitimar Sarah, o mesmo desafio havia resultado na morte de Brenda Sophia Santana, 11, em Pernambuco. A **Folha** ignorou o caso.

É preciso um esforço maior para acompanhar essas histórias e ligar os pontos das circunstâncias complexas que as envolvem.

O alcance e a ubiquidade das redes não permitem tratar essas mortes como episódios isolados ou menores, e a cobrança das plataformas deveria ir além do recolhimento das notas de pesar.

São essas empresas, afinal, que podem escolher censurar desenhos de mamilos, mas, em nome de uma suposta liberdade de expressão, permitem a influenciadores ganhar dinheiro colocando crianças em risco. O cinismo do "faz quem quer" já não cola mais.

Na semana também houve uma operação policial contra quadrilhas online que miravam crianças e adolescentes. A lista de crimes era "tentativa de homicídio, induzimento e instigação ao suicídio, armazenamento e divulgação de pornografia infantil, maus-tratos a animais, apologia do nazismo e crimes de ódio em geral". Dos 9 suspeitos encontrados, a maioria (7) era adolescente —inclusive o que foi apontado como líder do bando, de 14 anos.

Essas tragédias mostram a ponta de um ecossistema que deveria encontrar nos jornais cobertura mais constante e consistente.

O erro de ignorá-lo beneficia uma estrutura perversa em que poucos ganham enquanto muitos perdem muito: tempo, atenção e vida, sem precisar sair de casa.

Galeria de fotos de ex-presidentes tem erros e controvérsias históricas

Mariana Brasil

BRASÍLIA A galeria de fotos dos ex-presidentes da República que fica exposta no salão principal do Palácio do Planalto exibe erros e controvérsias históricas sobre nomes e datas de nascimentos de alguns ex-chefes do Estado brasileiro.

Um desses casos aparece nas informações sobre Getúlio Vargas, cuja data de nascimento aparece na galeria como 19 de abril de 1883. No entanto, o Centro de Referência de Acervos Presidenciais, página do Arquivo Nacional que reúne dados de identificação de todos os ex-líderes, aponta o ano de 1882.

As datas estão inscritas abaixo das fotografias dos presidentes da história brasileira —todas em preto e branco, com exceção da imagem do presidente em exercício, que é colorida.

No caso do ex-presidente Fernando Collor de Mello, o erro é na grafia de seu nome do meio, Affonso. Na galeria no Planalto, ele aparece com apenas um "f".



Fotos dos ex-presidentes e do atual mandatário no Palácio do Planalto Gabriela Biló - 6.nov.24/Folhapress

Nos sites do Arquivo Nacional e do Senado (onde se manteve como parlamentar até 2023), está grafado com dois.

Outro presidente com dados imprecisos é João Goulart. O ano de nascimento de Jango consta como 1918. A galeria reproduz uma controvérsia histórica da vida de Jango. Segundo o Instituto João Goulart, Jango nasceu em 1919, mas teve uma segunda certidão de nascimento emitida a mando de seu pai, acrescentando um ano à sua idade para que pudesse ingressar na Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Dessa forma, em diversas fontes é possível encontrar 1918 como o ano de nascimento oficial do presidente.

Galeria foi restaurada em 2024, depois de ter sido vandalizada nos ataques do 8 de janeiro

A reportagem usou, como referência oficial, os dados que constam no site do Arquivo Nacional, além das páginas do Planalto e de outros órgãos federais.

A Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência) informou que os erros indicados pela **Folha** ocorreram por problema de digitação e serão corrigidos.

A galeria com fotos dos antigos presidentes foi vandalizada nos ataques de 8 de janeiro de 2023. Em 2024, a ala foi restaurada.

O quadro de Dilma Rousseff (PT) também está entre os que têm erro: seu sobrenome é Vana Rousseff. Na galeria, o nome do meio aparece grafado com duas letras "n".

Dos chefes de Estado do período da ditadura, há erro no ano de nascimento de Costa e Silva: ele nasceu em 1899, segundo o Arquivo Nacional, e não em 1902 —dado que ele adotou ao ingressar no Exército, segundo o Atlas Histórico da Fundação Getúlio Vargas.


Ato a favor da anistia a exilados na praça da Sé, centro de São Paulo, no ano de 1979 Jorge Araújo - 21.ago.79/Folhapress

Anistia mascarou violência antes de Bolsonaro abraçar bandeira, dizem acadêmicos

Perdão já foi empregado 80 vezes e, para pesquisadores, expõe dificuldade de enfrentar crises e fixar limite a militar

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), se volta ao passado ao manifestar apoio à anistia aos envolvidos nos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023, bandeira do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Em protesto bolsonarista no início do mês na avenida Paulista, em São Paulo, ele comparou a anistia a um remédio político conhecido e pressionou o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), a votar a matéria, enumerando alguns episódios históricos em que o perdão fora concedido.

Uma pesquisa feita pela Agência do Senado no acervo do Congresso mostra que o recurso da anistia já foi empregado 80 vezes ao longo do tempo, incluindo em momentos como a Independência, a Revolta da Chibata e o fim do Estado Novo.

O recorrente emprego do perdão como saída política, afirmam especialistas, está ligado à dificuldade que a população tem de enfrentar crises e punir quem se deve, numa tendência de pacificação.

"Uma anistia agora mostraria que é possível tentar dar um golpe e nada acontecer", diz Paulo Ramirez, professor de ciências sociais da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). "A impunidade é um recado de que um golpe contra a democracia pode ocorrer sem consequências."

Na visão de Ramirez, a tendência ao perdão está ligada ao conceito de cordialidade, tal como desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda em sua obra clássica "Raízes do Brasil", publicada em 1936. O autor emprega a palavra cordialidade, cuja origem etimológica latina remonta ao que é próprio do coração, para criticar o traço comportamental brasileiro de mascarar a violência cotidiana, sempre com uma atitude carismática e afetuosa.

Não à toa, o especialista diz que o processo de redemocratização foi conservador. Embora a Lei da Anistia, promulgada em 1979 no governo João Batista Figueiredo, tenha possibilitado a volta de exilados políticos ao país, o perdão se estendeu a militares que torturaram e mataram —e nunca foram punidos.

> **Nós nunca conseguimos resolver de fato a questão militar no país. Esses limites [entre os militares e os poderes democraticamente instituídos] não foram bem delimitados, e a lei da Anistia, de 1979, nos atrapalhou muito**
>
> **A maioria dos punidos era de baixa patente, porque os mais poderosos conseguiram fugir**
>
> **Maria Clara de Castro**
> historiadora da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A cordialidade, que se manifesta em uma postura conciliatória, reside na ambiguidade dessa lei. "A redemocratização varreu para debaixo do tapete todos os crimes humanitários da ditadura, e mesmo partidos do regime militar passaram a atuar em plena democracia", afirma Ramiro.

Nesse aspecto, a proposta da base bolsonarista na Câmara é bem diferente. Nela, não há ambiguidade, porque beneficia um único grupo social. Em contraste, a Argentina condenou mais de mil pessoas por crimes cometidos na última ditadura, de 1976, como foi mostrado, há três anos, no filme "Argentina: 1985", do diretor Santiago Mitre.

A história da anistia no Brasil se iniciou no dia 7 de setembro de 1822. O Imperador Dom Pedro 1º perdoou todos que tinham opiniões contrárias à Independência, com exceção daqueles que já estavam presos. Do mesmo modo, a medida impôs uma única restrição: quem continuasse contra a Independência seria punido.

Décadas mais tarde, a República Velha seria marcada por sublevações sociais, a maioria delas resolvida com o pacto conciliatório.

Nessa época, o jurista Rui Barbosa, cumprindo mandatos como senador, surgiu como um defensor e teórico da anistia. Ele apresentou, por exemplo, a proposta de perdão a quem se envolvera na Revolta da Vacina, marcada pela reação popular contra a política sanitária do ex-presidente Rodrigues Alves. Barbosa também atuou pelo perdão aos marinheiros da Revolta da Chibata.

"A anistia não é senão o olvido do passado absoluto. Nem a história, nem o direito, nem a política a admitem senão como preparatório a uma nova ordem das cousas", dizia o jurista.

Liderada por João Cândido Felisberto, o Almirante Negro, a Revolta da Chibata foi motivada pelos castigos físicos contra os oficiais da Marinha, mesmo depois da escravatura.

O perdão concedido pelo ex-presidente Hermes da Fonseca mascararia a violência: o grupo de revoltosos foi preso e muitos deles mortos. Felisberto foi internado num manicômio.

Quatro décadas mais tarde, Getúlio Vargas empregaria o perdão a serviço de suas pretensões continuístas. No fim do Estado Novo, anistiou todos os presos políticos durante a sua ditadura, incluindo integrantes da Intentona Comunista e do Levante Integralista.

Vargas foi deposto em outubro de 1945, por um movimento militar, liderado por generais que integravam seu governo. Para a pesquisadora Maria Clara Spada de Castro, da UFRRJ, (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), cada anistia tem um significado político distinto, a depender do momento histórico.

Embora reconheça a tendência conciliatória, a pesquisadora lembra que não seria a primeira vez que oficiais do Exército seriam punidos, caso não haja agora anistia aos acusados de estarem entre os mentores dos ataques de 8 de janeiro.

Afinal, a Revolta Paulista de 1924 reuniu integrantes do chamado tenentismo que desejavam depor o então presidente Artur Bernardes, porque estavam insatisfeitos com os rumos do governo. A especialista afirma que, na ocasião, parte dos militares foi condenada e punida pela revolta. "A maioria dos punidos era de baixa patente, porque os mais poderosos conseguiram fugir", diz Castro.

Na visão da pesquisadora, o que permanece na história brasileira é a dificuldade de se estabelecer limites entre os militares e os poderes democraticamente instituídos. "Nós nunca conseguimos resolver de fato a questão militar no país", afirma Castro. "Esses limites não foram bem delimitados, e a Lei da Anistia, de 1979, nos atrapalhou muito nesse sentido."

Líder de posseiros é assassinado na região de Dorothy Stang no Pará

Vinicius Sassine

BELÉM Uma liderança que estava à frente de famílias de posseiros e agricultores num assentamento em Anapu (PA), um dos lugares com mais conflitos agrários no país, foi assassinada na manhã desta sexta-feira (18). A informação foi divulgada pela Contraf (Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar).

A morte ocorreu na área do PDS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável) Virola Jatobá. Esse assentamento rural, que parte do princípio da necessidade de preservação da floresta amazônica para o desenvolvimento da agricultura familiar, fica na mesma região onde a missionária Dorothy Stang, agente da CPT (Comissão Pastoral da Terra), foi assassinada há pouco mais de 20 anos, em 12 de fevereiro de 2005.

Dorothy foi morta por atrapalhar planos de grilagem a cargo de fazendeiros da região. Vinte anos depois, a região de Anapu e os assentamentos rurais existentes no curso da rodovia Transamazônica seguem marcados por violência na disputa pela terra.

> **A região é palco de conflitos entre agricultores e madeireiros**
>
> **Paulo Teixeira**
> ministro do Desenvolvimento Agrário

Reportagem da **Folha** mostrou que o PDS Virola Jatobá é um dos cinco assentamentos da região com conflitos mais recorrentes.

Segundo o Incra, o assentamento onde Dorothy foi assassinada e o PDS Virola Jatobá –criado em 2004, véspera da morte da missionária– não têm atos formais de consolidação, mas são considerados definitivos por força de decreto de 2018, que considera um assentamento consolidado após 15 anos de implantação.

Segundo a CPT em Anapu, Ronilson estava à frente de 80 famílias que ocuparam área de floresta do PDS e buscou ajuda após ameaças de pistoleiros. Ele lavava roupas quando foi assassinado. Foi encontrado por um filho. Vizinhos dizem ter ouvido tiros.



Paula Giolito/Folhapress

Presidente de instituto de advogados diz que Bolsonaro merece ser preso

Advogada Rita Cortez, que assume IAB pelo triênio 2025-2028, faz críticas à atuação do Supremo e afirma ser preciso ficar em alerta para risco de nova tentativa de golpe

ENTREVISTA
RITA CORTEZ

Arthur Guimarães de Oliveira

SÃO PAULO Rita Cortez, 67, assumiu pela terceira vez a presidência do IAB (Instituto dos Advogados Brasileiros). Empossada na quarta-feira (16), ela promete foco no debate nacional, critica penduricalhos do Judiciário e decisões do STF (Supremo Tribunal Federal) e diz que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) merece ser preso por tentativa de golpe de Estado.

Fundado em 1843, o IAB é a instituição jurídica mais antiga do Brasil, com um enfoque acadêmico do direito. Cortez a comandou entre 2018 e 2022 e agora sucede Sydney Sanches para conduzir os trabalhos pelo triênio de 2025 a 2028.

A nova presidente do instituto acumula o cargo com o de presidente da Academia Carioca de Direito e de conselheira federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pelo Rio de Janeiro.

*

A sra. presidiu a entidades duas vezes. Por que se candidatou de novo? Toda disputa no IAB provoca um debate. As pessoas concorrem com ideias diferentes. Achava que era o momento de refletir sobre o futuro do IAB. Passamos por um momento delicado da vida nacional —vide os episódios de 8 de janeiro. Temos de estar atentos, fortalecer a democracia. Nesse sentido, minha candidatura movimentou a instituição e trouxe os consórcios para esse debate, para discussões importantes para o IAB. Vejo como o primeiro dever da instituição a defesa da democracia. Ele não pode perder essa importância no cenário nacional.

Então vamos falar das grandes questões nacionais. O STF tem sido alvo de críticas de diversos lados. Como o IAB e a sra., especificamente, vão se posicionar em relação a elas? O IAB sempre produziu pareceres sobre temas ligados a direitos humanos, tecnologia, clima, meio ambiente, desigualdade social, sustentabilidade. Esses temas hoje circulam no Supremo com uma velocidade imensa, principalmente na área trabalhista. Falo dela porque sou [advogada] trabalhista. Temos visto uma posição do Supremo que desagrada a todos que militam nela —a de afastar a Justiça do Trabalho das relações sociais que sempre foram de sua competência. Nossa conclusão é que a Justiça do Trabalho tem competência e que o Supremo, neste caso, não estaria com a melhor posição.

Desconstituindo decisões trabalhistas por meio de reclamações. Exato, que estão servindo como um recurso. O manejo dessas reclamações tem que ser criticado e combatido, porque nós temos os recursos. Já são muitos. Não se cumpre aquele caminho do juízo natural, que passa pelas Varas do Trabalho, de lá vai para os Tribunais Regionais do Trabalho e, se houver transcendência da matéria e uma série de requisitos, para o Tribunal Superior do Trabalho. Essas reclamações atravessam, descumprem esse percurso que já tem uma previsão na legislação. Arrancam decisões que acabam vinculando os magistrados e nem chegam a discutir isso em sede recursal.

Muito se tem dito que o Supremo tem excedido as suas competências, invadindo as de outros Poderes, como do Executivo e principalmente do Legislativo. Como a sra. vê essa questão? O Judiciário não pode interferir em matérias de competência do Legislativo. Por exemplo, quando se discute uma alteração de competência da Justiça do Trabalho, isso deveria vir por emenda constitucional. A Constituição hoje é clara. Ela define qual é a competência da Justiça do Trabalho. Todas as vezes que o Supremo prolata uma decisão que entra nessa seara, que deveria ser discutida através do processo legislativo próprio, ele comete um erro e não respeita a separação dos Poderes. Isso tem sido muito criticado, principalmente em matéria processual.

Qual vai ser o tratamento dado publicamente a esses pareceres? O IAB pretende aumentar o nível de manifestações e se tornar um ator desse debate nacional do direito? O posicionamento do IAB é sempre pelo viés constitucional, democrático, do Estado de Direito. Estamos em uma quadra política muito complicada. Não sei se o que está sendo feito é o suficiente para garantir que não haja um golpe de Estado, que não se repita. É lógico que o golpe não aconteceu. Isso não significa que não pode haver, mais adiante, uma nova tentativa. Temos que estar alertas. Depois da ditadura militar, ninguém imaginava que aconteceria o que aconteceu em janeiro [de 2023]. Não se esperava. Não queremos que isso volte a acontecer. Nesse sentido, o IAB não vai deixar de se pronunciar.

A sra. acredita que o ex-presidente Jair Bolsonaro deveria ser preso? Existem pessoas que defendem que ele não deve ser preso, porque as atitudes praticadas não constituiriam ilícitos a esse ponto. Outros acham que sim e que, pela tentativa de golpe e pelas provas de que ele a tenha estimulado, deve ser preso. Minha opinião —não a do instituto— é que ele merece ser preso, a começar pelo que foi feito em plena pandemia. Aquilo matou milhares de brasileiros. Desde aquela época, e antes dela, pelos pronunciamentos contra as mulheres, contra as políticas públicas, o desmantelamento do Estado —só por essas atitudes, ele deveria ser penalizado de alguma maneira.

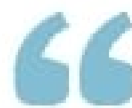
Ele está sendo processado por golpe de Estado e tentativa de abolição violenta do Estado democrático de Direito. Em relação a esses [crimes], a sra. acha que ele deveria ser preso pelo que fez no governo dele? Acho. Minha opinião é que ele deveria ser preso.

E a questão dos penduricalhos, que inclusive foi comentada pelo ministro Gilmar Mendes? Qual a posição do IAB sobre essas verbas extras para o Judiciário e para outras esferas do poder público, como o Ministério Público? Existe um teto constitucional. É lógico que existem também determinados valores que extrapolam esse teto e que são plenamente defensáveis. As coisas não são inertes. Se há um motivo para ter um ressarcimento que extrapola o teto do serviço público, não tem o que questionar. Mas, quando isso não acontece, tem que ser questionado, porque são valores altíssimos. Numa sociedade empobrecida como a nossa, faz uma diferença monumental. São despesas do Estado. São verbas que poderiam ter outra função social.

Falando agora de uma pauta mais próxima da advocacia, sobre as gravações de sustentações orais para julgamentos em ambientes virtuais. O instituto tem alguma solução de meio de caminho entre os tribunais e a advocacia? Não colocamos isso em discussão, mas a OAB já tomou medidas para combater esse tipo de coisa, porque gravação não é sustentação oral. Sustentação oral é ir à tribuna defender suas teses, seus clientes. Cada vez mais o Judiciário tenta afastar a advocacia do seu trabalho. O Judiciário tem tomado medidas, principalmente o CNJ [Conselho Nacional de Justiça], que não se justificam, até porque são normas inferiores, não passam pelo Legislativo. Quando se quer criar uma norma de processo, uma reforma, isso vai para o Legislativo, é discutido através da nossa representação e aquilo vira uma lei.

Rita Cortez, 67

Assumiu o IAB (Instituto dos Advogados Brasileiros) pela terceira vez pelo triênio de 2025 a 2028. Graduada em direito pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e pós-graduada em direito público pela FGV (Fundação Getulio Vargas), é advogada trabalhista, presidente da Academia Carioca de Direito e conselheira federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pelo Rio de Janeiro



Cada vez mais o Judiciário tenta afastar a advocacia do seu trabalho. O Judiciário tem tomado medidas, principalmente o CNJ [Conselho Nacional de Justiça], que não se justificam, até porque são normas inferiores, não passam pelo Legislativo

Eufrázio

política

Furo de publisher da Folha começou a desmontar farsa sobre doença de Tancredo

Informação obtida por Octavio Frias de Oliveira revelou que quadro médico do político, morto há 40 anos, era mais grave que o divulgado



Foto de Tancredo no hospital ajudou a reforçar falsa versão sobre sua saúde Reprodução/Álbum de Gervásio Baptista

FOLHA POR FOLHA

Fabio Victor

SÃO PAULO Um dos mais infelizes episódios do calvário do presidente Tancredo Neves —cuja morte completa 40 anos neste 21 de abril—, a farsa em torno dos problemas de saúde que o vitimaram começou a ser desmascarada graças a um furo jornalístico da **Folha**.

Primeiro presidente civil eleito após 21 anos da ditadura militar (1964-1985) —indiretamente, por um Colégio Eleitoral—, Tancredo foi internado de urgência em 14 de março de 1985, véspera de sua posse. José Sarney assumiu como interino.

Primeiro divulgou-se que Tancredo teve de ser submetido a uma cirurgia de apendicite. Em seguida, a equipe médica informou que se tratava de um caso de diverticulite, e assim foi publicado por toda a imprensa.

Até que, na edição de 21 de março, a **Folha** relatou que na verdade havia sido extirpado do intestino de Tancredo um leiomioma —um tumor benigno. Ainda assim, médicos e autoridades divulgaram a falsa versão com receio de que a palavra "tumor" fosse alarmar a população no delicado momento político da transição para a democracia.

A informação exclusiva foi obtida pelo publisher —e dono— do jornal, Octavio Frias de Oliveira (1912-2007), e dava conta também de que Tancredo precisaria de uma nova cirurgia e que seu estado de saúde era grave, o que mudou o curso da cobertura.

"Tinha um batalhão de repórteres da **Folha** cobrindo [a internação de Tancredo], em São Paulo e em Brasília. E era muito difícil conseguir informação", recorda Ricardo Kotscho, que integrava essa numerosa equipe.

"A gente ficou sem saber como é que o jornal deu aquilo. Ficava um perguntando pro outro: 'Foi você que mandou essa matéria?'. Porque nem todas eram assinadas. 'Não fui eu, eu também não...' Mas poxa, então quem foi? Depois ficamos sabendo, tinha sido o seu Frias", narra o repórter, à época já um dos mais gabaritados da imprensa brasileira.

O publisher costumava dizer que não era jornalista, o que Kotscho contesta. "Ele falava: 'Quem entende de jornal são vocês. Eu sou empresário, meu negócio é ganhar dinheiro'. Mas não era verdade. Ele era jornalista e gostava muito de dar furo, de ter informação na frente dos outros, informação exclusiva e tal. Ele incentivava isso na equipe."

Como em muitos dos furos que Frias conseguia, o de Tancredo veio de fontes "em off", ou seja, não identificadas. Há algumas versões sobre de quem o publisher teria obtido a informação exclusiva. Kotscho diz ter ouvido que a fonte foi José Serra, que havia sido editorialista da **Folha** e mantinha boa relação com Frias.

Na biografia de Frias, escrita pelo jornalista Engel Paschoal, Kotscho afirmara ter ouvido que a fonte do publisher tinha sido Sarney. Mas o biógrafo escreve que "na verdade, foi um médico do InCor (Instituto do Coração, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo)".

Segundo o jornalista Plínio Fraga, autor da biografia "Tancredo Neves - o Príncipe Civil", dois colegas próximos da direção da **Folha** lhe contaram que a fonte de Frias havia sido o senador e governador Antônio Carlos Magalhães (1927-2007).

Fraga pondera, no entanto, que pode ter havido uma outra fonte. "Questionei Otavio Frias Filho (1957-2018), então diretor de Redação da **Folha**, a esse respeito. Ele não negou nem confirmou, sob a alegação de que devia manter o respeito ao off. Mas sugeriu que a informação foi cruzada com mais de uma fonte."

Em seu livro, Fraga escreve que, a despeito da veracidade da informação publicada, a farsa foi mantida. "A equipe médica que cuidava de Tancredo persistiu no erro, contestando formalmente que um tumor tivesse sido retirado. 'É absolutamente falsa essa informação', irritou-se [o cirurgião] Henrique Walter Pinotti."

Uma investigação do jornalista Luis Mir, publicada no livro "O Paciente - O Caso Tancredo Neves", mais tarde adaptado ao cinema, listou uma sucessão de erros de diagnóstico e de procedimentos na condução do caso.

Além da utilização de uma técnica considerada inadequada para operar o leiomioma, que acabaria por provocar um sangramento que agravou o quadro do político, a retirada abrupta da ventilação mecânica foi considerada outro equívoco, pois encharcou o pulmão e levou a um quadro de edema agudo e a uma parada cardiorrespiratória.

Kotscho acabaria sendo enviado pelo jornal a São João del-Rei, cidade natal de Tancredo, para a cobertura do funeral.

Além do furo sobre a saúde do político mineiro, Kotscho lidou diretamente com outras informações exclusivas levantadas por Frias. Como a da nomeação de Luiz Carlos Bresser-Pereira para ministro da Fazenda do Governo Sarney, em 1987.

Colaborou Naief Haddad

Débora é Jair de peruca?

O projeto de anistia legaliza o golpe, mas não faz só isso: ele ressuscita o golpe

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

A menos que a cabeleireira Débora seja a versão drag queen do Jair ou do Braga Netto, o projeto de anistia que tramita na Câmara dos Deputados não foi feito para salvá-la.

Agora, se ela for a versão drag queen de um dos dois, deixo aqui meus parabéns ao maquiador. Se ele quiser um desafio ainda maior, proponho o Magno Malta.

Para se ter uma ideia do quanto Jair e sua quadrilha se preocupam com Débora, lembre-se de que, logo após o fracasso do 8 de janeiro, a versão oficial do bolsonarismo era de que os golpistas eram petistas infiltrados, criminosos que, além de serem presos, deveriam ser desmascarados como comunistas.

Débora não é inocente. Foi para a praça dos Três Poderes pedir que os militares roubassem os votos dos pobres que elegeram Lula, pedir que assassinassem quem derrotou o candidato dela na eleição. Foi lá para vandalizar a justiça, não a estátua que a representa.

Mesmo assim, como já disse aqui, eu aceitaria um acordo em que soldados rasos do crime como Débora tivessem suas penas reduzidas, desde que os chefes da quadrilha, como Jair e Braga Netto, tivessem suas penas aumentadas. Mas não é isso que está no projeto de anistia que transita no Congresso.

O projeto perdoa completamente todos os golpistas, inclusive quem foi envolvido em atos anteriores que, de alguma forma, estejam relacionados ao 8 de janeiro. Também restitui os direitos políticos da bandidagem toda.

Eu aceitaria um acordo em que soldados rasos do crime como Débora tivessem suas penas reduzidas, desde que os chefes da quadrilha, como Jair e Braga Netto, tivessem suas penas aumentadas

Ou seja, se o 8 de janeiro for anistiado, Bolsonaro vai fazer o discurso exatamente oposto ao de seus advogados: ao invés de dizer que não tem nada a ver com aquilo, vai gritar ao mundo que foi tudo ideia dele.

Dirá: "se anistiaram o pop corn, vocês têm que anistiar o condensed milk aqui também".

Se você tem dúvida de que o projeto de anistia é mutreta, ouça o líder do PL na Câmara, deputado Sóstenes Cavalcante: ele se opõe a um acordo que se limite à revisão das penas no STF, e insiste na aprovação do projeto no Congresso. Afinal, a revisão das penas não livra a cara dos chefes do golpe.

A propósito, não são só os investigados pelo golpe que defendem a anistia. Muita gente ali ficou fora da lista da Polícia Federal, mas lembra o que fez naqueles dois meses de ofensiva golpista em 2022.

Silas Malafaia gravou vídeo pedindo que Bolsonaro desse um golpe. A bancada bolsonarista se reuniu no Congresso em 30 de novembro de 2022 para pedir golpe em frente ao líder do acampamento dos quartéis de Brasília e do terrorista da véspera de Natal.

O projeto de anistia legaliza o golpe, mas não faz só isso: ele ressuscita o golpe.

Afinal, o projeto também prevê punições para autoridades que tenham investigado, julgado ou punido os golpistas de Bolsonaro. Abre o caminho para prender, não só os ministros do STF que defenderam a democracia, mas também os policiais que desvendaram a trama golpista.

É exatamente o que Trump está fazendo com autoridades, policiais e escritórios de advocacia que denunciaram seus crimes no primeiro mandato. Agora é torcer para que os golpistas não encontrem no Congresso ladrões suficientes para chantagear a democracia até que o STF lhes deixe ressuscitar a farra do orçamento secreto. Para essa turma, deixo o aviso: vocês estão serrando o galho em que estão sentados.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SAB. Demétrio Magnoli

O apagão orçamentário

Lula terá que governar com pouco dinheiro

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Na semana passada os brasileiros souberam de duas novidades: é possível que haja vida no planeta K2-18b, a 124 anos-luz de Brasília, e foram avisados por Fernando Haddad e Simone Tebet de que em 2027 o governo não terá dinheiro para honrar os compromissos de verbas para a educação e a saúde.

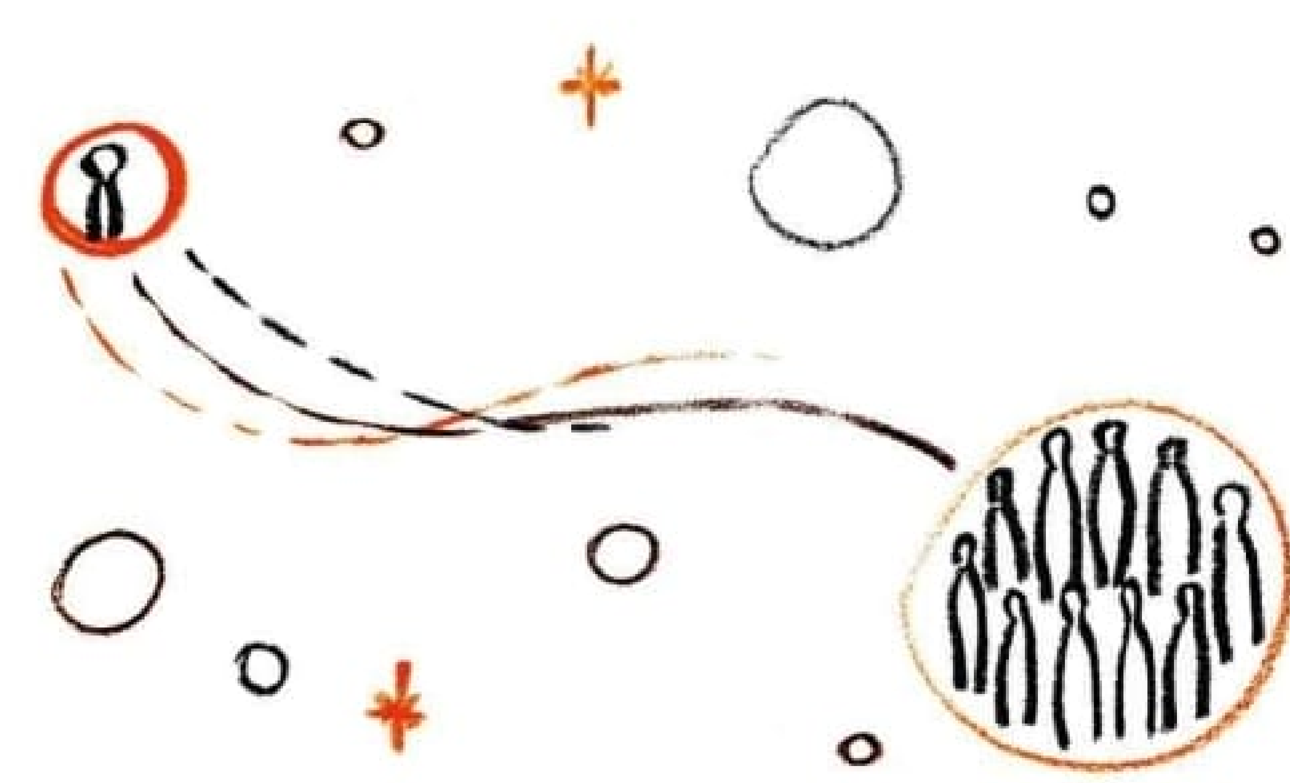
A primeira novidade pertencia ao campo da busca do conhecimento. O telescópio James Webb varre o espaço desde 2021 procurando sinais de vida. A segunda novidade pertencia ao campo da empulhação, pois nada há de novo no fato de que o governo ficaria sem dinheirwo para fechar suas contas, honrando os compromissos constitucionais.

Sabe-se pouco sobre o K2-18b, pois ele está a 124 anos-luz e uma notícia vinda agora de lá teria sido emitida em 1901, quando aqui na Terra um sinal de rádio de Guglielmo Marconi atravessou o Atlântico. Já o apagão orçamentário é coisa atual, por perene.

Em 2016 tentou-se conter os gastos do governo criando-se um teto constitucional para as despesas. Deveria vigorar por 20 anos, mas pfff. Apareceram PECs emergenciais e o teto acabou virando arcabouço. O teto caiu e o arcabouço está ruindo. Como avisa um sábio: "Lula não sabe governar com pouco dinheiro".

Percebidos o buraco de R$ 10,9 bilhões e a possibilidade de um apagão, entrou em cena o lero-lero: "Tem muitos desafios aí pela frente. Tem a questão dos precários. A gente precisa abrir uma discussão com a sociedade e com o próprio Poder Judiciário de como tratar esse tema, que ganhou tração no último governo", avisou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

Os precatórios são dívidas da União que a Justiça mandou pagar. A sociedade tem pouco a ver com isso, afinal, ela é composta por famílias que pagam suas dívidas ou caem nas listas negras. Margaret Thatcher (1925-2013) ensinava: "Esse negócio de sociedade não existe. Existem homens, mulheres e famílias". Se existe, no Brasil seu santo nome é usado em vão, sobretudo para onerar homens, mulheres e famílias.


Juliana Freire

A possibilidade de um apagão orçamentário para o próximo governo será cruel com o de Lula 3.0. Ele chegou à segunda metade do mandato sem qualquer vestígio de austeridade. Ministros aninharam-se em conselhos de estatais e até mesmo em empresas privadas para bombar seus rendimentos. O pacote de contenção de gastos revelou-se exercício de marquetagem. A única despesa deixada de lado foi a da compra de um novo avião, com chuveiro, para o presidente.

Antes de tudo, governos obrigam-se a passar a impressão de austeridade. Se o presidente dos Estados Unidos pede um hambúrguer à cozinha da Casa Branca, paga por ele. A Viúva só paga por eventos oficiais. Caronas privadas do Air Force One pagam pela viagem. Na Corte Suprema dos Estados Unidos, só o presidente tem carro oficial. Com seu gosto por gestos, quando o general De Gaulle foi para o palácio, em 1958, instalou um relógio na ala residencial para pagar a conta de sua luz.

Percebida a possibilidade do apagão orçamentário, os çábios de Brasília sopraram que poderá faltar dinheiro para os compromissos com a saúde e a educação. Para gastar, os ministérios são 39, mas quando se fala que vai faltar dinheiro, surgem logo esses dois.

Lula na China

No próximo dia 12, Lula descerá em Pequim. Poucas vezes uma viagem presidencial foi tão favorecida e ela tem tudo para dar certo. Tratando-se do maior parceiro comercial do Brasil, quanto mais certo der, melhor. Essa será a quarta visita de Lula à China. Dilma Rousseff foi lá em 2011.

As visitas de brasileiros à China e de chineses ao Brasil sofrem com a verborragia nacional. Na primeira viagem de Lula, saiu de sua comitiva a informação de que seria discutida a cooperação no setor de energia nuclear. Os chineses assustaram-se.

Quando o presidente Hu Jintao visitou Brasília, em 2004, um intérprete inexperiente traduziu fluxo comercial (maoy) como se fosse volume de investimentos (touzi). Pareceu que ele anunciava iniciativas da ordem de US$ 100 milhões. Os chineses fizeram uma discreta correção.

Quando Dilma Rousseff foi a Pequim, sua comitiva anunciou que a empresa Foxconn investiria US$ 12 bilhões no Brasil, fabricando equipamentos da Apple e gerando 100 mil empregos. Passados quatro anos, gerou 5.000, de baixa qualificação.

Em 2015, o primeiro-ministro Li Keqiang veio a Brasília e saiu do Planalto a informação de que a China financiaria a construção de uma ferrovia até o oceano Pacífico. Lorota nacional.

Em 2016 tentou-se conter os gastos do governo criando-se um teto constitucional para as despesas. Deveria vigorar por 20 anos, mas pfff. Apareceram PECs emergenciais e o teto acabou virando arcabouço. O teto caiu e o arcabouço está ruindo

Percebida a possibilidade do apagão orçamentário, os çábios de Brasília sopraram que poderá faltar dinheiro para os compromissos com a saúde e a educação. Para gastar, os ministérios são 39, mas quando se fala que vai faltar dinheiro, surgem logo esses dois

Lula ainda nem embarcou e já tem gente falando que os chineses comprarão bilhões de dólares do agro brasileiro. No lado chinês, fala-se pouco e calcula-se muito.

No mundo das compras e vendas reais, as montadoras de veículos brasileiros pedem que seja antecipada a elevação de 25% para 35% da tarifa de importação para os carros elétricos. Razão: o mercado brasileiro teve um pico de entrada de carros chineses. As montadoras têm pressa, porque sabem que depois do embarque de Lula, essa elevação fica mais difícil. Antes, envenenará a agenda.

A ideia de que os chineses estão prontos para comprar seja o que for é um velho mito e os americanos acreditaram nele. Deu no que deu.

Energia mais barata

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, anunciou um pacote típico da busca de Lula 3.0 pela popularidade perdida. Pretende baixar as contas de luz de 60 milhões de pessoas e zerar as tarifas de 16 milhões de famílias carentes.

Junto com o benefício, o governo pretende atender a um antigo pleito do mercado tradicional, reduzindo os estímulos à geração de energia solar e eólica.

O atraso ganhou mais uma. Afinal, uma coisa pouco tem a ver com a outra.

Trump x Harvard

Quando a Universidade Harvard topou a briga com Donald Trump ela sabia seu peso.

Saída do espólio de um taverneiro em 1636, pelo seu gramado passaram oito presidentes americanos e 188 bilionários vivos.

Sua máquina é tão segura de si que, segundo a lenda, em 1971, deu-se o seguinte diálogo entre o professor licenciado Henry Kissinger, então poderoso assessor do presidente americano para assuntos de segurança nacional, e um burocrata da administração:

— Quero lhe comunicar que resolvi renunciar.

— A qual dos dois cargos? Perguntou o funcionário.

Olhem para o BRB

De um papeleiro com décadas de traquejo.

— Está todo mundo olhando para o banco Master, com sua moderna e folclórica rede de conexões. Estão frangando a cena do BRB, um banco estatal que ecoa os costumes do Banespa ou do Banerj, com suas conexões do século passado.

seminários**folha** ★★★

Os temas mais necessários e relevantes a um play de distânciade você.

Acesse o site
folha.com/seminariosfolha

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.



Eufrázio

Governo Lula acomoda em estatais auxiliares sem formação compatível

Conselhos dessas empresas têm casos como cientista político em subsidiária do Banco do Brasil e curador de arte em hospital; ministérios dizem que lei foi cumprida



Prédio da Dataprev, em Brasília, empresa que tem no conselho doutora em ciências odontológicas Rafa Neddermeyer-3.nov.23/Agência Brasil

Fábio Pupo e Guilherme Seto

BRASÍLIA O governo Lula tem acomodado em conselhos de administração de estatais pessoas vinculadas ao PT e membros da gestão que não têm formação relacionada à área de atuação das empresas. A lei exige educação acadêmica compatível, além de experiência e reputação ilibada.

Os conselhos têm como função direcionar os rumos das companhias e fiscalizá-las. O governo ocupa cadeiras nos colegiados, e cabe ao ministro responsável pela área nomear seus representantes, que são remunerados com os chamados jetons.

Alguns conselheiros recebem os honorários todo mês. Em outros casos, o pagamento é esporádico, pela participação em reuniões. Dados do Ministério da Gestão mostram que a gratificação paga pelas estatais varia de R$ 1.733,33 no caso de participação no conselho da Termobahia (subsidiária da Petrobras) a R$ 13.813,97 mensais pela presença no colegiado da petroleira.

A **Folha** coletou exemplos de integrantes de conselhos com formação distante da prevista nas normas. Em alguns casos, eles ocupam cadeiras por aparente influência política. As indicações são feitas em geral tanto pelo ministério ao qual a empresa é vinculada quanto pela pasta da Gestão (que tem direito de indicar um nome por companhia).

Ana Estela Haddad, 58, é conselheira da Dataprev (estatal responsável por armazenar e processar dados, principalmente sobre benefícios sociais). Ela é graduada em odontologia, além de mestre e doutora em ciências odontológicas. Professora titular da USP, atua como secretária de Informação e Saúde Digital do Ministério da Saúde e, segundo o currículo Lattes, lidera pesquisas sobre o assunto.

Também é esposa do ministro Fernando Haddad (Fazenda). A remuneração é de R$ 4.188,89 mensais.

O Ministério da Gestão afirma que todas as pessoas escolhidas respeitam requisitos de experiência profissional e de formação acadêmica. A pasta não apontou os elementos nos currículos de cada conselheiro que atendem a essas demandas.

"A compatibilidade entre a formação acadêmica, a experiência profissional e o cargo é verificada no momento da submissão da candidatura ao comitê de elegibilidade de cada empresa estatal, a quem cabe atestar que o conhecimento acadêmico do indicado o torna apto e capaz de exercer adequadamente as atribuições do cargo", afirmou a pasta.

Procurado, o Ministério da Saúde orientou que a Dataprev fosse consultada. A estatal, por sua vez, enviou um posicionamento similar ao do Ministério da Gestão.

Outro caso é o de Emir Simão Sader, 81, que integra desde 2023 o conselho de administração da Ativos S.A., securitizadora de créditos financeiros do Banco do Brasil. A companhia atua na gestão da cobrança de dívidas para instituições e empresas.

Com formação em filosofia e ciência política, o professor aposentado da USP (Universidade de São Paulo) e autor de livros como "Estado e política em Marx" e "Lula e a esquerda do século 21" é filiado ao PT e construiu sua trajetória em vinculação com o partido. Sader foi escolhido para o conselho numa das vagas selecionadas pela própria empresa.

Em nota, o Banco do Brasil afirma que as indicações submetem-se a procedimento interno no qual são avaliados requisitos e vedações legais. A estatal também ressalta "a importância da diversidade de conhecimentos" para a empresa. O valor do jetom pago pela Ativos não foi informado.

Situação similar é a de Swedenberger do Nascimento Barbosa, conselheiro na Companhia Docas do Rio Grande do Norte. Ele é formado em odontologia, além de mestre e doutor em ciências da saúde. Foi braço-direito do então ministro José Dirceu no primeiro governo Lula e secretário-executivo do Ministério da Saúde até a saída de Nísia Trindade do comando da pasta, em março.

A lei das estatais, sancionada em 2016, durante a gestão de Michel Temer, exige que o membro de conselho de administração tenha reputação ilibada, experiência profissional e "formação acadêmica compatível com o cargo para o qual foi indicado".

Um decreto posterior, também de 2016, trouxe uma lista não taxativa de cursos ligados ao cargo de conselheiro. De acordo com o texto, seria considerada compatível a formação "preferencialmente" em administração, ciências atuariais, ciências econômicas, comércio internacional, contabilidade ou auditoria, direito, engenharia, estatística, finanças e matemática. Além disso, é possível ser considerada a formação na área de atuação da empresa (saúde, por exemplo).

Um outro caso levantado é o de Luiz Antonio Correia de Carvalho, 71 —conselheiro da Companhia Docas do Rio de Janeiro (PortosRio), com jetom de R$ 3.741,37 mensal. Ele é jornalista e concluiu graduação em filosofia pela Universidade de Paris X em 1975. Foi fundador do PT, coordenador de instituições de ensino superior e assessor do Ministério do Meio Ambiente de 2008 a 2016.

O comitê de pessoas da empresa aprovou sua indicação após avaliar que, ainda que a formação acadêmica de Carvalho não fosse compatível com a interpretação literal da lei, a graduação em filosofia ofereceu habilidades "que são relevantes para liderança e estratégia empresarial" e que foram complementadas pelo conhecimento de gestão adquirido no setor público.

No conselho do Grupo Hospitalar Conceição, rede pública em Porto Alegre, está Flavio Koutzii, 82. Formado em sociologia na França, ele também está no conselho da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). É ex-vereador, ex-deputado estadual no Rio Grande do Sul e ex-secretário do governo Olívio Dutra (PT-RS). O valor do jetom não foi informado.

O Ministério da Saúde diz que a indicação cumpre todos os parâmetros estabelecidos pela lei das estatais e que o nome de Koutzii foi "aprovado por todas as instâncias de avaliação". A Conab afirma que o caso do conselheiro está de acordo com as regras. O grupo Conceição diz que a lei "estabelece o requisito como sendo formação acadêmica compatível, sem especificar área de atuação".

Chamam atenção assessores de ministérios indicados para conselhos sem relação com suas pastas ou históricos de formação.

Marcio Tavares dos Santos, 39, secretário-executivo do Ministério da Cultura e curador de arte, recebe R$ 3.521,04 por mês como conselheiro do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, vinculado ao Ministério da Educação.

Ele tem mestrado em história e doutorado em arte e foi secretário nacional de Cultura do PT. Também compõe o conselho da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), cuja atividade tem relação com a sua formação.

Procurado, o gabinete de Santos direcionou as questões à assessoria de imprensa do Ministério da Cultura. A pasta não se manifestou sobre a formação acadêmica, mas afirmou que a ocupação atual e a atuação em funções de gestão oferecem a ele repertório e conhecimentos técnicos para o cargo.

A jornalista Hemeline Camata, 39, chefe da assessoria especial do Ministério de Minas e Energia, sob o comando de Alexandre Silveira, foi indicada pela pasta para o conselho da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Ela não tem formação na área de geologia e recebe R$ 3.005,81 mensais para compor o órgão.

Segundo a empresa, o nome atende à legislação. A pasta afirma que a indicação cumpriu os requisitos legais e foi analisada pelo comitê de pessoas, elegibilidade, sucessão e remuneração da companhia.

O processo de indicação dos conselheiros começa nos ministérios, que devem fazer uma análise prévia de atendimento aos requisitos. Os nomes são submetidos à Casa Civil. Depois, seguem para análise da estatal e, em caso de aval, são apreciados geralmente em assembleia geral.



Conselheiros com formação distante da área

- **Ativos S.A. (securitizadora do BB)** Emir Simão Sader, mestre em filosofia e doutor em ciência política
- **Companhia das Docas da Bahia** Fábio Koleski, jornalista e especialista em regulação de telecomunicações
- **Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais** Hemeline Camata, jornalista
- **Companhia Docas do Rio Grande do Norte** Swedenberger do Nascimento Barbosa, doutor em ciências da saúde
- **Companhia Docas do Ceará** Janira Borja, graduada em comunicação
- **Conab e Grupo Hospitalar Conceição** Flavio Koutzii, formado em sociologia
- **Dataprev** Ana Estela Haddad, doutora em ciências odontológicas
- **Emgepron** Débora Raquel Cruz Ferreira, jornalista
- **Hospital de Clínicas de Porto Alegre** Marcio Tavares dos Santos, graduado e mestre em história e doutor em arte
- **PortosRio** Luiz Antonio Correia de Carvalho, jornalista

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

DENILSON LIMA
Confeiteiro

Vendo arte, diz chef que faz ovos de R$ 15 mil

Famoso na elite, confeiteiro criou joias açucaradas de Páscoa tão caras quanto uma bolsa de grife

Stéfanie Rigamonti

SÃO PAULO Denilson Lima inspirou-se na avó, que fazia bolos para vender na vizinhança, e se tornou um dos mais celebrados confeiteiros da alta sociedade. Nesta Páscoa, o chef viralizou desenvolvendo a versão em chocolate e açúcar isomalte das joias dos czares russos, os famosos ovos Fabergé. Em edição super limitada, eles custam entre R$ 4.000 e R$ 15 mil, quantia suficiente para comprar uma bolsa modelo NeoNóe, Pachete ou Alma BB da Louis Vuitton. O chef afirma que teve fila de espera, mas não revela quanto vendeu.

*

É a primeira vez que faz um Fabergé de Páscoa? Faço há dois anos, mas, neste ano, eu resolvi inovar e deixá-los realmente com cara de joia. Eu nunca tinha visto um ovo de Páscoa Fabergé tão parecido [com o original] como o que eu fiz agora.

A alta do chocolate pesa? Eu não precifico pelo preço do chocolate. Eu cobro pela arte. Sendo bem sincero, pela matéria-prima, eu não gasto tudo isso.

Quanto tempo leva para fazer um Fabergé? O maior [de 8 kg] eu levo de três a quatro dias para finalizar. Isso, evidentemente, depende da complexidade. Os últimos, fizemos em oito dias.

Então você cobra pelo seu tempo? Sim, e quando quero uma obra que seja para deixar em destaque, dependendo do trabalho, eu faço sozinho. Preparo os primeiros modelos para, depois, a minha equipe [de 22 funcionários] me ajudar a reproduzi-los.

Há público para consumir esses produtos? Não é todo cliente que compra esse de R$ 15 mil. A quantidade que sai é no máximo sete. Até porque não daríamos conta. Temos os menores, de 1 kg, que custam R$ 4,2 mil.

Mesmo assim, é caro! Sim, e vendemos bastante. Até impressionou. É que eu ganhei mais visibilidade neste ano, porque mudei de ateliê, fui para [o bairro paulistano de] Pinheiros. Antes, meu negócio era muito com cara de casa e, agora, me profissionalizei.

Já vendeu quantos ovos? Ainda não fechamos o número.

Qual o seu faturamento anual? Antes eu costumava abrir o faturamento, mas não abro mais.

Como é trabalhar para um público tão seleto? Acho legal, porque valoriza a confeitaria. Muitos confeiteiros na internet comentaram que achavam um absurdo eu cobrar isso em um ovo de Páscoa. Mas a confeitaria é tão desvalorizada que cobrar esse valor ajuda a mostrar que não é só uma bolsa de grife que pode ser cara. O nosso trabalho é tão bom quanto.

Muitos confeiteiros na internet mostraram que dá para fazer seus Fabergé por muito menos. Isso incomoda? Eles estão aproveitando o hype [euforia] para fazer publicidade. Mas não me incomoda. Na verdade, é triste, porque os confeiteiros estão desvalorizando seu próprio trabalho com essa atitude.



Denilson Lima, 27
1997, Paraibano (MA) Interessado pela gastronomia ainda criança, inspirado na avó que vendia bolos, começou a carreira aos 17, em São Luis (MA), onde iniciou os estudos em gastronomia. Dois anos depois, ao ver que o mercado de lá era tímido, mudou-se para São Paulo, abriu uma loja e despontou na confeitaria de luxo.

Sua fama se deu por influenciadores, mas qual é o perfil de seus clientes? A maioria dos influenciadores não compra. Gosta de mostrar. Então, eu forneço como um meio de fazer marketing. Mas quem realmente compra são pessoas muito ricas, que não gostam de aparecer e que querem viver uma experiência.

Há políticos? Bastante! Só que eles não entram em contato diretamente, só por meio de assessores. Depois eu descubro que um certo bolo foi encomendado para um político ou um famoso, porque eles me encontram em eventos e vêm falar comigo.

A Páscoa é o carro-chefe das suas vendas? Antes era o Natal, mas, neste ano, a Páscoa rendeu mais. Comecei desmotivado, porque já tenho demanda grande de bolos. Mas, faltando uns 25 dias para a data, tive a ideia desses ovos, e rendeu. Nunca imaginei que venderia tanto, por ser um produto tão caro. Fiz os ovos Fabergé em uma quantidade menor, para serem exclusivos. Vendi tudo e recebi muito mais pedidos. Teve fila de espera.

Novo marco das ferrovias quer acabar com 'ilhas regulatórias' do setor

Agência trabalha em consolidação de regras para fiscalizar contratos; mudanças começam neste ano, de forma gradual



Estação ferroviária de Sorocaba Adriano Vizoni · 11.out.24/Folhapress

INFRAESTRUTURA

André Borges

BRASÍLIA A ANTT (Agência Nacional de Transportes) começou a consolidar o novo marco regulatório das ferrovias, tanto das concessões atuais quanto de futuros trechos que serão repassados à iniciativa privada, para transporte de cargas e de passageiros.

Trata-se de um conjunto consolidado e padronizado de regras infralegais, ou seja, as medidas não dependem da publicação de nova lei ou tramitação no Congresso. O plano da ANTT é usar uma lei de 2021 (Lei das Ferrovias) para definir como as concessões passarão a ser reguladas daqui para frente.

Na prática, o novo marco pretende atualizar normas sobre contratos de concessão e autorizações de operação ferroviária que, hoje, estão envolvidas por uma colcha de retalhos de resoluções e regras individuais, além de cláusulas contratuais antigas.

A leitura é que a maior parte da regulação ferroviária está hoje "dentro dos contratos" de concessão, com regras pulverizadas entre aqueles que foram iniciados nos anos 1990, além de resoluções esparsas da ANTT. Isso torna cada contrato uma "ilha regulatória", com alto custo para fiscalização e gestão.

O novo sistema normativo foi estruturado em cinco eixos e vai começar a entrar em vigor de forma progressiva, ainda neste ano, para ser concluído em 2026. O primeiro tema que será abordado vai estabelecer parâmetros padronizados para os contratos, com regras claras sobre temas como limites de faixa de domínio da ferrovia, compromissos mínimos de operação, obrigações de manutenção e investimentos.

O segundo eixo vai se concentrar nos direitos dos usuários. Isso vai incluir uma lista de obrigações das operadoras e critérios objetivos para avaliação da qualidade do serviço prestado.

Os dois primeiros eixos estão em fase de discussão interna na ANTT, com meta de serem aprovados ainda neste ano. As etapas seguintes incluem elaboração de minutas, apresentação em consulta pública, análise jurídica e, por fim, aprovação interna. O que se busca, na prática, é mais previsibilidade, equilíbrio regulatório e segurança jurídica entre as empresas e o órgão regulador.

Em 2026, o cronograma prevê a consolidação de regras atreladas à gestão de bens, obras e operações ferroviárias; processos de equilíbrio econômico-financeiro dos contratos; e normas sobre a fiscalização e reversibilidade dos bens para a União, incluindo casos de intervenções graduais, como advertência, termos de ajuste, intervenção e extinção de acordos.

Dentro da ANTT, as discussões sobre o novo marco não se limitam a integrar regras já existentes, mas também em revisar e ampliar esses dispositivos.

"O modelo atualmente adotado pela ANTT para fiscalização contratual exige a consulta e interpretação de múltiplas fontes —contrato, resoluções específicas, pareceres— o que torna o processo custoso, lento e sujeito a erros", afirma a agência.

A criação do marco regulatório infralegal é aguardada pelo setor. À **Folha**, o diretor-presidente da ANTF (Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários), Davi Barreto, disse que a entidade tem expectativa positiva em relação à revisão regulatória.

"Há muito espaço para aperfeiçoar a regulação atual, tornando-a mais flexível e, ao mesmo tempo, mais eficiente. Isso visando estimular a oferta de mais incentivos para construção e exploração de ferrovias, que resultará no necessário aumento da participação ferroviária na matriz de transporte do país", disse Barreto.

Na avaliação da ANTF, é preciso reduzir o "fardo regulatório", trazendo mais segurança jurídica a investimentos em infraestrutura sobre trilhos.

Atualmente, o Brasil possui 14 concessões ferroviárias em operação, as quais passam por um processo de renovação contratual, repactuação, devolução de trechos ou declaração de caducidade. Há, ainda, projetos de autorização de novas ferrovias em andamento ou em fase de estudos.



Principais temas e mudanças previstas

BASE DA REGULAÇÃO
Como é hoje
dispersa entre contratos e resoluções
Como deve ficar
norma unificada com força regulatória

CONCESSÕES X AUTORIZAÇÕES
Como é hoje
tratamento separado
Como deve ficar
núcleo comum de regras gerais

EQUILÍBRIO FINANCEIRO
Como é hoje
disperso, sem parâmetros claros
Como deve ficar
regras explícitas e parametrizadas

Fonte: ANTT

Eufrázio



Turbinas de vento instaladas próximas a Roscoe, no estado do Texas, nos Estados Unidos; investidores de infraestrutura aproveitam momento para adquirir projetos de energia limpa Ralph Lauer - 31.out.13/Xinhua

Investidores verdes acham pechinchas na 'era do petróleo' do 2º mandato de Trump

Gestores de ativos aproveitam queda nas ações de energia limpa e encontram oportunidades para adquirir projetos renováveis

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

William Mathis e Petra Sorge

BLOOMBERG Investidores privados em infraestrutura estão aproveitando um momento favorável para adquirir projetos de energia eólica, solar e baterias, em um mercado que se tornou vantajoso para compradores.

As movimentações seguem uma queda nas ações de energia limpa, após o presidente dos EUA, Donald Trump, defender mais geração de energia a partir de combustíveis fósseis, o que abalou o setor e impulsionou os planos das grandes petroleiras de voltar ao foco em seus negócios principais.

"Achamos que os fundamentos da energia renovável estão tão fortes quanto nunca estiveram", disse Ignacio Paz-Ares, sócio-gerente e vice-diretor de investimentos do grupo de energia renovável e transição da Brookfield Asset Management.

"Sempre que vemos uma desconexão entre o ruído do mercado e os fundamentos, isso cria uma ótima oportunidade para fazermos aquisições a preços de entrada muito atraentes."

A Brookfield está entre os gestores de ativos que apostam que o aumento do consumo de energia e a competitividade econômica das renováveis continuarão a impulsionar a demanda pelo setor.

Nos últimos meses, a Brookfield fechou uma série de grandes negócios verdes, incluindo uma transação de US$ 1,7 bilhão (R$ 9,35 bilhões) para comprar um negócio de renováveis terrestres da National Grid Plc, uma participação de £1,75 bilhão (R$ 12,65 bilhões) em parques eólicos offshore no Reino Unido da Orsted A/S e a aquisição por €6,1 bilhões (R$ 36,3 bilhões) da desenvolvedora francesa Neoen SA, que possui ativos de energia solar, eólica e armazenamento. Paz-Ares disse que a empresa busca mais compras enquanto continua captando recursos para seu segundo fundo de transição energética.

A compra da Neoen foi particularmente bem cronometrada pela Brookfield. O gestor de ativos alternativos e coinvestidores adquiriram uma participação majoritária em dezembro por €39,85 por ação, um terço abaixo do pico da Neoen no início de 2021.

Com todos esses negócios, a Brookfield levou ativos do mercado público para o privado, destacando um momento oportuno para investidores com capital para gastar no setor. Uma bolha no mercado de ações para tudo o que é verde atingiu o pico no início de 2021 e, agora, deixou as avaliações de empresas de energia limpa negociadas publicamente ao nível mais baixo em cerca de cinco anos.

> **Sempre que vemos uma desconexão entre o ruído do mercado e os fundamentos, isso cria uma ótima oportunidade para fazermos aquisições a preços muito atraentes**
>
> Ignacio Paz-Ares
> Sócio-gerente da Brookfield

"As ações não tiveram bom desempenho nos últimos anos, mas na economia real o setor limpo está em alta", disse Aniket Shah, chefe de sustentabilidade e estratégia de transição da Jefferies. "Quando o sentimento em torno de algo está baixo, é um bom momento para comprar."

Vincent Policard, co-chefe de infraestrutura europeia da KKR & Co., que busca levantar até US$ 7 bilhões (R$ 38,5 bilhões) para seu primeiro fundo climático global, disse que os fatores geopolíticos pressionando as avaliações estão "criando uma oportunidade atraente para investidores de longo prazo como nós apoiarmos a transição energética."

A gestora de fundos de hedge Trium Capital afirmou, no início deste mês, que o recuo generalizado das grandes petroleiras em projetos renováveis deixou o mercado de investimentos de baixo carbono menos concorrido e mais atraente.

Isso já parece se refletir na energia eólica offshore na costa do Reino Unido, onde a BP Plc fez algumas de suas maiores apostas há alguns anos, elevando os preços dos projetos. A CIP (Copenhagen Infrastructure Partners), que fechou seu maior fundo de renováveis com €12 bilhões (cerca de R$ 79,4 bi)neste mês, disse que agora está começando a voltar a essas águas. "Ficamos fora do grande banho de sangue no Mar do Norte", disse Jakob Baruel Poulsen, sócio-gerente e cofundador da CIP, mas a empresa adquiriu recentemente o projeto Morecambe de 480 megawatts na costa oeste do Reino Unido, no Mar da Irlanda, em "termos muito atraentes."

Xi, me dá um dinheiro aí

Até o final deste ano de caos trumpista, Lula se reunirá três vezes com Xi Jinping

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Luiz Inácio Lula da Silva vai à China em maio. Assunto com a China jamais falta, menos ainda com os destampatórios do Nero Laranja, Donald Trump. Mas o que Lula ou o Brasil querem com a China?

Em abril de 2011, no início de seu primeiro mandato, Dilma Rousseff foi à China. Queria diminuir o "desequilíbrio comercial". O Brasil vendia à China commodities (comida e minérios), então 82,4% do total das exportações (dados da Secretaria de Comércio Exterior, aritmética deste jornalista). Importava manufaturados, mais de 99% das compras.

De volta ao Brasil, Dilma disse o seguinte, no "Café com a Presidenta": "Alcançamos os nossos principais objetivos, o de abrir as portas para que mais produtos brasileiros, produtos mais elaborados, entrassem na China; e trabalharmos juntos em áreas importantes, como a de ciência e tecnologia".

Atualmente, produtos do agro e da indústria extrativa são 80,3% das exportações brasileiras para a China (de 2011 a 2024, média 80%). A importação de manufaturados chineses continua em mais de 99% do total. Nada mudou.

> **Dilma foi à China em 2011, dizendo que o Brasil exportaria mais bens industriais e menos commodities. Nada mudou desde então. É preciso 'discutir a relação' com os chineses, mas sobre outros assuntos**

De diferente, o Brasil exporta mais petróleo. A corrente de comércio sino-brasileira (soma de exportações e importações) passou de 15,1% do total em 2011 para 26,3% em 2025.

Na viagem de Dilma, o governo anunciou que a Foxconn investiria US$ 12 bilhões no Brasil (US$ 17 bi a preços de hoje). Seriam criados 100 mil empregos (o que as montadoras empregam aqui) e haveria transferência de tecnologia para a fabricação de celulares e computadores.

Nunca se soube quanto a Foxconn investiu (nem perto de US$ 17 bi). Monta iPhones em Jundiaí (SP) e outras coisas em Manaus. Emprega mais de 5.000 pessoas. O iPhone daqui é dos mais caros do mundo. Não teve parceria no Brasil, desenvolvimento tecnológico.

O grosso da produção mundial desses telefones é chinesa (mais de 80%). Parte migra para a Índia, que tem uns problemas "brasileiros" (burocracia, tributos loucos etc.), além de sindicatos. A Índia tenta inventar um acordo com os EUA e abrir mais sua economia. A Apple pensa o que fazer de fornecedores, dada a política lunática da Trump. Houve boato de que alguma produção poderia vir para o Brasil.

Hum.

Reflitam. O Vietnã, pequeno e ainda pobre (metade do PIB per capita do Brasil) exportou US$ 136 bilhões para os EUA em 2024 (eletrônicos, roupas, calçados etc.). O Brasil exportou US$ 42,3 bilhões, dados do US Trade Representative. O Vietnã, como países do sudeste asiático, é também "China 2", base de exportação de empresas chinesas.

O Brasil é pouco produtivo e exporta pouco produto industrial porque é uma economia fechada (embora agora, com Trump, todo mundo finja que não é protecionista) e tem vantagens em recursos naturais. Porque a logística é ruim e cara, porque a educação é uma tristeza, porque não damos a mínima para pesquisa científica, porque impostos e burocracia são demenciais.

Até podemos ter alguma indústria eficiente se a economia for algo mais aberta etc., embora talvez importe mais desenvolver serviços melhores. Um acordo com a China que envolvesse investimentos (em infra, por exemplo) será necessário. É o que resta, pois haverá enchente de produtos chineses e os EUA são muito mais risco do que oportunidade.

O que Lula vai dizer a Xi Jinping? Só "me dá um dinheiro, aí", não basta.

Eufrázio

mercado



O presidente dos EUA, Donald Trump, em evento em que detalhou tarifas recíprocas Brendan Smialowski - 2.abr.25/Folhapress

Autores de estudos utilizados por Donald Trump questionam tarifas

Economistas e professores reclamam de interpretação dada pelo governo americano a suas pesquisas: 'Não sei como eles chegaram a esta fórmula', se queixa pesquisador

Alex Sabino

SÃO PAULO O telefone de Anson Soderbery, professor associado de economia da Universidade de Purdue, nos EUA, não parava de tocar em 3 de abril. Os emails encheram sua caixa postal.

"Foi surreal. As pessoas queriam saber como eu tinha me metido naquilo, se tinha envolvimento com o governo. E eu não estive envolvido com nada", disse ele à Folha dias depois.

Para justificar as tarifas aplicadas a vários países e como o cálculo foi feito, a Casa Branca publicou posts em sites do governo. Cita estudos e artigos, professores e frases de economistas que corroborariam, em teoria, a visão de Donald Trump sobre o crescimento econômico possível com taxação de importações.

O problema é que alguns deles não estão contentes com a menção. Consideram que seus trabalhos foram distorcidos.

"Eles [do governo] reduziram toda a economia a um único parâmetro. É uma loucura", completa Soderbery.

No site do escritório executivo do presidente dos Estados Unidos, foi publicada explicação sobre como a administração federal calculou as tarifas sobre diferentes nações. citados, está "Elasticidade no comércio, heterogeneidade e tarifas otimizadas", escrito por Soderbery para o Journal of International Economics em 2018.

O governo americano até escreveu errado o nome do professor. Colocou-o como "Soderberry".

"Era análise feita sobre um tema específico. Não sei como eles chegaram a esta fórmula para tentar um equilíbrio maior no comércio e não uma aposta na eficiência econômica. Se este era o objetivo, gostaria que tivessem pensado melhor", completa.

Ele não foi o único descontente.

"Trump está impondo tarifas basicamente em todas as importações, mais de US$ 3 trilhões, depois de apenas dois meses de mandato. Tarifas podem ser uma ferramenta legítima e útil para uma política industrial bem definida, mas algo tão amplo e que muda de maneira significativa a média de tarifas nos EUA não é inteligente", disse, por meio da assessoria da EPI (Economic Policy Institute), Robert E.Scott, professor da Universidade de Direito de Columbia.

Em 2 de abril, a Casa Branca publicou texto com o título "Tarifas funcionam —e o primeiro mandato do presidente Trump prova isso". Menciona trecho de artigo de Scott e Adam S.Hersh que diz que o "aumento de tarifas não causam inflação e sua retirada reduziria a cadeia doméstica".

O EPI disse considerar que o governo engana o público porque o raciocínio de Scott e Hersh se refere apenas à indústria de aço e alumínio. "É difícil ressaltar o bastante o quanto o anúncio das mudanças tarifárias [deste ano] foram radicais", diz o instituto.

Não é a primeira vez que isso acontece com Scott. Ele foi citado 18 vezes em notas de rodapé de um discurso de Trump em 2017, durante seu primeiro mandato.

"As pessoas têm me perguntado se eu concordo com as receitas políticas de comércio do presidente. A resposta simples é não!", disse o professor à época para o site Politico.

Em suas justificativas, a Casa Branca usou até mesmo post no X, o antigo Twitter, em que Janet Yellen, secretária do Tesouro na administração Joe Biden, justifica taxação à importação chinesa.

Mas ela disse que a atual estratégia comercial de Trump "prejudica os Estados Unidos, os nossos vizinhos e a economia global."

"O que essas tarifas ameaçam fazer é causar recessão nos EUA por reduzir investimento", opinou, em evento no final de março na Austrália.

A queixa comum de pesquisadores e economistas é sobre como seus estudos foram interpretados pela equipe de Trump.

"O modelo do meu texto e o utilizado por eles são separados por dois mundos. As tarifas de Trump são uma besteira que vão levar o mundo a uma recessão. Se eu estou certo de alguma coisa neste momento é que o mundo está no caminho de uma recessão", disse, ao diário britânico The Times, o espanhol Pau Pujolas, professor do Departamento de Economia da Universidade McMaster.

Ao lado de Jack Rossbach, ele escreveu "Déficits comerciais com guerras comerciais". Também foi mencionado na justificativa de cálculos para as tarifas.

Outros, como o pesquisador argentino Alberto Cavallo, foram às redes sociais reclamar.

"Não está claro como usaram nossas descobertas. Com base em nossa pesquisa [de 2021], a elasticidade dos preços de importação em relação às tarifas está mais próxima de 1. Se esse número fosse usado, em vez de 0,25, as tarifas recíprocas implícitas seriam cerca de 4 vezes menores", postou ele no X, antigo Twitter.

Cavallo é filho do ex-ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo (1991-1999 e 2001).



Entidade aliada de Trump é uma das mais citadas

Um dos autores mais lembrados pelo governo Trump em suas publicações, foi Jeff Ferry, economista-chefe da CPA (Coalizão por uma América Próspera), entidade conservadora aliada de primeira hora da candidatura republicana.

Perry publicou em diferentes sites em defesa da política de tarifas de importação implantada pelo governo americano, assim como outras autoridades da CPA.

A **Folha** pediu entrevista com Ferry por meio da assessoria da CPA, mas não obteve resposta.

"A decisão do presidente Trump de implentar tarifas globais é um passo crítico para restaurar a estabilidade da indústria americana", disse Zach Mottl, presidente da CPA.

Para outros, os dias do segundo mandato de Trump são tão caóticos que é difícil descobrir qual o objetivo final. "É difícil avaliar uma política de comércio quando uma meta clara não está determinada", afirma Anson Soderbery.

Após tarifaço, invasão de produtos chineses no Brasil preocupa indústria

Maeli Prado

SÃO PAULO Dono de um mercado consumidor relevante, o Brasil é um dos alvos da esperada redistribuição maciça de produtos chineses dos EUA, que impuseram ao país asiático uma tarifa de 145%.

Essa potencial invasão alarmou o setor produtivo brasileiro, que defende monitoramento das compras da China —alguns setores já notam disparada de importações— e eventual adoção de mecanismos de defesa comercial.

A preocupação é com a escala monumental dos manufaturados da China, que responde por um terço da produção mundial. Ao mesmo tempo, diferentes setores reconhecem que os produtos brasileiros podem ganhar espaço no mundo com a provável reorganização do comércio mundial.

"As regras do jogo estão mudando, e há prejuízos e oportunidades num cenário de muita incerteza", afirma Rafael Cagnin, economista do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), que lembra que outra consequência é o menor crescimento da economia mundial.

Ele aponta que o Brasil precisará avaliar as importações de forma detalhada, determinando os casos em que serão necessárias medidas de proteção, como mecanismos antidumping (taxação de importações de bens que chegam a preços inferiores aos praticados na origem).

Para uma parte da indústria, essa possibilidade é insuficiente, já que os processos de dumping são demorados e caros. Na avaliação de Fernando Valente Pimentel, diretor-superintendente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção), o Brasil precisará impor cotas para limitar importações da China.

"Processos de dumping possuem um prazo de resolução de até 18 meses. Se todos os setores entrarem com processos ao mesmo tempo, o problema só será resolvido em cinco anos", diz. "Mas depois que as tropas chinesas ocuparem o país, não tem mais volta."

O executivo diz que os EUA importaram US$ 113 bilhões em têxteis em 2024, e que a China respondeu por 25% desse total. "Não acredito que tudo isso deixará de ser vendido para os EUA, mas o maior risco no curto prazo é: para onde vão mandar tudo isso?".

Cagnin defende que, apesar da necessidade de defesa comercial, o Brasil não pode ser levado pelo calor do momento, entrando na seara do protecionismo, e fechar o mercado. "O Brasil está atrasado na agenda de integração internacional, e esse seria um erro".

Eufrázio

Caso Silvio Santos reflete controvérsia sobre tributação de herança no exterior

Possibilidade de cobrança com base na reforma tributária, sem mudança em leis estaduais, divide secretarias de Fazenda e Judiciário

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO A controvérsia sobre tributação de herança no exterior colocou os governos carioca e paulista em lados opostos —e esse último em posição contrária às herdeiras do apresentador Silvio Santos (1930-2024).

São Paulo defende a constitucionalidade do artigo da lei estadual do ITCMD (imposto sobre heranças e doações) que determina a cobrança sobre transmissões de bens localizados fora do país. A posição do estado é questionada no Judiciário por vários contribuintes, incluindo a família do apresentador que residia no território paulista.

O Rio de Janeiro, por outro lado, afirma que não há incidência do tributo sobre doação de bens móveis ou imóveis no exterior para quem mora lá. Como Silvio residia em São Paulo, o caso foi parar na Justiça, algo que não aconteceria se ele tivesse domicílio fiscal no estado vizinho no momento de sua morte.

A discussão é antiga, mas parecia ter sido encerrada em 2021, quando o STF (Supremo Tribunal Federal) declarou o dispositivo da lei carioca que tratava dessa tributação inconstitucional. O caso serviu de referência para outras ações sobre o tema, e as legislações de mais de 20 estados que também faziam tal cobrança foram invalidadas.

Motivo: o Supremo entendeu que essa tributação dependia de uma lei complementar a ser aprovada pelo Congresso Nacional, como determinava a Constituição na época. O STF determinou que não seria necessário restituir o dinheiro já cobrado.

Em 2023, os governadores fizeram uma nova ofensiva. Pegaram carona na emenda constitucional da reforma tributária para alterar o texto constitucional e autorizar essa cobrança, mesmo sem lei complementar. Veio então uma nova controvérsia.

Alguns estados entendem que suas leis estavam apenas com sua "eficácia contida" pela decisão do STF. Uma vez alterada a Constituição, voltariam a vigorar automaticamente, permitindo taxar as heranças no exterior.

Outros avaliam que um dispositivo considerado inconstitucional está automaticamente excluído do mundo jurídico. Nesse caso, para cobrar o imposto sobre esses bens seria necessário aprovar a taxação por meio de nova lei nas Assembleias Legislativas.

"Uma emenda constitucional não tem o condão de constitucionalizar uma norma que nasceu inconstitucional. Por isso é necessária uma nova lei [estadual]", afirma Natalia Zimmermann, sócia do escritório Velloza Advogados Associados.

Levantamento feito pelo escritório mostra que pelo menos dois estados, Bahia e Rio Grande do Norte, alteraram suas leis após a reforma de 2023 para se adequar à Constituição.

A advogada afirma que alguns contribuintes têm obtido vitórias contra o entendimento da Fazenda paulista, mas que não há casos suficientes para que seja possível determinar qual a tendência no Judiciário em relação ao tema.

Mateus Campos, coordenador da área Tributária do BVA (Barreto Veiga Advogados), afirma que a falta de uma lei complementar pode gerar também disputa entre os próprios estados para decidir quem fica com o tributo, pois uma secretaria de Fazenda pode entender que o domicílio fiscal foi alterado apenas com objetivo de escolher a menor alíquota.

Ele já foi procurado por clientes que queriam aproveitar a ausência da cobrança no Rio para transferir seu local de residência, realizar uma doação de bem no exterior sem imposto, e depois voltar para São Paulo, onde aproveitariam alíquota menor para a transmissão dos bens no Brasil.

"Isso carrega um risco bastante considerável, até porque outros elementos têm que ser considerados. Não é só a informação de endereço na declaração do Imposto de Renda, mas também elementos fáticos, como ter imóvel e um centro de atividades relevantes no estado. Esperamos que isso seja neutralizado com a continuidade da reforma do ITCMD", afirma.

No caso Silvio Santos, um juiz do Tribunal de Justiça de São Paulo suspendeu a cobrança do imposto e determinou o depósito de R$ 17,6 milhões (valor da cobrança) até a conclusão da disputa. Como noticiou a coluna Outro Canal, a discussão envolve R$ 429 milhões deixados em herança que estão em um paraíso fiscal.

"As herdeiras do falecido Silvio Santos nada mais fizeram senão exercer um direito legítimo dentro das posturas legais vigentes no Brasil", disseram as herdeiras do empresário em nota divulgada em janeiro.

A decisão liminar (provisória) publicada pelo juiz Marcio Ferraz Nunes mostra que elas questionam a tributação do ativo no exterior e também a cobrança do imposto sobre outros bens sem a exclusão de uma dívida deixada pelo apresentador. Essa é outra controvérsia entre os estados.

Em São Paulo, a tributação ocorre sobre o valor bruto da herança. Para descontar a dívida, o contribuinte é obrigado a recorrer ao Judiciário. Em relação a esse ponto, o juiz afirma que "o imposto deve incidir apenas sobre o patrimônio líquido partilhado".

R$ 429 milhões

é o valor da herança deixada pelo empresário Silvio Santos em paraíso fiscal

R$ 17,6 milhões

é a tributação contestada pela família do apresentador e que é discutida na Justiça

> **Uma emenda constitucional não tem o condão de constitucionalizar uma norma que nasceu inconstitucional. O que estamos vendo hoje na jurisprudência é um choque entre duas posições**
>
> **Natalia Zimmermann**
> sócia do escritório Velloza Advogados Associados

> **Isso [transferir o local de residência] carrega um risco considerável**
>
> **Mateus Campos**
> coordenador da área tributária do BVA

Valor real do mínimo tem de ser congelado

O risco de perdermos a estabilidade de preços, tão duramente construída, é real

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV). É doutor em economia pela USP

Arminio Fraga, em um evento em Harvard, afirmou que teremos que congelar o valor real do salário mínimo(SM) por seis anos. Isto é, elevar o SM apenas de acordo com a inflação. A afirmação é polêmica e gerou inúmeras reações.

O SM tem dois papéis. Primeiro, ele é a remuneração mínima para um trabalhador com contrato de trabalho formal regido pelas regras da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Segundo, ele é o valor mínimo para o benefício de diversas políticas sociais, como o mínimo pago pela Previdência Social e o BPC (Benefício de Prestação Continuada).

Como indexador da remuneração mínima do contrato de trabalho CLT, não há grandes problemas. Ele pode ser reajustado sem grandes efeitos colaterais. Evidentemente, se o valor fixado for muito maior do que a produtividade de um trabalhador desqualificado, as empresas não vão topar pagar e haverá estímulo à informalidade.

No entanto, como indexador do valor mínimo do benefício de diversos programas sociais, há o efeito colateral de aumentar o déficit público. O problema é que a dívida pública está em trajetória explosiva, o que coloca em risco a estabilidade da economia.

Se houver elevação do valor real do SM, todas as políticas públicas a ele vinculadas crescerão mais do que a economia. O déficit público aumentará. Em algum momento haverá uma crise profunda, como tivemos de 2014 até 2016, e os ganhos para os mais pobres serão perdidos. Enquanto a dívida pública estiver em trajetória explosiva, os aumentos do SM terão que ser em função da inflação passada e teremos que mudar o indexador do gasto mínimo da União com saúde e educação.

> **Se houver elevação do valor real do salário mínimo, todas as políticas públicas a ele vinculadas crescerão mais do que a economia. O déficit público aumentará. Em algum momento haverá uma crise profunda**

O historiador e jornalista Eduardo Bueno, conhecido por Peninha, autor de excelentes livros de história do Brasil, que tem um canal de divulgação de nossa história, o Buenas Ideias, agrediu Arminio por causa da opinião de que temos que congelar o valor real do mínimo por alguns anos. Para ele, Arminio é desprezível, repugnante, repulsivo e escroto.

Arminio é dos melhores economistas que o país tem. Ficou rico com uma carreira de muito sucesso no setor privado. Teve algumas passagens muito exitosas no setor público. Foi um dos principais responsáveis pela construção do arcabouço de política macroeconômica que propiciou os ganhos econômicos e sociais dos oito anos da presidência de Lula nos anos 2000. Hoje, além da atividade privada, dirige e financia uma organização com foco na busca de políticas públicas que melhorem a saúde pública do Brasil e outra que investiga a mobilidade social no Brasil, entre outras inúmeras iniciativas.

Difícil imaginar uma pessoa mais preocupada com o desenvolvimento econômico e social do Brasil do que Arminio Fraga.

Ademais, infelizmente Peninha não fez a lição de casa. No vídeo, afirmou que o salário mínimo no governo FHC caiu 4,82%. Segundo meu colega do FGV Ibre Manoel Pires, que foi secretário de Política Econômica no segundo mandato de Dilma Rousseff, quando Nelson Barbosa era ministro, o ganho real do salário mínimo nos oitos anos de FHC foi de 40%, ante 47% no governo Lula.

Vivemos uma situação fiscal gravíssima. O risco de perdermos a estabilidade de preços, tão duramente construída, é real. Que um historiador e jornalista de relevo demonstre tanta agressividade, grosseria e intolerância documenta que perdemos há tempos a civilidade.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher SEG. **Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Muller Machado

mercado



Consumidora observa preços de chocolates no Carrefour da avenida dos Autonomistas, em Osasco, Grande SP Bruno Santos - 16.abr.25/Folhapress

Inflação do cacau derrete venda de ovo de Páscoa, que deve ter recuo de 12%

Consumidor migra para itens mais baratos ou faz compra parcelada; indústria decidiu reduzir produção em 22,5%

Daniele Madureira

SÃO PAULO A Páscoa deste domingo (20) deve ser 12% menos doce. Essa é a queda no volume de vendas de chocolates sazonais no Brasil neste ano projetada pela Euromonitor International, em comparação com 2024, segundo dados obtidos com exclusividade pela Folha. De acordo com a consultoria, serão vendidas 7.320 toneladas neste ano, frente a 8.320 no ano passado. É o primeiro recuo desde 2021, período mais agudo da pandemia.

A Páscoa representa até 70% da venda de chocolates sazonais, que neste caso são basicamente ovos, coelhos e todas as embalagens que façam alusão à data.

A disparada na cotação do cacau no mercado internacional no último ano levou ao aumento de 12% no preço do chocolate nas gôndolas em 2024.

O avanço contribuiu para a inflação de alimentos no país, que atingiu em março 7,68% no acumulado de 12 meses, intervalo em que a inflação geral medida pelo IPCA foi de 5,48%, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Diante deste cenário, a indústria decidiu reduzir em 22,5% a produção de ovos para a Páscoa 2025, com a fabricação de 45 milhões de unidades. Além de exigir maiores custos de embalagem e logística, com entrega em caminhões refrigerados, o ovo tradicional demanda mais chocolate — daí a aposta em mais opções que são recheadas com doces ou biscoitos neste ano.

Por outro lado, os fabricantes aumentaram o número de itens, de 611 para 803, segundo a Abicab (Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Cacau, Amendoim, Balas e Derivados). Entram em cena mais caixas de bombons, mini coelhos e até barras de chocolate como sugestão de presente.

A Hershey's levou uma campanha à TV para falar das barras presenteáveis de Páscoa, item que também foi alvo de lançamento da Ferrero no Brasil neste ano. Do lado do varejo, grandes redes de supermercados e hipermercados, como o Carrefour e as Americanas parcelam a compra dos chocolates de Páscoa em até dez vezes, como já ocorreu em outros anos.

De acordo com a Scanntech, plataforma que mede as vendas do varejo alimentar, o movimento de diversificar os formatos de chocolate para baratear o desembolso na Páscoa não é novo. No ano passado, os bombons representaram 52% do volume de chocolate vendido na semana de Páscoa, período em que os tabletes (18%) praticamente empataram com os ovos (18,5%).

Este ano, quando faltavam duas semanas para a Páscoa, os bombons estavam representando 44% das vendas de chocolate, os tabletes 31%, enquanto os ovos somavam apenas 1,4% em volume.

"A cada ano, vemos os itens da linha regular de chocolates, em especial barras e bombons, ganharem mais espaço sobre a venda de ovos de Páscoa", diz Marco Alcolezi, diretor executivo de operações hiper, super e proximidade do Carrefour.

De acordo com o executivo, em volume, a rede deve crescer entre 1% e 3% na Páscoa deste ano, mas, em valor, a venda avança em dois dígitos, por conta dos reajustes de preços dos produtos.

Cerca de 30% das compras de Páscoa são parceladas. No cartão da loja, o Carrefour divide em até dez vezes, com parcelas mínimas de R$ 20. Nos demais cartões, as compras podem ser parceladas em até três vezes. A varejista conta com ovos de marca própria (a partir de R$ 35 a unidade de 160 g), que costumam ser as opções mais baratas do mix.

Produto de preço médio perde lugar para o premium

"O consumidor migra não só de loja e de marca em busca do mais barato, como também de produto", diz Alcolezi. Como exemplo, ele cita as demais categorias tradicionais desta época, como azeite, conservas, vinhos e pescados.

"Se o cliente não pode pagar pelo bacalhau, vai para o salmão. Se não dá para comprar salmão, escolhe a tilápia. E se não dá para comprar tilápia, leva sardinha. É preciso ter o mix todo."

Na rede Chama Supermercados, com lojas na zona leste da capital paulista e na Grande São Paulo, a busca tem sido pautada por preço. "A marca mais vendida é a Lovare, com ovos a partir de R$ 6 na versão de 50 g", diz Fabio Iwamoto, diretor da rede. Em volume, as vendas de ovos de Páscoa subiram pouco, cerca de 4% no acumulado de 30 dias até o último dia 14, em comparação a período equivalente de 2024.

Por outro lado, as vendas de peixes frescos e de bacalhau avançaram 20% neste intervalo.

Segundo Iwamoto, esses produtos não tiveram tanta variação quanto o chocolate no último ano. "Além disso, o período em que cai a Semana Santa costuma impactar as vendas", diz ele.

"No ano passado, caiu no fim do mês, quando o consumidor está com menos dinheiro. Neste ano, foi mais favorável."

Priscila Ariani, diretora de marketing da Scanntech, concorda. "O efeito calendário da Páscoa deste ano tende a amenizar em parte o impacto inflacionário", diz. Ainda assim, o consumo vem "andando de lado". "Não cresce porque a inflação vem sobre uma base que já estava alta", diz ela. "O consumidor vai procurar o que for mais barato."

Priscila chama a atenção, no entanto, para o efeito "high-low" (alto e baixo): a maior parte dos consumidores busca o preço mais em conta, mas existe uma fatia que decide migrar para o produto premium. "São clientes de marcas de médio preço que, diante da inflação, preferem pagar um pouco mais para levar um produto de maior qualidade."

Na opinião de Fabio Bentes, economista sênior da CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo), o mercado de trabalho mais aquecido amortece em parte a queda nas vendas da cesta de Páscoa, que deve ser de 1,4% neste ano, projeta a entidade, para R$ 3,36 bilhões, já descontada a inflação.

O recuo do varejo é puxado pela alta histórica do chocolate, diz. "O orçamento das famílias continua apertado."

Empresa aposta em produto mais acessível

Marcas como a Ferrero acreditam que o consumidor com orçamento limitado se dá menos chance de errar. "Ele vai escolher os produtos nos quais confia", diz Fernando Careli, diretor de relações institucionais da empresa para a América do Sul.

O Brasil está entre os dez maiores mercados mundiais da fabricante italiana, dona da Nutella, que lidera a venda de doces na Europa.

Diante da alta do cacau, a empresa decidiu ampliar o portfólio para produtos mais acessíveis: lançou tabletes de 90 g, com preço sugerido de R$ 25. A título de comparação, um Kinder Ovo de 100 g custa R$ 79. Outra novidade para orçamentos enxutos foi o Coelho Kinder, uma embalagem com três miniaturas (15 g cada uma) por R$ 23.

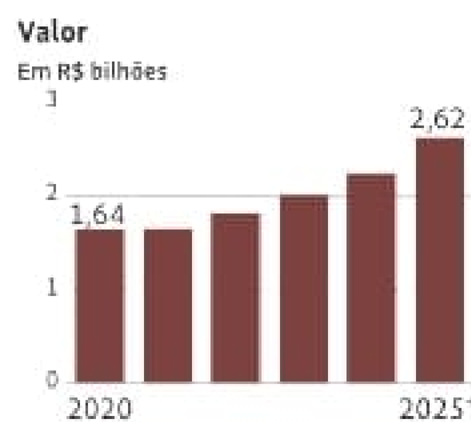
O carro-chefe da companhia são as embalagens de bombons Ferrero Rocher, com 3, 4, 8, 12 e 24 unidades (de R$ 11 a R$ 86).

Consumo de chocolates sazonais no Brasil

Venda no varejo de itens produzidos em datas específicas, como ovos de Páscoa

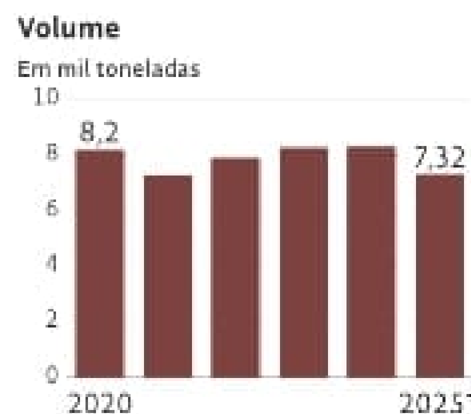
Valor

Em R$ bilhões



Volume

Em mil toneladas

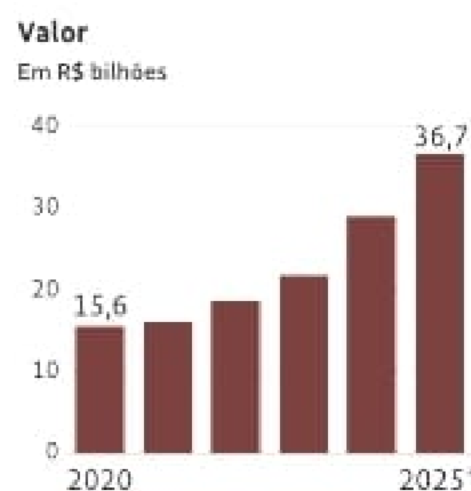


Consumo geral de chocolates no Brasil

Evolução em volume e valor da venda no varejo

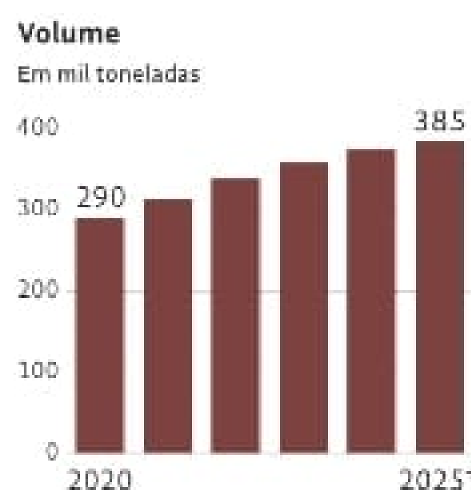
Valor

Em R$ bilhões



Volume

Em mil toneladas



* Previsão
Fonte: Euromonitor

China faz primeira meia maratona de humanoides em corrida de quase três horas

Robô Tiangong Ultra disputou prova com duas dezenas de competidores e venceu com tempo de duas horas e 40 minutos

Nelson de Sá

PEQUIM Na manhã deste sábado (19), em Pequim, Tiangong Ultra correu 21 quilômetros em duas horas, 40 minutos e 42 segundos e, com movimentos firmes, se tornou o primeiro vencedor de uma meia maratona de robôs humanoides, contra duas dezenas de concorrentes também chineses.

Com 1,80 m, lançado há um ano pelo Centro de Inovação de Robôs Humanoides de Pequim, ele deixou para trás a Unitree, da Hangzhou, até então a empresa que mais chamava a atenção. Em segundo e terceiro lugares chegaram representantes da Noetix, também de Pequim, com apenas 1,20 m.

"Tiangong, o preto, é o melhor", comentou Scott, 63, engenheiro eletrônico chinês que deu apenas seu apelido ocidental.

"Minha impressão é que isso é tão bom. É a primeira vez que vejo um robô correr tamanha distância, por tanto tempo. Isso não é fácil por causa do golpe, pelo choque interno. E a energia que o sustenta é muito resistente."

Ele mora em Yizhuang, a área de desenvolvimento tecnológico de Pequim onde foi realizada a corrida, e acompanhava da calçada.

Já Zhushu, 40, contou ter viajado dezenas de quilômetros com a filha de sete anos e o filho de dez "só para ver, pela primeira vez", a meia maratona de robôs. "Eu acho que a China é número um. Sou tão orgulhosa do meu país, da minha China, dos meus robôs."

Scott pensa um pouco diferente. "Não estou tão orgulhoso pela China. Do ponto de vista tecnológico ou científico, é bom para todas as pessoas, não só para a China."

Este foi o segundo evento de impacto midiático com robôs neste ano. O primeiro foi no Festival da Primeira, quando um grupo de humanoides da Unitree dividiu o palco com dançarinas, numa coreografia popular e tradicional da China.

Scott comenta estar "ansioso" pelo crescimento da performance dos robôs. "Principalmente para mim. Tenho mais de 60, então mal posso esperar para ver um robô de verdade cuidando de mim."

Shi Dengdeng, 18, estudante, também se diz animada ao ver os humanoides. "Esta é a minha primeira competição de robôs", contou. "É muito interessante. Embora sua velocidade seja um pouco deficiente, seu desempenho geral é muito estável."

A meia maratona foi dividida em duas pistas paralelas, separadas por uma cerca. Uma para os humanoides e suas equipes de apoio, outra para os cerca de 12 mil corredores humanos.

O vencedor humano fez o percurso em uma hora e dois minutos, mais de uma hora e meia antes de Tiangong Ultra. Os robôs puderam trocar de bateria durante a corrida, o que o vencedor fez três vezes.

O Centro de Inovação de Robôs Humanoides de Pequim, que criou Tiangong, é uma empresa sediada na própria área tecnológica de Yizhuang, com 43% de seu capital na mão de estatais.

A maioria, 57%, é dividida ao meio entre a UBTech, uma das principais de robótica na China, e a Xiaomi, que começou com eletrodomésticos, passou a smartphones, depois carros elétricos e agora humanoides.



Maratona é uma vitrine, diz escritor chinês

"Eu acho que a maratona de robôs é mais uma vitrine", comentou o escritor de ficção científica Liu Cixin, de "O Problema dos Três Corpos" sobre a meia maratona. "Os robôs demonstram a sua capacidade de se mover de maneira estável e equilibrada enquanto correm."

"Robôs que podem auxiliar idosos ou cuidar de pacientes têm um enorme potencial de mercado. É claro que ainda não atingiram esse nível. Mas, quando alcançarem, o mercado será enorme e o impacto na vida cotidiana será profundo."



Robô humanoide Tiangong durante meia maratona em Pequim, na China Nelson de Sá/Folhapress

TSMC mostra otimismo com IA apesar de incerteza sobre tarifas

Wen-Yee Lee, Faith Hung e Ben Blanchard

TAIPEI | REUTERS A TSMC, maior fabricante de chips sob encomenda do mundo, apresentou na quinta-feira (17) uma perspectiva otimista para o ano com base na demanda robusta por sistemas de IA (inteligência artificial), acrescentando que ainda não viu nenhuma mudança no comportamento dos clientes, apesar da incerteza sobre as tarifas de importação dos Estados Unidos.

A empresa de Taiwan, um termômetro para a indústria global de chips, manteve suas perspectivas anuais de vendas e investimentos e previu que a receita de microprocessadores de IA dobrará.

A previsão ocorre apesar de ventos contrários, como controles de exportação mais rígidos dos EUA sobre chips enviados à China (incluindo a decisão de restringir as vendas de um produto importante da Nvidia) e ameaças do presidente americano Donald Trump de cobrar tarifas sobre semicondutores, bem como taxas recíprocas mais amplas.

"Certamente estamos atentos ao possível impacto de todos os recentes anúncios de tarifas, especialmente o impacto sobre a demanda do mercado final", disse o presidente-executivo da TSMC, C.C. Wei, a analistas. "Dito isso, não observamos nenhuma mudança no comportamento de nossos clientes até o momento. Portanto, estamos mantendo nossas previsões."

A TSMC não está se envolvendo em negociações tarifárias, acrescentou Wei, que anunciou uma promessa de investimento adicional de US$ 100 bilhões (R$ 581,1 bi) nos EUA no mês passado, ao lado de Trump na Casa Branca.

"Esse tipo de discussão sobre tarifas é entre países. Somos uma empresa privada", afirmou.

Wei também disse que a TSMC não está em negociações com outras empresas sobre joint ventures, licenciamento de tecnologia, transferência ou "compartilhamento". Os comentários seguem informações da mídia de que a empresa poderia assumir uma participação em uma joint venture com a americana Intel.

O diretor financeiro da TSMC, Wendell Huang, disse que os investimentos em 2025 devem ficar entre US$ 38 bilhões (R$ 220,8 bi) e US$ 42 bilhões (R$ 244 bi), mantendo inalterada a previsão dada em janeiro.

Para o segundo trimestre, a TSMC previu receita de US$ 28,4 bilhões (R$ 165 bi) a US$ 29,2 bilhões, superando os US$ 20,8 bilhões (R$ 169,6 bi) do mesmo período do ano anterior, enquanto que para o ano inteiro espera um crescimento no faturamento de cerca de 20% a 30%.

O lucro líquido da TSMC no primeiro trimestre subiu 60% sobre um ano antes, para 361,6 bilhões de dólares taiwaneses (R$ 64,5 bi), o quarto trimestre consecutivo de crescimento de dois dígitos, superando confortavelmente uma média de previsões de analistas compilada pela Lseg, de 354,6 bilhões de dólares taiwaneses (R$ 63,3 bi).

Em um sinal de que os controles dos EUA sobre as exportações de chips para a China estão surtindo o efeito desejado, a receita da TSMC proveniente da China caiu para 7% do total de vendas, em comparação com os 9% do ano anterior, enquanto a América do Norte a fatia foi de 77% ante 69%.

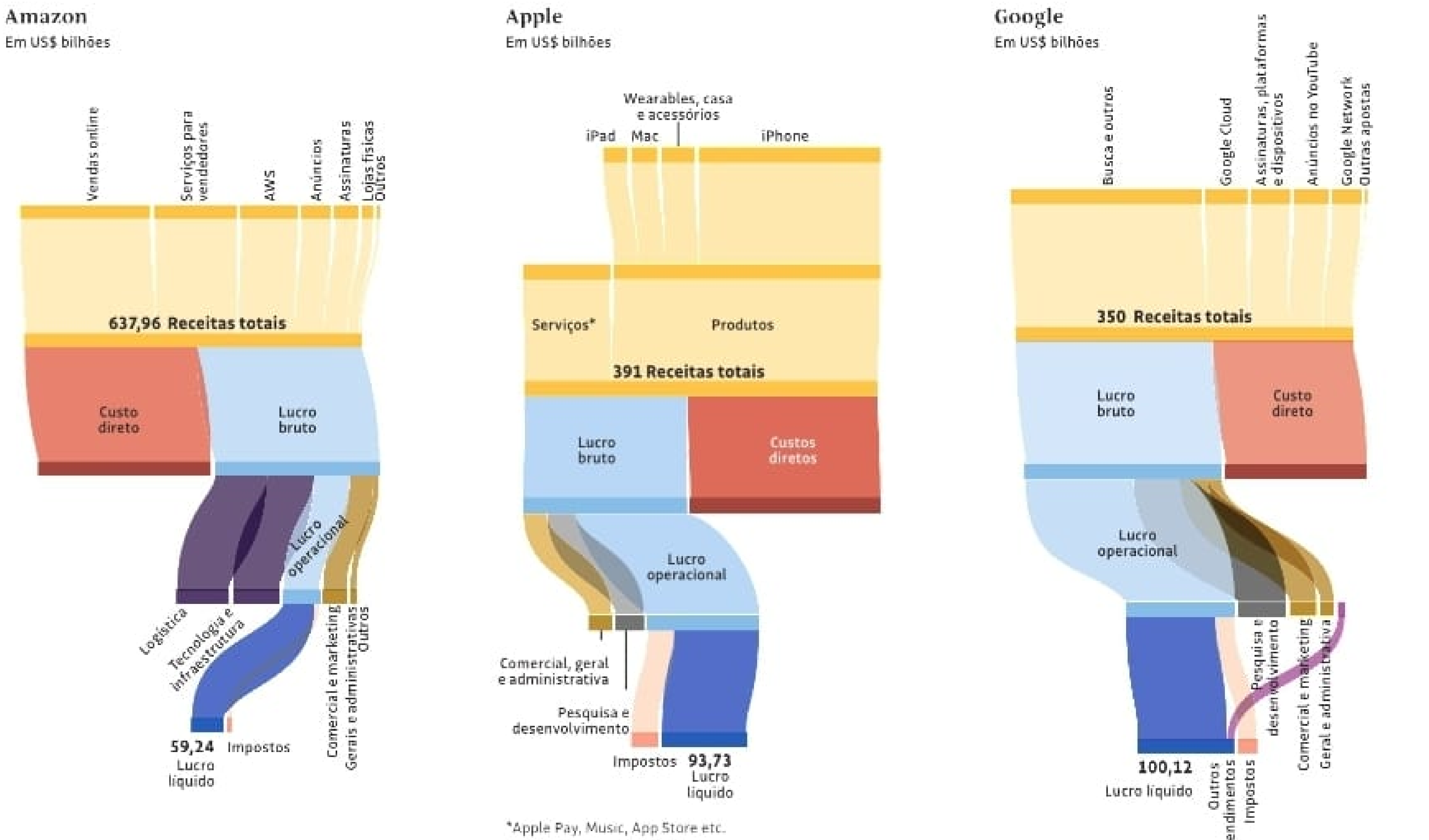
Na quarta-feira (16), a ASML, a maior fornecedora mundial de equipamentos de fabricação de chips para computadores, disse que a guerra comercial promovida por Donald Trump está aumentando a incerteza em torno de suas perspectivas para 2025 e 2026, mas manteve sua previsão de desempenho neste ano.

US$ 100 bilhões

é o valor do investimento adicional nos EUA anunciado pela TSMC

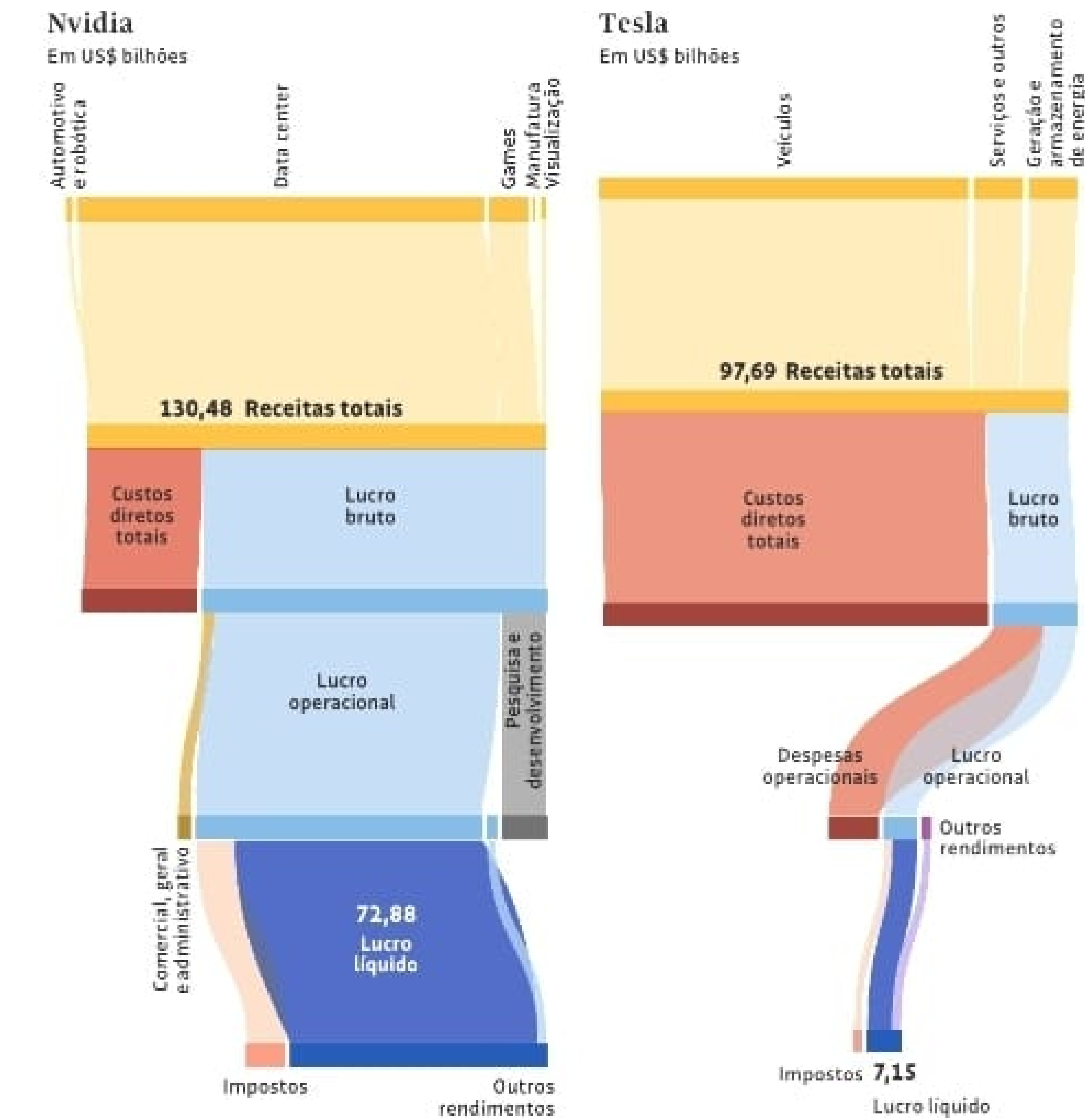
77%

é a fatia que a América do Norte representa nas vendas da companhia



Sete big techs 'magníficas' valem, juntas, US$ 15 trilhões; veja caminho do dinheiro

Apple, Microsoft, Nvidia, Google, Amazon, Meta e Tesla continuam a lucrar e fazem investimentos bilionários, apesar de ameaça de novas tecnologias chinesas e disputas judiciais; sob Trump, devem ter ano desafiador



Fonte: Balanço contábil para o ano fiscal de 2024, encerrado em 28 de setembro de 2024

Gustavo Soares e Cristina Sano

SÃO PAULO A receita que a Apple, empresa mais valiosa do mundo, obtém com serviços como Apple Pay e Music supera a soma de Macs, iPads e acessórios. A receita total da Tesla é próxima à da maior empresa brasileira, a Petrobras, cujo valor de mercado é de cerca de 11% daquela. A Amazon lucrou um décimo de sua receita de US$ 638 bilhões (cerca de R$ 3,7 trilhões) em 2024.

Com disputas judiciais e a guerra comercial entre Estados Unidos e China, este será um ano desafiador para as big techs, que podem depender da manufatura em território chinês, do mercado interno do país ou até se verem ameaçadas por tecnologias desenvolvidas por lá.

A adoção mais rápida da inteligência artificial e menos barreiras à chegada da ferramenta — após a DeepSeek, da China, ter surpreendido o mercado em janeiro deste ano com seu serviço de inteligência artificial de baixo custo — podem representar uma ameaça de longo prazo às "magnificent seven" (sete magníficas, como é chamado o grupo).

Mas essas companhias continuam lucrando como nunca. São valores exorbitantes que, por conta da magnitude, costumam até passar despercebidos em balanços contábeis divulgados trimestralmente por empresas de capital aberto, negociadas em Bolsas.

Veja em gráficos o caminho do dinheiro, das receitas até o lucro líquido, das sete grandes empresas de tecnologia dos Estados Unidos —Apple, Microsoft, Nvidia, Alphabet, Amazon, Meta e Tesla. Juntas, elas valem cerca de US$ 15 trilhões.

*

Amazon

Entre as sete empresas, a Amazon é a que tem maior receita: foram US$ 637,96 bilhões em 2024, com lucro líquido de cerca de 10% disso, de US$ 59,24 bilhões. A empresa fatura principalmente com vendas online e serviços para vendedores da plataforma (US$ 403 bilhões no total). A companhia anunciou um investimento de mais de US$ 100 bilhões em nuvem e inteligência artificial para este ano.

Na divisão regional, a América do Norte gerou US$ 387,49 bilhões, o resto do mundo, US$ 142,9 bilhões.

*

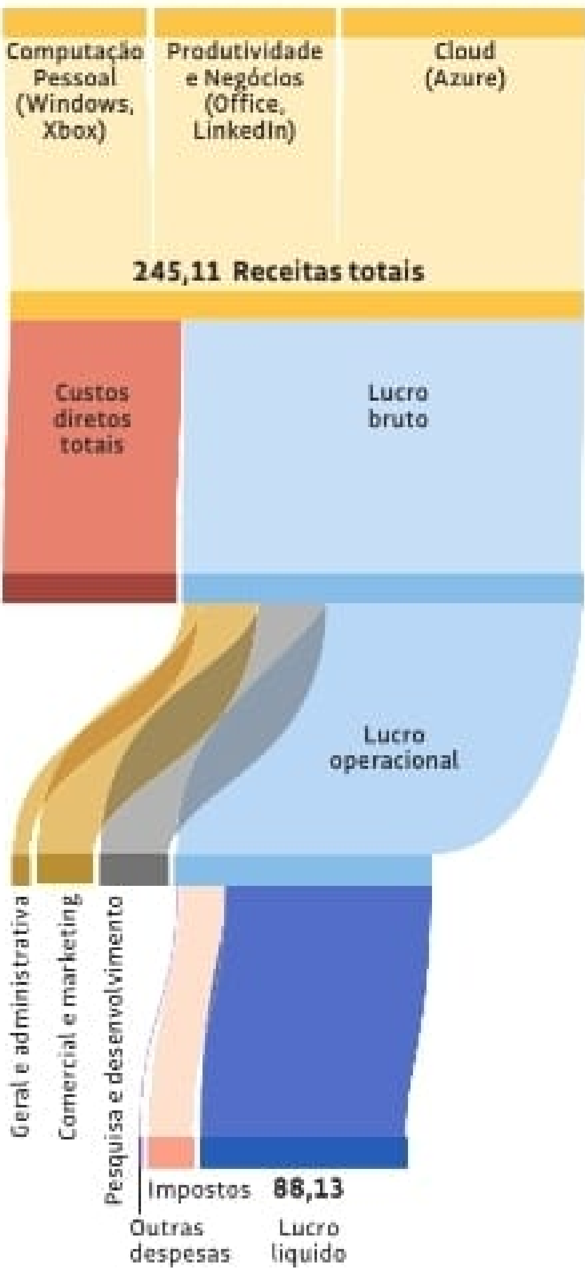
Apple

No ano fiscal encerrado em setembro de 2024, semanas depois do lançamento do iPhone 16, a Apple registrou uma receita total de US$ 294,86 bilhões com seus produtos. Mais de US$ 201 bilhões vêm do smartphone, enquanto a soma de Macs, iPads e acessórios não chega a metade

tec | mercado

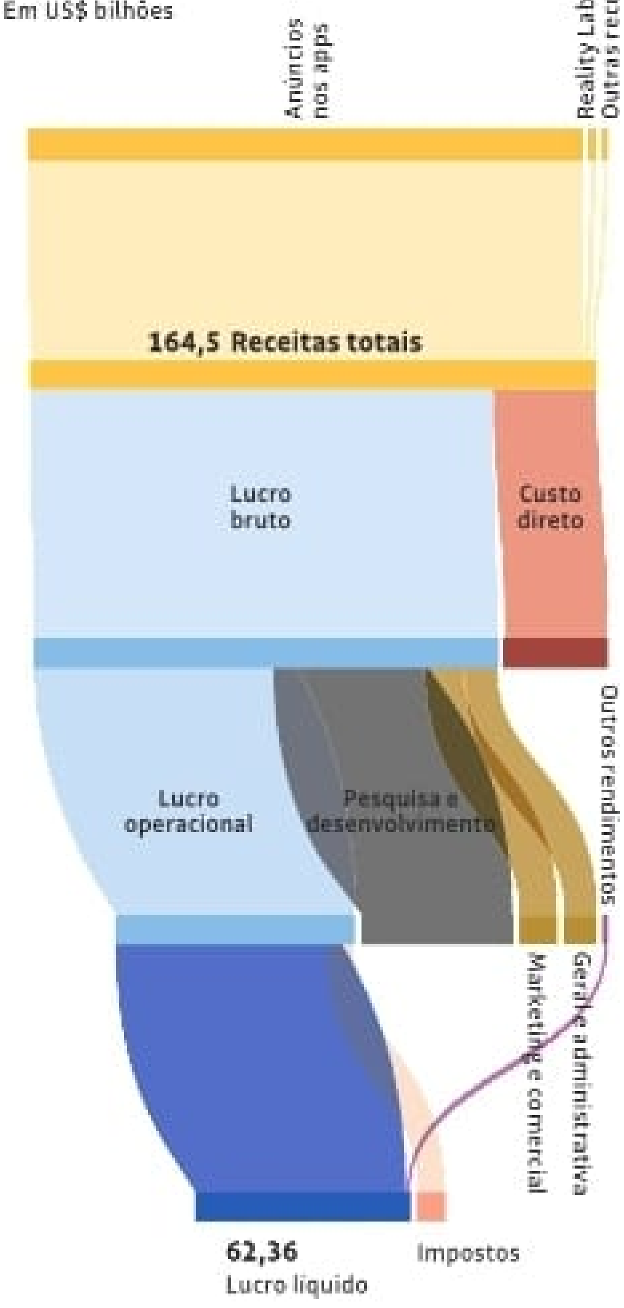
Microsoft

Em US$ bilhões



Meta

Em US$ bilhões



Google aponta alta em anúncios falsos com IA

O Google afirma que, em 2024, bloqueou cerca de 700 mil contas de anunciantes fraudulentos –que tentavam aplicar golpes usando, por exemplo, anúncios da internet que envolvem imagens ou áudio falsos produzidos com inteligência artificial para sugerir uma afiliação com uma celebridade ou personificar figuras públicas.

O dado faz parte do anual Relatório de Segurança em Anúncios do Google, publicado no dia 16. Cerca de 415 milhões de anúncios foram bloqueados, o que levou a uma queda de 90% nas denúncias desse tipo de golpe em 2024.

Os criminosos costumam se passar por órgãos públicos ou celebridades para transmitir credibilidade. A IA simula a voz e o rosto da pessoa a partir de trechos de entrevistas e aparições públicas disponíveis na internet.

No total, a empresa bloqueou 5,1 bilhões de anúncios em 2024 e suspendeu mais de 39 milhões de contas de anunciantes por violação de políticas da empresa, principalmente por abusar da rede de anúncios e por usar indevidamente marcas registradas.

disso (US$ 93,67 bilhões). Outros US$ 96,16 bilhões vieram de serviços como Apple Pay, App Store, nuvem e streamings. Este segmento, que registra maior crescimento para a empresa nos últimos anos, tem a vantagem de ser mais rentável —o custo de produção de hardware bateu US$ 182,23 bilhões no ano passado.

*

Alphabet

Receitas com publicidade na Busca continuam sendo o carro-chefe do caixa do Google, apesar dos esforços de diversificação da companhia. No ano passado, chegaram a US$ 198 bilhões, superando em mais de cinco vezes o retorno com anúncios no YouTube (US$ 36,14 bilhões). Também se destacam o gasto de US$ 49,32 bilhões com pesquisa e desenvolvimento e um lucro líquido de US$ 100 bilhões —o maior da lista.

Na última semana, a Justiça dos EUA considerou que o Google construiu um monopólio da publicidade digital. A decisão pode obrigar a big tech a vender parte das companhias que controla.

*

Microsoft

A dona do Windows atualmente tem mais receitas com o serviço de computação em nuvem Azure, que disputa mercado com o AWS, da Amazon, e o Google Cloud. Foram US$ 105,36 bilhões em 2024, à frente de produtividade e negócios (Office e o LinkedIn) e computação pessoal (onde entram Windows e Xbox). Relatório para o ano fiscal de 2024, encerrado em 30 de junho, demonstra um investimento de US$ 29 bilhões com pesquisa e desenvolvimento e um lucro de US$ 88,13 bilhões.

*

Meta

Como no caso do Google, a fonte de receitas da dona do Facebook, Instagram e WhatsApp, são os anúncios veiculados nos aplicativos. No ano passado, o segmento rendeu US$ 160,6 bilhões, quase a receita total da empresa, de US$ 164,5 bilhões. A empresa também investe em peso em P&D, com US$ 43,8 bilhões em 2024. No entanto, seu Reality Labs, divisão voltada a pesquisas com realidade virtual, registrou um prejuízo operacional de US$ 17,7 bilhões, enquanto os apps lucraram US$ 87,1 bilhões.

*

Nvidia

Beneficiada pela corrida da inteligência artificial, em 2024 a Nvidia chegou a ser a empresa mais valiosa do mundo e teve a maior receita da sua história. Os resultados referentes ao ano fiscal que terminou em 26 de janeiro deste ano foram impulsionados por GPUs (unidades de processamento gráfico) e serviços que alimentam data centers que alimentam IAs, com as receitas chegando a US$ 130,5 bilhões. O segmento de games, pelo qual a empresa era conhecida até poucos anos atrás, foi responsável por apenas US$ 11,4 bilhões.

*

Tesla

A montadora de carros elétricos de Elon Musk, além dos Model 3 e Y, também aufere receitas com negócios e geração de energia e serviços de recarga, embora ainda representem uma pequena parcela da receita total. Em 2024, os veículos renderam US$ 77 bilhões à empresa, mas o alto custo de produção levou o lucro líquido a US$ 7,1 bilhões.

Neste ano, a companhia enfrenta queda de vendas e protestos pela ligação de seu dono com o governo de Donald Trump.

Com Financial Times

Sindicato dos Representantes, Propagandistas, Propagandistas-Vendedores e Vendedores das Indústrias Farmacêuticas de Limeira e Região – Eleições Sindicais – Edital de Convocação. A entidade supra, inscrita no CNPJ sob nº. 11.149.957/0001-27, com Sede na Avenida São Sebastião, 415, Sala 02, Bairro Boa Vista, CEP 13.456-092, Limeira/SP, pelo presente Edital, faço saber que no dia 30/05/2025 das 09h às 15h na Sede desta entidade através de uma única urna fixa, será realizada a votação para a renovação da Diretoria e respectivos suplentes e do Conselho Fiscal desta entidade para o mandato de 01/07/2025 à 30/06/2029, ficando aberto o prazo de cinco dias para o registro de chapas a contar do dia seguinte da publicação deste edital das 09h às 17h na Secretaria do Sindicato. O requerimento de pedido de registro da chapa, acompanhado das fichas de qualificação, deverão ser dirigidos ao Presidente do Sindicato, podendo ser assinado por qualquer integrante da chapa e somente serão aceitas chapas que apresentarem o número de candidatos previsto no Estatuto. Após o término do registro de chapas, será afixado na Sede do Sindicato a relação das chapas registradas, abrindo prazo de três dias para impugnação de candidaturas. Caso haja chapa única registrada, a votação será por aclamação dos presentes na Sede do Sindicato às 17h do dia 30/05/2025 em única convocação. A posse dos eleitos ocorrerá no dia 01 de julho de 2025. Limeira/SP, 17 de abril de 2025. Márcio Adriano de Moraes – Presidente.

Lance no Leilão

LEILÃO DE IMÓVEIS DO BANCO DO BRASIL
PAGAMENTO À VISTA

PRÉDIO COMERCIAL

LOTE 012 – CAMPOS DO JORDÃO (SP) ID70714 MATRÍCULA: 3.394 DESCRIÇÃO: IMÓVEL URBANO: PRÉDIO COMERCIAL SITUADO NA AVENIDA FREI ORESTES GIRARDI, 637, VILA ABERNÉSSIA, CAMPOS DO JORDÃO/SP. MELHOR DESCRITO NA MATRÍCULA 3.394

29/04/2025 às 12H

LANCE MÍNIMO: R$ 6.810.000,00

IMPERDÍVEL!

CONFIRA MAIS INFORMAÇÕES NO SITE PREÇOS REDUZIDOS!

PRÉDIO COMERCIAL

LOTE 013 –ITAÍ (SP) ID74402 – MATRÍCULA: 1058 DESCRIÇÃO: IMÓVEL URBANO: PRÉDIO COMERCIAL SITUADO RUA 9 DE JULHO, 1099, CENTRO 1 ITAÍ/SP.

29/04/2025 às 12H

LANCE MÍNIMO: R$ 2.060.000,00

APROVEITE!

CONFIRA MAIS INFORMAÇÕES NO SITE PREÇOS REDUZIDOS!

Acesse: www.lancenoleilao.com.br Telefone: (11) 3393-3150

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A. - IPT

C.N.P.J. 60.633.674/0001-55

ASSEMBLEIAS GERAIS ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA

Ficam convocados os acionistas do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A - IPT a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária e Assembleia Geral Extraordinária, a serem realizadas no dia 28 de abril de 2025, às 11 horas, em sua sede social, Edifício da Diretoria, situada nesta Capital, na Avenida Professor Almeida Prado, nº 532 - Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira", Butantã, a fim de deliberar sobre a Ordem do Dia: ***Assembleia Geral Ordinária: 1)*** *Exame, discussão e aprovação das contas e documentos da Administração relativos ao exercício findo em 31 de dezembro de 2024, Relatório da Administração, Demonstrações Financeiras com os Pareceres do Comitê de Auditoria Estatutário, do Conselho Fiscal e dos Auditores Independentes; 2) Eleição de Conselheiros Fiscais; e 3) Eleição de Conselheiros de Orientação.* ***ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA: 1)*** *Fixação da remuneração dos membros dos órgãos estatutários; 2)* Alterações do Estatuto Social da Companhia: alteração do artigo 3º, "caput", em decorrência do aumento do capital social aprovado pelo Conselho de Administração; inclusão no "CAPÍTULO" de "DISPOSIÇÕES GERAIS", do "Artigo 59 - Os órgãos da administração da Companhia poderão autorizar o pagamento da verba honorária de sucumbência a advogados empregados, observados os termos e condições previstos na Lei Complementar Estadual nº 497, de 29 de dezembro de 1986 e as orientações da Procuradoria Geral do Estado." para atendimento às disposições do Ofício CODEC nº 051/2025; e 3) *Consolidação do Estatuto Social da Companhia; Stephanie Yukie Hayakawa da Costa Presidente do Conselho de Administração*

ipt INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS

SP SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

Clube Atlético Juventus

São Paulo, 9 de abril de 2025 **PCD Nº 24/2025**

Edital de Convocação

Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo de 23 de Abril de 2025

Carlos Eduardo Gomes Pedroso, **Presidente do Conselho Deliberativo do Clube Atlético Juventus**, no cumprimento de suas atribuições e na forma prevista no Artigo 67 Inciso I letra "d" do Estatuto Associativo e nas Normas Disciplinadoras - **PCD nº 04/2025, PCD nº 05/2025, PCD nº 09/2025, PCD nº 10/2025 e PCD nº 23/2025** convoca os (as) digníssimos (as) Conselheiros (as) em pleno gozo de seus mandatos e direitos associativos, e demais eleitos com os direitos do Clube, para comparecerem à Reunião Ordinária convocada para o dia **23 de abril de 2025**, às 19h30min, em primeira chamada, com a presença de metade mais um de seus membros efetivos (50%+1) e em segunda e última chamada, às 20h00min, então com qualquer número de conselheiros, localizada nas dependências da sua Sede Social, situada nesta Capital, na **Rua Comendador Roberto Ugolini Nº 152, SP,** Salão Grená, no prédio da sede social, a fim de cumprir a seguinte Ordem do Dia: 1 - Eleger na forma do Art. 111 uma das duas Chapas Completas dos candidatos ao Conselho de Administração composta por um Presidente, um Vice-Presidente, e três Membros Efetivos, abaixo inscritas junto ao Presidente do Conselho Deliberativo, exatamente como determina o Artigo nº 123, Item IV do Estatuto Associativo:

CHAPA 01 - AVANTE

Nome/Candidato	Cargo
Dilson Tadeu dos Santos Deradeli	Presidente
Odacyr Mannelli Raymundo	Vice-Presidente
Orlando Feitosa Raymundo	Membro
Pacifico Domingos Cataldo	Membro
Patricia Aguion	Membro

CHAPA 02 - NOVOS TEMPOS, RENOVE JUVENTUS (sub-judice)

Nome/Candidato	Cargo
Marcello Lourenço Batone	Presidente
Aurideniche Stefano	Vice-Presidente
Eloisa Machado de Almeida	Membro
Eduardo de Almeida	Membro
Murilo Magnusson Oliva	Membro

2 - O rito processual, devidamente fundamentado no Estatuto Associativo e nas Normas Disciplinares, é o seguinte: 2.1 - O candidato a Presidente do Conselho de Administração terá o tempo de 15 (quinze) minutos para expor o seu plano de trabalho e de gestão e ainda responder a perguntas objetivas dos (as) Conselheiros (as) presentes a respeito unicamente de seus projetos (Art. 123 - Item VI do Estatuto Associativo e Item I das Normas Disciplinadoras). 2.2- Encerradas as exposições dar-se-á o início da votação que se findará impreterivelmente após transcorridas 01 hora após iniciada, ou, a qualquer tempo no caso de já terem votado todos os conselheiros aptos. 2.3 - A Votação será por escrutínio secreto (Art. 111 e do Art. 123 do Estatuto Associativo). 2.4 - O Presidente do Conselho Deliberativo proclamará a Chapa eleita, dando posse aos dirigentes para o mandato regimental de 03 (três) anos, que **se iniciará em 31/05/2025 e terminará em 30/05/2028** (Art. 134 e Art. 123 § Único do Estatuto Associativo); e 2.5 - Depois de empossado o Presidente do Conselho de Administração fará o juramento previsto (Art. 134 § 3º Item II do Estatuto Associativo). **IMPORTANTE:** 1 - Dentro dos prazos regimentais, foram publicados no Site Oficial, afixados nos murais internos do Clube e na Sala do Conselho Deliberativo os seguintes documentos: **PCD nº 04/2025, PCD nº 05/2025, PCD nº 09/2025, PCD nº 10/2025 e PCD Nº 23/2025,** e a composição das Chapas. 2 - Os conselheiros aptos a votarem são àqueles constantes da Lista de Presença da presente reunião (Art. 158 do Estatuto Associativo). 3 - Os casos omissos, puramente formais, serão resolvidos pelo Presidente do Conselho Deliberativo no âmbito de suas respectivas atribuições e competência, na forma do art. 105 Estatuto.

Carlos Eduardo Gomes Pedroso - Presidente do Conselho Deliberativo

PRÓ SANGUE
HEMOCENTRO DE SÃO PAULO

DOE SANGUE
(11) 4573-7800

mercado

Justiça autoriza saque do FGTS para custear fertilização

Jullia Gouveia

SÃO PAULO O TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª região) autorizou uma trabalhadora de 38 anos a sacar o saldo do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para custear o tratamento de fertilização in vitro. Para o tribunal, o dinheiro pode ser usado para tratar condições além das citadas na lista de doenças graves do fundo.

A trabalhadora comprovou que tem infertilidade primária –dificuldade de engravidar pela primeira vez– e baixa reserva ovariana —menos óvulos do que a média. Para o tribunal, o uso do FGTS nesse caso garante direitos fundamentais, como o direito a dignidade humana, vida e saúde.

Segundo Elton Fernandes, advogado do caso, o entendimento geral dos tribunais brasileiros nos últimos anos é de permitir a liberação do FGTS em casos de doenças graves não listadas pelo governo federal.

"Nesse caso, a cliente teve um problema de saúde que a impediu de engravidar de formas naturais. Isso não quer dizer que a trabalhadora vai ter direito ao benefício apenas comprovando a dificuldade de engravidar", afirma.

Segundo o advogado, é preciso um relatório médico confirmando a necessidade do tratamento –o que não se aplicaria, por exemplo, a casais homoafetivos que queiram usar a fertilização in vitro.

A Caixa Econômica Federal recorreu da decisão, afirmando que o caso da trabalhadora não se encaixa nas hipóteses da lei. O pedido do banco foi negado. Procurada pela reportagem, a Caixa disse que não comenta ações judiciais em curso.

Santander | LEILÃO DE IMÓVEIS SOMENTE ONLINE | BIASI leilões

DIA 07 DE MAIO DE 2025 ÀS 11:00 HORAS

08 Imóveis Comerciais e Terreno em: SP, RJ, MG, RS e SC | Imperdível! Confira e Aproveite!!!

À vista, parcelado ou Financiado conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino- JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi-Preposto em exercício).

Santander | GRANDE LEILÃO DE IMÓVEIS SOMENTE ONLINE | BIASI leilões

DIA 06 DE MAIO DE 2025 ÀS 11:00 HORAS

Aprox. 200 Oportunidades em Diversos Estados do Brasil | Confira e Aproveite!!!

À vista ou Financiado conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino- JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi-Preposto em exercício).

itaú | GRANDE LEILÃO DE IMÓVEIS SOMENTE ONLINE | BIASI leilões

Dia 30 de Abril de 2025 às 11:00 horas.

171 Oportunidades (Residenciais, Comerciais e Terrenos) em Diversos Estados do Brasil | Confira e Aproveite!!!

À vista com 10% de desconto ou Parcelado em até 70 vezes conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino- JUCESP nº 616 João Victor Barroca Galeazzi-Preposto em exercício.

RICO LEILÃO Online e Transmissão Ao Vivo | Transmissão Ao Vivo Encerramento 23/04/2025 às 13h00 | Eletrobras

Edital LL.2025.0004 - VEÍCULOS COM DIREITO A DOCUMENTO

Modalidade: ON-LINE com Transmissão ao vivo (www.ricoleiloes.com.br)
Abertura dos lances dos lotes: 04 de abril de 2025 às 10h00m
Início de fechamento dos lotes: 23 de abril de 2025 às 13h00m
EDITAL COMPLETO acesse www.ricoleiloes.com.br
*Os interessados devem se habilitar por e-mail contato@ricoleiloes.com.br até 21/04/2025, com envio dos documentos indicados no Edital.
** Maiores informações, condições de participação, visitação, remoção dos bens acesse o edital completo no site.
Leiloeiro Oficial – Victor Senna Gir Andrade – JUCESP 1132
Tel. (11) 4040-8060 | www.RicoLeiloes.com.br

MARCELLO LEMOS LEILOEIRO OFICIAL | LEILÃO Presencial e Online c/ Transmissão Ao Vivo | CPTM

LEILÃO DE DORMENTE DE MADEIRA, POSTE DE CONCRETO, SUCATA DE AÇO E FERROSA, TRILHO FERROVIÁRIO USADO, VEÍCULO FERROVIÁRIO DESATIVADO, ÓLEO UTILIZADO E OUTROS MATERIAIS DIVERSOS

Início do Encerramento:
09 de maio de 2025 às 10h00m
Online c/ Transmissão Ao Vivo: www.MarcelloLemosLeiloeiro.com.br

Modalidade Presencial: Auditório - Endereço: Rua José Paulino nº 7, Bom Retiro, São Paulo/SP, CEP 01120-001
* Maiores informações sobre visitação e edital completo no site do leiloeiro.
Leiloeiro Oficial - Marcello Lemos da Cruz - JUCESP 983
Tel. (11) 4040-8060 | www.MarcelloLemosLeiloeiro.com.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 75/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO DERMATOLOGISTA PARA AMÉRICO BRASILIENSE
(01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 22/04/2025 às 14h do dia 05/05/2025
As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **DERMATOLOGIA** emitido por entidade credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou Título de Especialista em **Dermatologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário: **R$ 5.117,81 (cinco mil, cento e dezessete reais e oitenta e um centavos)**

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 12/05/2025 até as 17h do dia 13/05/2025 no site www.faepa.br
Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA *ON LINE*
(somente para os candidatos classificados)

DATA: 20/05/2025 às 08h30
Os candidatos realizarão a **ENTREVISTA** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL | LEILÃO QUINTA-FEIRA - 24/04/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 200 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ONLINE | VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS

VEÍCULOS EM CAÇAPAVA/SP E CANDEIAS/BA | LOCAL PREGÃO: CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 23/04/2025, das 12 às 17h e 24/04/2025, das 07 às 09h | Avenida Henry Nestle - 1500 - CAÇAPAVA/SP
VISITAÇÃO: 23/04/2025, das 09 às 16h e 24/04/2025, das 07 às 09h | Rodovia BA - 522, KM 5 - Caroba - CANDEIAS/BA

•MODELOS: MERCEDES-BENZ/ACTROS 26515 6X4 2021/2022 - DAF/XF FTS 480 SSC 2021/2022 - LIBRELATO/SEMI-REBOQUE LIBRELATO DLCBQRI2 2022/2022 - RANDON/SEMI-REBOQUE CA 2022/2022 - FACCHINI/SEMI-REBOQUE SRF 2CB 2023/2023 - MERCEDES-BENZ/416CDISPRINTERF 2020/2021 - CHEVROLET/TRAILBLAZER PRE D4A 2019/2020 - RENAULT/DUSTER OROCH 20 DYN42AT 2018/2019 - HYUNDAI/HB20S 10M EVOLUT 2021/2022 - FIAT/MOBI TREKKING 1.0 MT 2024/2024 - FIAT/UNO ATTRACTIVE 1.0 2019/2019 - FIAT/ARGO DRIVE 1.0 2019/2020 - HONDA/CIVIC EXL CVT 2016/2017 - FIAT/TORO RANCH AT9 4X4 2021/2022 - VOLKSWAGEN/GOL 1.6L MB5 2021/2022 - CHEVROLET/ONIX PLUS 10MT LT2 2020/2021 - FORD/ECOSPORT TIT2AT 1.5 2019/2020 - RENAULT/KWID ZEN 10MT 2020/2021 - FIAT/MOBI LIKE 2021/2021 - NISSAN/VERSA 10 2018/2019 - FORD/KA SE 1.0 HA C 2019/2020 - MERCEDES-BENZ/C 200 2014/2015 - HONDA/CG 160 FAN 2024/2025 - HONDA/CG 160 TITAN 2023/2023 - HONDA/CB 300F TWISTER FLEX 2023/2024 - YAMAHA/CROSSER S ABS 2024/2024 - YAMAHA/MT-03 ABS 2024/2025 - CITROEN/JUMP GREENCAR ES 2013/2014 - RENAULT/MASTER REVESCAP L3H2 2008/2009. | MÓDULOS FOTOVOLTAICOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS.

Consulte relação completa de veículos no site. Condições de venda e pagamento constarão no catálogo próprio.
Visite nosso site: www.GUARIGLIALEILOES.com.br
Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415
bradesco Santander PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

ANADEM S.A.
CNPJ nº 03.432.472/0001-01
NIRE 53300026264

Convidamos os senhores acionistas para a reunião de Assembleia Geral Ordinária, a ser realizada exclusivamente de forma presencial, em nossa sede, localizada no endereço: Av. Sagitário, nº 138, Conj. 1118 B, Bloco Torre 2, Setor A, Bairro Alphaville, Barueri, SP, CEP: 06473-073, nos termos do art. 124, § 2º, da Lei 6.404/76, no dia 25 de abril de 2025, às 11h, para deliberar sobre as matérias dispostas no Art. 132 da Lei 6.404/76, sendo as seguintes: **1) Tomar as contas dos administradores, examinar, discutir e votar as projeções financeiras; 2) Deliberar sobre a destinação do lucro líquido do exercício e a distribuição de dividendos; 3) Eleger os membros do conselho fiscal 4) Aprovação do parecer do Conselho Fiscal; 5) Aprovação das contas de 2024/2023**; Pela razão da realização da Assembleia Geral Ordinária em 25 de abril de 2025, encontram-se disponíveis os documentos descritos no artigo 133 da Lei 6.404/76. A documentação deverá ser solicitada por meio do e-mail zoom@anadem.org.br , devidamente acompanhada dos documentos que comprovem sua condição de acionista, para encaminhamento do link de acesso aos documentos.

Marcelo Amaro Buz
Diretor Executivo
ANADEM S.A

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

ABERTURA DE INSCRIÇÕES PARA EXAME DE SELEÇÃO

CURSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL BÁSICO
EIXO TECNOLÓGICO: AMBIENTE E SAÚDE - CUIDADOR DA PESSOA IDOSA
PERÍODO TARDE / MODALIDADE HÍBRIDA
100 horas (4 meses)
42 vagas

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da **Internet** no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 21/04/2025 às 14:00h do dia 28/04/2025**.

Valor da Taxa Inscrição: R$ 10,00

O Edital na íntegra encontra-se no site **www.hcrp.usp.br**

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA
DATA: 08/05/2025 - 18h00m
Local : ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.

(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

COMUNICADO

A CLARO S.A., em atenção ao disposto no Despacho Decisório nº 16/2024/PRRE/SPR - ANATEL, comunica aos seus assinantes do STFC que a partir da 00h00 do dia 04/05/2025, as chamadas originadas e terminadas em telefones fixos entre os municípios pertencentes às Áreas Locais de cada bloco da tabela abaixo serão cobradas como ligações locais. Mais informações no site www.claro.com.br/institucional/regulatorio.

UF	Área Local	Municípios
AL	São Miguel dos Campos	Campo Alegre, Coruripe, Jequiá da Praia, Roteiro, São Miguel dos Campos e Teotônio Vilela
ES	Marataízes	Itapemirim e Marataízes
MG	João Monlevade	João Monlevade e Bela Vista de Minas
RJ	Cabo Frio	Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia e Saquarema
	Miguel Pereira	Miguel Pereira e Paty do Alferes
	Volta Redonda	Barra do Piraí, Barra Mansa, Pinheiral e Volta Redonda
	Porto Real	Porto Real e Quatis
RO	Ouro Preto do Oeste	Nova União, Ouro Preto do Oeste e Teixeirópolis
	Jaru	Governador Jorge Teixeira, Jaru e Theobroma
RS	Cruz Alta	Boa Vista do Cadeado, Boa Vista do Incra e Cruz Alta
	Frederico Westphalen	Cristal do Sul e Frederico Westphalen
	Gramado	Canela e Gramado
	Lajeado	Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Estrela, Forquetinha e Lajeado
	Marau	Gentil e Marau
	Rio Grande	Rio Grande e São José do Norte
	Santa Cruz do Sul	Vera Cruz e Santa Cruz do Sul
	São Gabriel	Santa Margarida do Sul e São Gabriel
	Teutônia	Westfália e Teutônia

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAL DE REABERTURA DE INSCRIÇÕES:

AGENTE TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE (FONOAUDIÓLOGO)
para atuar nas áreas de VOZ, COMUNICAÇÃO E DISFAGIA OROFARÍNGEA
Ed. Nº 12/2025 (1 VAGA)
JORNADA: 30H SEMANAIS

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 21/04/2025 às 14:00h do dia 12/05/2025**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

O Edital na íntegra encontra-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA e DISSERTATIVA E AVALIAÇÃO DE TÍTULOS
DATA: 21/05/2025 - 18h30m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2º andar do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto-SP

(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAIS DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

AGENTE TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE

ÁREAS:
BIOLOGISTA - ÁREA DE RESSONÂNCIA NUCLEAR MAGNÉTICA
Ed. Nº 25/2025 - (1 VAGA)

BIOLOGISTA - MEDICINA NUCLEAR
Ed. Nº 26/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 21/04/2025 às 14:00h do dia 12/05/2025**.

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site **www.hcrp.usp.br**

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA
(somente para os candidatos inscritos)

- OBJETIVA
DATA: 21/05/2025 - 18h30m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.

(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

Eufrázio

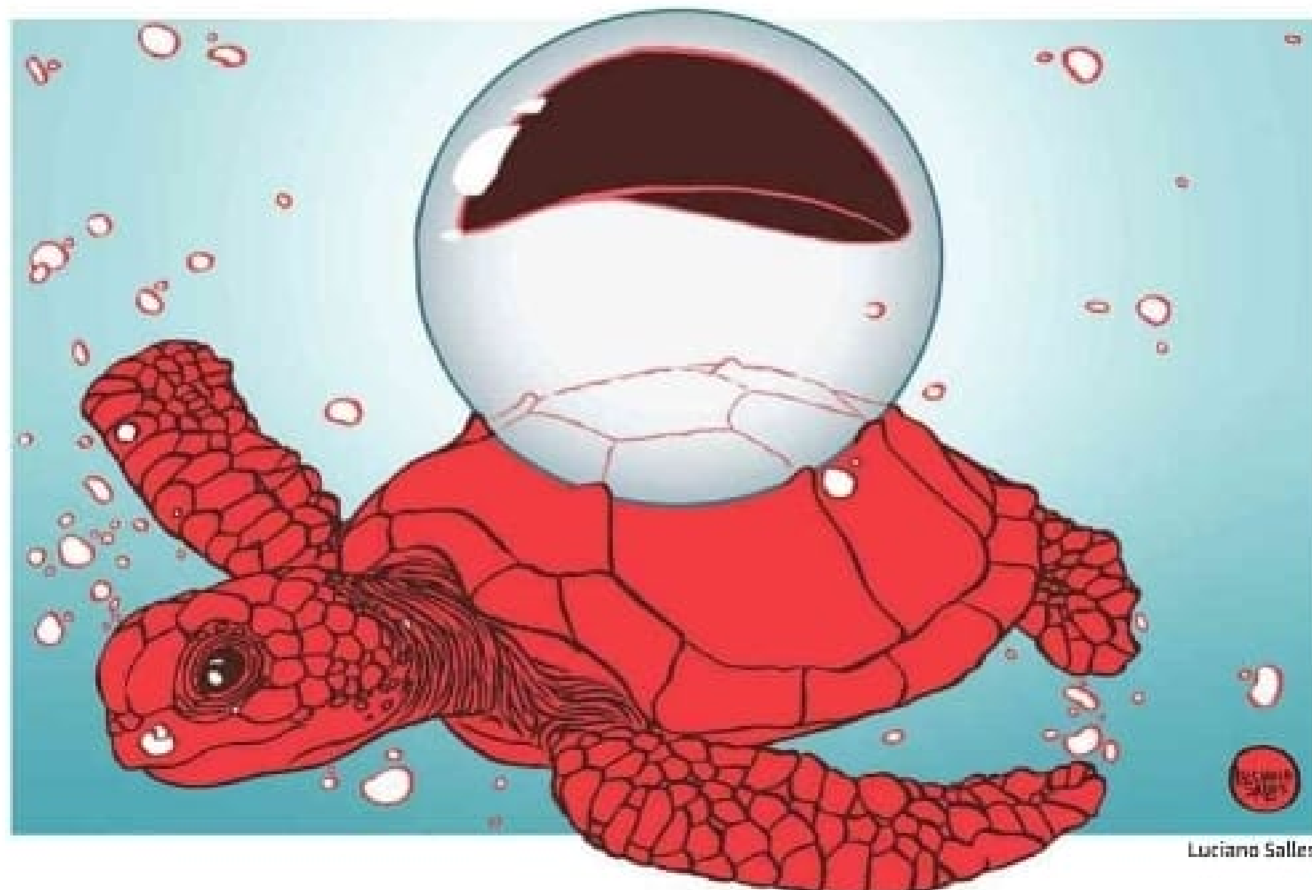
O custo-benefício da Foz do Amazonas

Reflexões sobre o difícil cálculo econômico de explorar petróleo em um ecossistema sensível

Candido Bracher

Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos

Aprendi na faculdade que não há, em ciências sociais, observação da realidade completamente isenta. Como ressaltou o antropólogo Clifford Geertz —difundindo pensamento original de Max Weber—, "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu". Feita essa ressalva, procurarei analisar com a objetividade de que for capaz a questão da exploração de petróleo na bacia da Foz do Amazonas.



Luciano Salles

Começo pela nomenclatura. Para evitar a carga emocional-ambiental associada à palavra "Amazonas", defensores da exploração de petróleo passaram a referir-se à área como "margem equatorial". Esses, no entanto, não são termos equivalentes: a margem equatorial se estende do litoral do Amapá ao Rio Grande do Norte, abrangendo quatro bacias petrolíferas, sendo uma delas a bacia da Foz do Amazonas, mais próxima à costa do Amapá, que abriga o bloco FZA-M-59, cuja exploração está sob análise do Ibama e no centro da polêmica.

Os argumentos contrários à exploração são de duas naturezas: ambientais e de imagem.

No aspecto ambiental, há dois riscos principais inter-relacionados. Primeiro, a área abriga ecossistemas sensíveis, como o recém-descoberto "grande sistema de recifes da Amazônia", além de espécies ameaçadas, como o peixe-boi-marinho e as tartarugas, cujo habitat pode ser comprometido pela perfuração e o tráfego de embarcações. Segundo, as fortes correntes marítimas e águas turvas dificultam a contenção de vazamentos, tornando um eventual acidente devastador para a fauna e para comunidades pesqueiras.

Além dos impactos ecológicos diretos, há um dano menos tangível, mas crucial: a imagem do Brasil no cenário internacional. Nosso potencial no ciclo econômico de baixo carbono apoia-se em diferenciais como o sequestro de carbono via preservação e restauração florestal, a expansão de biocombustíveis e o desenvolvimento de tecnologias verdes, baseadas principalmente na disponibilidade de energias "limpas", como a solar e a eólica. Mas essas vantagens só se concretizam se houver mercados, que, por sua vez, exigem regras e certificações internacionais, além de tempo para sua maturação.

A remuneração pela preservação de florestas, por exemplo, depende da aceitação de mecanismos como as parcerias jurisdicionais e as iniciativas de Redd+, que têm sofrido forte oposição internacional. Os biocombustíveis enfrentam críticas sobre supostos impactos negativos no uso da terra, na medida em que desloquem a produção de alimentos para áreas de floresta, enquanto as emissões agrícolas tropicais, embora potencialmente mais baixas que as temperadas, ainda carecem de métricas reconhecidas.

Nosso êxito nessas discussões depende diretamente do prestígio que nossa diplomacia vem construindo internacionalmente, que —segundo vários artigos na imprensa estrangeira— é seriamente afetado pela perspectiva de exploração de petróleo na Foz do Amazonas.

Os defensores da exploração apresentam argumentos mais diretos. Afirmam que a tecnologia atual permite uma operação segura, mesmo em áreas de correnteza forte, com monitoramento avançado e protocolos rigorosos. Defendem também que os projetos ambientais exigidos pelo Ibama garantirão a proteção dos recifes e da fauna.

Para essas questões, existe a governança ambiental brasileira, que exige que o Ibama se manifeste com isenção e sem interferências políticas, cabendo a ele a decisão final.

Resta, porém, a questão econômica e política, que alimenta a polêmica. Enquanto opositores argumentam que os riscos ambientais e a perda de credibilidade internacional superam os ganhos, defensores enfatizam a arrecadação e os empregos gerados, especialmente no Amapá, um dos estados mais pobres do país.

Argumenta-se ainda que, enquanto o Brasil hesita, outros países aumentam sua produção. Parêntese: esse raciocínio de "fazer porque os outros fazem" é justamente o mecanismo que levou ao aquecimento global —um caso clássico da "tragédia dos bens comuns" na economia.

Chegamos, então, à pergunta mais difícil: abstraídas as questões ambientais, o empreendimento vale a pena economicamente?

A experiência recente do campo de Búzios —maior campo em produção do pré-sal— sugere um prazo longo para retorno. Entre a perfuração do primeiro poço e a primeira extração de óleo ("first oil"), passaram-se oito anos. Foram necessários mais seis anos para atingir a produção atual de 700 mil barris/dia, estando ainda prevista a instalação de mais plataformas, sendo a próxima em 2027, 17 anos após a primeira perfuração.

Ao cidadão brasileiro que não é executivo da Petrobras nem político da região fica a pergunta: vale a pena correr um risco ambiental severo, desmoralizar a diplomacia do país e comprometer seu potencial na economia de baixo carbono para investir bilhões de dólares em um projeto com tamanho grau de incerteza?

O investimento necessário é difícil de estimar, mas sabe-se que, após a descoberta do pré-sal, em 2007, os aportes aumentaram em média US$ 11 bilhões anuais por seis anos, antes de voltar gradualmente ao patamar anterior.

Se o investimento pode ser estimado, prever o preço do petróleo em 2040, quando a área atingiria uma produção relevante, é um desafio muito maior.

Para a Petrobras, que se dedica quase exclusivamente à exploração e à produção de petróleo, vale o chiste "para quem só tem martelo, todo problema é prego". Assim, a incerteza do preço futuro tem peso menor. Como o horizonte de tempo é distante, assume-se que basta o custo de extração ser competitivo para justificar o investimento.

Para os políticos, que defendem o projeto com unhas e dentes —e outras armas também—, o retorno independe do sucesso econômico do campo. A certeza dos investimentos e dos empregos gerados garantirá dividendos eleitorais já em 2026 e 2030, sendo menos relevante o que vier a ocorrer após essa data.

Aos estados e municípios, beneficiários potenciais das receitas do petróleo, podem ser oferecidos mecanismos compensatórios como o "Fundo de Royalties Verdes", recém-proposto pelo Ipam.

O cenário atual, no entanto, é de incerteza quanto à demanda futura de petróleo. Até recentemente, a Opep (produtores) e a IEA (consumidores) faziam projeções semelhantes, com variação inferior a 1%. Hoje, divergem fortemente a longo prazo. A IEA prevê o início da queda no consumo global para antes de 2030; a Opep, em 2045 —o que sugere que a produção brasileira poderá enfrentar um mercado minguante com preços em queda, no qual há concorrentes com grandes reservas e custos mais competitivos, como a Arábia Saudita.

Ao cidadão brasileiro que não é executivo da Petrobras nem político da região fica a pergunta: vale a pena correr um risco ambiental severo, desmoralizar a diplomacia do país e comprometer seu potencial na economia de baixo carbono para investir bilhões de dólares em um projeto com tamanho grau de incerteza?

A cada um de formar o seu juízo.

Campanha de Trump contra ESG atinge títulos verdes de emergentes

BLOOMBERG A reação nos EUA sobre questões climáticas afeta a capacidade de muitos mercados emergentes de arrecadar fundos para projetos ambientais.

As vendas de títulos verdes caíram cerca de 33% em 2025, para US$ 8 bi (R$m 46,8 bi), o início de ano mais lento desde 2022, quando se exclui a emissão da China, de acordo com dados compilados pela Bloomberg. A queda ocorre apesar de aumento de 18% na emissão geral de títulos de mercados emergentes, totalizando US$ 225 bi (R$ 1,3 trilhão).

A mudança segue a saída dos EUA do Acordo de Paris e de um papel de liderança em uma parceria de transição energética para a África do Sul, Indonésia e Vietnã.

O Partido Republicano do presidente dos EUA, Donald Trump, também buscou proibir estratégias de investimento com base em critérios de ESG, fazendo com que muitas empresas de Wall Street recuassem de seus compromissos climáticos.

Neste ano, o Wells Fargo tornou-se o primeiro grande banco a abandonar metas de emissões de financiamento, após uma série de credores de Wall Street se retirarem da Net-Zero Banking Alliance, a maior aliança climática da indústria bancária.

Desde que Trump voltou à Casa Branca, as empresas americanas praticamente abandonaram os títulos verdes, antes promovidos como forma de as corporações ajudarem a consertar o planeta.



Com o novo governo [as conversas sobre investimentos verde], sumiram

Jeff Grills
chefe de dívidas da Aegon Asset

Embora o mercado de negócios de títulos verdes de mercados emergentes esteja em funcionamento, 80% vêm de emissores com grau de investimento, como a Arábia Saudita. O país vendeu título verde de 1,5 bi de euros (R$ 10 bi) para financiar plano de transformação econômica.

Eufrázio

Suprema Corte dos EUA impede Trump de deportar venezuelanos

Presidente havia invocado lei de 1798 para expulsar supostos criminosos; Casa Branca diz confiar em legalidade da ação

AFP A Suprema Corte dos Estados Unidos suspendeu neste sábado (19) a deportação de vários supostos membros de gangues venezuelanas para uma prisão em El Salvador, com base em uma lei do século 18.

O presidente dos EUA, Donald Trump, invocou no mês passado a Lei de Inimigos Estrangeiros de 1798 para prender acusados de integrar o Tren de Aragua —uma das principais facções criminosas da Venezuela e considerada terrorista pelos EUA— e deportá-los para uma prisão salvadorenha de segurança máxima. Advogados dos venezuelanos afirmam que seus clientes não faziam parte da organização e que as autoridades se basearam em tatuagens para determinar se os detidos eram ou não criminosos.

Até então, a lei de 1798 só havia sido usada durante a guerra de 1812 contra o Império Britânico e suas colônias no Canadá, e nas duas guerras mundiais.

"O governo está proibido de expulsar qualquer membro do suposto grupo de detidos nos Estados Unidos até nova ordem desta corte", determinou o tribunal. Os juízes conservadores Clarence Thomas e Samuel Alito discordaram da medida.

A decisão respondeu a um recurso apresentado na noite de sexta-feira pela União Americana pelas Liberdades Civis (Aclu, na sigla em inglês), segundo a qual os venezuelanos haviam sido informados de que "seriam expulsos de forma iminente" com base nessa lei, sendo que alguns até já teriam sido colocados em ônibus para traslado. Não se sabe ao certo quantos seriam deportados.

A Casa Branca respondeu que Trump manteria sua postura firme na repressão à imigração, mas evitou dizer que o governo desafiaria a Suprema Corte, parecendo, por ora, evitar uma potencial crise constitucional entre Judiciário e Executivo.

"Estamos confiantes na legalidade das ações do governo e em, no fim das contas, prevalecer contra a enxurrada de litígios infundados movidos por ativistas radicais que se importam mais com os direitos de estrangeiros terroristas do que com os do povo americano", disse a secretária de imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt, em comunicado.

Eleito no ano passado com a promessa de reprimir migrantes, Trump tem reiterado que seu poder no Executivo lhe concede ampla autoridade em questões de imigração, testando o equilíbrio de Poderes.

Mão com tatuagem de gangue seria de salvadorenho

O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou em uma publicação na rede social X que o imigrante Kilmar García teria uma tatuagem da gangue salvadorenha MS-13, insinuando que essa seria uma evidência para sua deportação.

No post na conta da Casa Branca, há uma imagem de Trump segurando a foto de um punho fechado, em que tatuagens de sílabas e números feitas nos dedos formam, juntas, a inscrição MS-13. A foto, porém, mostra apenas uma mão, e não é possível identificar a quem ela pertence.

Nos comentários da postagem, usuários apontaram que a imagem parece ter sido alterada digitalmente —a Casa Branca não se manifestou.

Advogados da Aclu entraram com recurso na Suprema Corte após não conseguirem uma resposta rápida de petições anteriores apresentadas na sexta-feira (18) perante o juiz federal James Hendri, do Texas, e o 5º Tribunal de Apelações, em Nova Orleans, para bloquear tais deportações.

Na ordem da madrugada de sábado (19), a Suprema Corte instou o governo a apresentar uma resposta ao pedido da Aclu. A questão é se a Casa Branca atendeu ao padrão do tribunal máximo do país de fornecer aos detidos o devido processo legal antes de enviá-los para outro país. De acordo com a Corte, "o aviso [aos presos] deve ser concedido dentro de um prazo razoável e de tal maneira que lhes permita realmente buscar habeas corpus no local apropriado".

A Suprema Corte não determinou quantos dias de aviso prévio deveria ser fornecido. Advogados em todo o país solicitaram que os migrantes recebessem a notícia 30 dias antes para permitir que a contestem. A Aclu apresentou uma imagem de um dos avisos dados pela Casa Branca. "Foi determinado que você é um Inimigo Estrangeiro sujeito a apreensão, restrição e remoção", dizia o comunicado. O nome do preso foi ocultado, e foi possível notar que o migrante se recusou a assiná-lo.

Em março, o governo Trump deportou mais de 200 supostos membros do Tren de Aragua para El Salvador. O episódio gerou uma crise com a ditadura de Nicolás Maduro, criticada pela Casa Branca por causa do ritmo considerado lento dos voos de deportação dos EUA para a Venezuela. Os dois países romperam relações diplomáticas em 2019, após a primeira reeleição de Maduro, classificada como fraudulenta por Washington.

Equador declara 'alerta máximo' após suposto plano para matar Noboa

QUITO | AFP O Equador se encontra em "alerta máximo", informou neste sábado (19) o governo, depois de ter sido divulgado um relatório de inteligência que alerta sobre uma suposta tentativa de assassinato contra o presidente reeleito Daniel Noboa.

Um relatório do Comando Conjunto das Forças Armadas, datado de quinta-feira (17) e assinado pelo coronel do Exército Rolando Proaño, diz que após a reeleição de Noboa, no último fim de semana, "foram iniciadas transferências de sicários do México e de outros países para o Equador, com a finalidade de realizar atentados terroristas contra o presidente da República" e seus funcionários mais próximos.

Noboa tem mandato até 2029, após vencer no segundo turno a esquerdista Luisa González, que não reconheceu a derrota.

"Condenamos e repudiamos energicamente qualquer tentativa de atentar contra a vida do senhor presidente da República, autoridades do Estado e funcionários públicos", declarou o Ministério do Governo em um comunicado divulgado no sábado, horas depois do vazamento nas redes sociais do documento militar.

O governo de Noboa responsabilizou pelo suposto plano de magnicídio "estruturas criminosas, em cumplicidade com setores políticos derrotados nas urnas", sem dar detalhes nem nomes.



Richard Pierrin/AFP

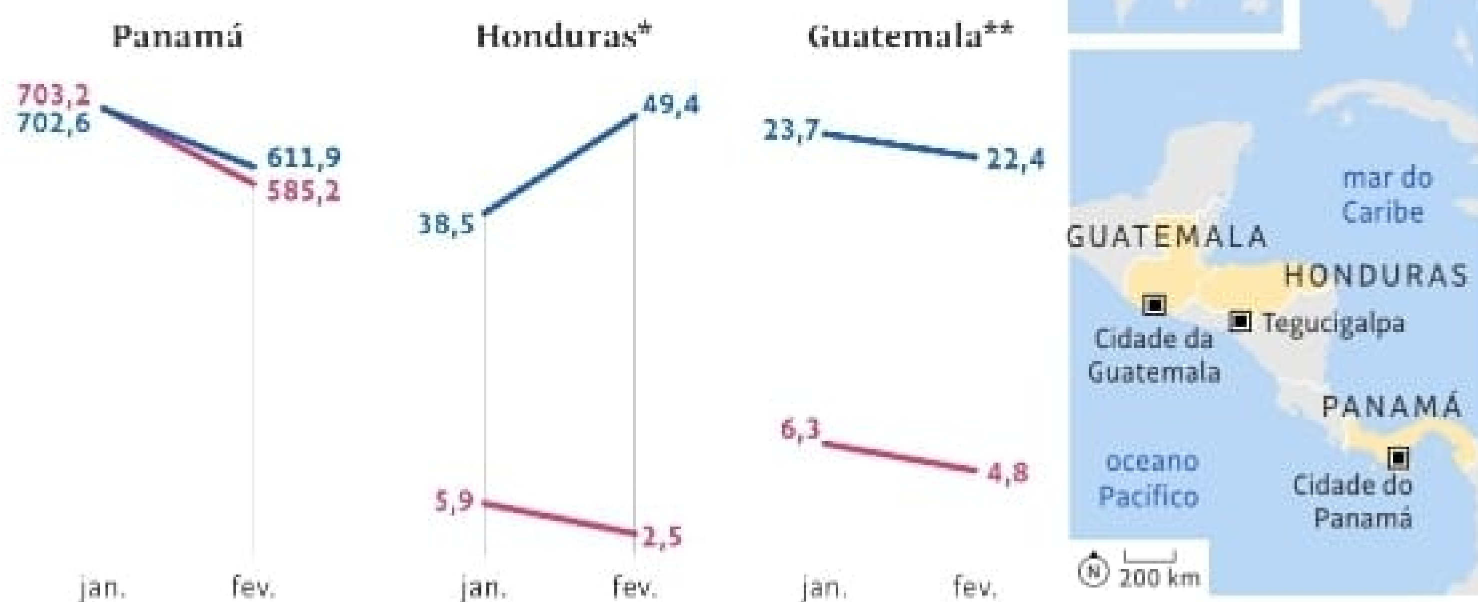
Milhares de manifestantes americanos protestam contra políticas do republicano

LOS ANGELES E WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES Milhares de manifestantes saíram às ruas dos EUA neste sábado (19) para protestar contra políticas do governo Trump acerca de imigração e demissões em massa.

Embora o comparecimento em cidades como Nova York, Washington e Chicago tenha parecido menor do que os atos do último dia 5 de abril —milhares de pessoas marcharam na capital do país neste sábado, em comparação com dezenas de milhares que protestaram contra Trump no início deste mês—, mais de 700 eventos foram planejados em diversas cidades.

Em Washington, inclusive diante da Casa Branca (foto), centenas criticaram o governo por não trazer de volta o imigrante salvadorenho deportado Kilmar García. Gritos de "vergonha" foram entoados.

Fluxo migratório na América Central cai após início do governo Trump



*somente entradas de pessoas em vulnerabilidade **dados de pontos-chave de trânsito migratório
Fonte: OIM (Organização Internacional para as Migrações) e Serviço Nacional de Migração do Panamá

Políticas de Trump fazem fluxo migratório cair e mudar de direção na América Central

Região vê queda de movimento rumo aos EUA nos primeiros meses do ano, e agora muitos viajantes optam por voltar ao país de origem

Daniela Arcanjo

TEGUCIGALPA (HONDURAS) O número de migrantes passando por países da América Central, rota de milhões de pessoas que tentam chegar aos Estados Unidos, caiu nos primeiros meses de Donald Trump na Casa Branca, mostram dados de organizações e agências governamentais.

A Guatemala, por exemplo, foi um local de trânsito para pouco mais de 11 mil pessoas em janeiro e fevereiro deste ano, ante 46 mil no mesmo período do ano passado, de acordo com dados reunidos pela OIM (Organização Internacional para as Migrações, da ONU) —uma queda de quase 76%. Já em Honduras, no meio da região, a diminuição no número de entradas de migrantes em situação de vulnerabilidade nos dois primeiros meses do ano em relação a igual período de 2024 foi de 90,4%.

No Panamá, principal entrada para muitos migrantes que passam pela América Central, a queda no fluxo, que engloba todos os tipos de entrada e saída, foi menos brusca nesse mesmo período —apenas 2%, de acordo com dados do Serviço Nacional de Migração. Outras evidências, no entanto, mostram que há uma tendência de recuo no número de viajantes de passagem pelo país.

O fluxo de pessoas no estreito de Darién, selva entre a Colômbia e o Panamá, caiu 93% nos primeiros 23 dias de 2025, afirmou o governo panamenho na ocasião. Houve registro de apenas 1.710 pessoas passando pela inóspita floresta naquele período, em contraste com 23 mil no mesmo intervalo de 2024.

Na metade de março, o presidente do Panamá, José Raúl Mulino, afirmou que o local deixou de ser uma rota de migrantes ao registrar apenas 112 pessoas cruzando a floresta em duas semanas. Ao fazer o anúncio, o político afirmou que parte dos postos de ajuda estava sendo desmantelada, embora tenha feito a ressalva de que agora havia outra questão com a qual lidar —o fluxo de retorno de pessoas que estavam desistindo de chegar aos EUA.

Uma rota incomum de migração se abriu desde o começo do ano, segundo organizações que atuam com o tema. "Desde a segunda metade de janeiro de 2025, um número crescente de pessoas que transitam pelos pontos de monitoramento de fluxo estão fazendo a viagem de norte a sul", diz o relatório da OIM da Guatemala, que faz fronteira com o México.

Ainda segundo o documento, o mais recente emitido pela entidade, o fluxo norte-sul foi maior do que o sul-norte durante a maior parte do mês. "Entre janeiro e fevereiro, os fluxos migratórios inversos aumentaram 302%; por outro lado, os fluxos sul a norte tiveram uma diminuição de 167%", afirma o relatório.

O fenômeno é uma reação às políticas de Trump, que tinha entre suas principais promessas de campanha fazer a maior operação de deportação da história, focando até 20 milhões de pessoas —embora o Pew Research Center estime que, em 2022, os EUA abrigassem cerca de 11 milhões de migrantes em situação irregular.

93%

foi a queda do número de pessoas que atravessaram a selva de Darién, na fronteira da Colômbia com o Panamá, nos primeiros 23 dias de 2025, em relação a igual período de 2024

302%

foi o aumento do fluxo inverso, no sentido sul, de migrantes cruzando a Guatemala, entre os meses de janeiro e fevereiro deste ano

As ações para cumprir esse objetivo têm espalhado medo nos migrantes nos EUA —e também nos que pensam em ir para o país.

De acordo com o Pew, as comunidades com o maior número de migrantes em situação irregular nos EUA depois do México em 2022 eram El Salvador (750 mil), Índia (725 mil), Guatemala (675 mil) e Honduras (525 mil).

As três nações latino-americanas citadas compõem o Triângulo Norte, região conhecida pela instabilidade política e econômica e pelas altas taxas de criminalidade. Em Honduras, por exemplo, 51,9% da população vivia abaixo da linha da pobreza (com menos de US$ 6,85 ou R$ 40,11 por dia) em 2023, segundo o Banco Mundial.

A falta de oportunidades foi o que motivou o ator hondurenho Fred Lanzas, 36, a planejar sua partida, há sete anos. "Não tinha emprego, tinha muitas dívidas", afirmou à **Folha**. "Quando alguém não tem onde se agarrar, qualquer sonho é bom."

A ideia era ir a pé e com caronas para os EUA, onde parte de sua família está, junto com um grupo de pessoas que se organizavam nas redes sociais. "Eu já estava pronto para partir na próxima caravana quando me chamaram para fazer um trabalho", disse.

Além de trabalhar como técnico de sistemas, produz peças e performances baseadas em histórias de migração e não pensa mais em partir de forma irregular. "Ilegalmente dá mais medo. A situação nos EUA está bem feia."

Só atacar criminalidade não segura Noboa

Se quiser mudar Equador, presidente precisará fortalecer instituições do país

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires, onde vive

A reeleição de Daniel Noboa à Presidência do Equador, com 55,95% dos votos, reflete o clamor da população por segurança frente à escalada da violência que vive seu país. Desde 2023, Noboa adotou medidas de linha-dura, como a militarização das prisões e a declaração de "conflito armado interno" contra grupos ligados ao narcotráfico.

Apesar de uma queda modesta de 15% nas mortes violentas, o país enfrenta graves problemas estruturais. A taxa de homicídios segue alta, cerca de 40% da população vive na pobreza e o emprego informal afeta mais da metade dos trabalhadores. O sistema prisional continua dominado por facções criminosas, e os serviços públicos, especialmente em saúde e educação, são precários.

Sem políticas sociais consistentes, o Estado continuará perdendo espaço para as economias ilegais, entre elas o narcotráfico, o tráfico de pessoas, a extorsão e o contrabando. A repressão pode conter surtos de violência, mas não resolve suas causas estruturais. Se as gangues e facções se incrustarem aí, é porque encontraram condições propícias.

Investimentos em infraestrutura, habitação e oportunidades para jovens são indispensáveis para uma paz duradoura. O correismo, embora minoritário, atua como fiscal constante do governo.

Outro sinal da ausência de um projeto estruturado é a postura errática de Noboa na política externa. Em declarações recentes, fez críticas pouco diplomáticas a líderes da região: chamou Gustavo Petro de "esnobe de esquerda", disse que Javier Milei "não conseguiu nada desde que assumiu" e que só manteve a pose ("algo muito argentino", acrescentou) e surpreendeu ao declarar afinidade com Lula, apesar de elogiar Bukele anteriormente. Essas falas reforçam a imagem de um presidente mais performático do que estratégico.

Noboa governa mais baseado em sua popularidade pessoal do que em alianças partidárias sólidas. Foi justamente a falta de apoio político que precipitou o fim do governo de Guillermo Lasso, seu antecessor

Noboa também mostrou desdém pela comunidade internacional ao ordenar a invasão da embaixada do México em Quito para prender Jorge Glas, ex-vice de Rafael Correa que havia pedido refúgio. O gesto, que violou normas básicas da diplomacia, gerou condenação internacional e desgastou a imagem do país.

Por incrível que pareça, ficou por isso mesmo. Há relatos de que Glas, que sofre de câncer terminal, não tem recebido o tratamento devido na cadeia.

Além disso, o presidente precisa melhorar suas habilidades políticas. A crise com sua vice, Verónica Abad, culminou em sua exclusão do governo. Noboa governa mais baseado em sua popularidade de pessoal do que em alianças partidárias sólidas —um modelo frágil que pode levá-lo ao isolamento. Vale lembrar que foi justamente a falta de apoio político que precipitou o fim do governo de Guillermo Lasso, seu antecessor.

A vitória dá a Noboa a chance de rever suas prioridades. Se quiser transformar o Equador, precisará ir além do confronto: construir pontes, fortalecer as instituições e investir em um projeto nacional de longo prazo.

Graças à influência do pai, Noboa esteve na linha de frente na cerimônia de posse de Donald Trump. Nascido em Miami e tendo passado a infância em Long Island, vai levar um belo banho de Equador nos próximos meses. Será um choque, mas ele tem a ganhar se usar a relação com Trump em seu benefício.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana
QUA. Rui Tavares QUI. Lucia Guimarães SAB. Igor Patrick

Eufrázio

EUA e Irã concordam em designar especialistas por novo acordo nuclear

Representantes dos dois países se reuniram em Roma para tentar resolver impasse de programa atômico de Teerã; outra reunião deve ocorrer no próximo sábado (26)

Parisa Hafezi

DUBAI | REUTERS Irã e Estados Unidos concordaram neste sábado (19) em designar especialistas para começar a elaborar a estrutura de possível acordo nuclear, afirmou o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araqchi, após uma segunda rodada de negociações, que ocorreu após a ameaça do presidente americano Donald Trump de uma ação militar.

No segundo encontro indireto realizado no intervalo de uma semana, Araqchi negociou por quase quatro horas em Roma com o enviado de Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, por meio de um enviado do governo de Omã que transmitia mensagens entre eles.

Nenhuma das partes especificou, porém, como estes especialistas serão escolhidos.

Trump, que abandonou o pacto nuclear de 2015 entre Teerã e as potências mundiais durante seu primeiro mandato, em 2018, ameaçou atacar o Irã a menos que um novo acordo seja alcançado rapidamente, impedindo o país de desenvolver uma arma nuclear.

O Irã diz estar disposto a discutir restrições limitadas ao seu trabalho atômico em troca da suspensão das sanções internacionais. O país persa sempre afirmou que seu programa nuclear é pacífico.

Como é o programa nuclear iraniano





Fontes: Graphic News, BBC, The Guardian, Times, Vox e Reuters

À TV estatal do Irã, o chanceler iraniano descreveu as reuniões como úteis e feitas em uma atmosfera construtiva.

"Conseguimos avançar em vários princípios e objetivos, e, no fim das contas, alcançamos um melhor entendimento", afirmou ele. "Ficou acordado que as negociações continuarão e passarão para a próxima fase, na qual reuniões em nível técnico começarão na quarta-feira (23), em Omã. Os especialistas terão a oportunidade de começar a desenhar a estrutura de um acordo", acrescentou.

Os principais negociadores se reunirão novamente em Omã no próximo sábado (26) no intuito de "revisar o trabalho dos especialistas e avaliar o quanto ele se alinha com os princípios de um possível acordo", afirmou o ministro das Relações Exteriores iraniano.

Reforçando os comentários cautelosos da semana passada feitos pelo líder supremo do Irã, Ali Khamenei, Araqchi disse não poder afirmar que está otimista, mas que não há razão para ser excessivamente pessimista quanto às negociações.

Não houve comentários imediatos por parte dos Estados Unidos após as conversas. Trump disse a repórteres na sexta-feira que era a favor de impedir que o Irã tivesse uma arma nuclear.

"Eles não podem ter uma arma nuclear. Quero que o Irã seja grande, próspero e extraordinário", afirmou o presidente americano.

Principal aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio, Israel, que se opôs ao acordo de 2015, não descartou um ataque às instalações nucleares iranianas nos próximos meses, segundo um funcionário de Tel Aviv e outras duas pessoas familiarizadas com o assunto.

Desde 2019, o Irã violou e ultrapassou amplamente os limites do pacto de 2015 sobre o enriquecimento de urânio, produzindo estoques muito acima do que o Ocidente considera necessário para um programa de energia civil.

Um alto funcionário iraniano, que descreveu a posição de negociação de Teerã sob condição de anonimato na sexta-feira, listou como linhas vermelhas do país jamais concordar em desmantelar suas centrífugas de enriquecimento de urânio, em interromper totalmente o enriquecimento ou em reduzir seu estoque de urânio enriquecido abaixo dos níveis que foram acordados no pacto de 2015.

+

Paquistão prende 160 por ataques contra a rede KFC

O Paquistão já prendeu um total de 160 pessoas depois de vários ataques contra a rede americana de restaurantes KFC — incluindo um episódio em que um funcionário foi morto a tiros—, informou o governo neste sábado (19).

A rede de fast food, fundada nos EUA, virou alvo de protestos e campanhas de boicote desde o início da guerra em Gaza. Manifestantes islâmicos vinculam a marca ao apoio dado por Washington a Israel.

Vários protestos ocorreram neste mês no Paquistão diante de unidades do KFC. Janelas foram quebradas e funcionários, ameaçados. "Um total de 20 incidentes foi registrado em todo o país", declarou o vice-ministro do Interior, Talal Chaudhry.

Representantes do KFC e da Yum! Brands, holding que opera a marca, não responderam à agência AFP.

Putin declara cessar-fogo de Páscoa; ataques continuaram, diz Kiev

MOSCOU | REUTERS E AFP O presidente russo, Vladimir Putin, decretou neste sábado (19) que suas tropas realizem um cessar-fogo na Ucrânia por causa da Páscoa até a meia-noite local (18h de Brasília) deste domingo (20).

"Com base em considerações humanitárias, o lado russo anuncia uma trégua de Páscoa. Ordeno a suspensão de todas as atividades militares durante este período", disse o líder russo.

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, disse na rede social X que respeitaria a trégua. "Se a Rússia está repentinamente disposta a se comprometer de verdade (...), a Ucrânia atuará em consequência, refletindo as ações russas". Mais cedo, porém, afirmou que a defesa aérea ucraniana estava repelindo ataques de drones em meio ao anúncio e que isso mostrava a real atitude do mandatário russo.

Paralelamente, o Ministério da Defesa russo afirmou que a Rússia e a Ucrânia realizaram neste sábado (19) uma troca de prisioneiros. No Telegram, Zelenski disse que 277 militares ucranianos haviam retornado para casa após o cativeiro russo. Já Moscou informou que 246 militares foram entregues por Kiev. Acrescentou que outros 31 prisioneiros de guerra feridos foram entregues à Ucrânia e que 15 de seus próprios soldados feridos também foram devolvidos pela Ucrânia.



Ucraniana abraça filho devolvido pela Rússia em troca de prisioneiros militares Tetiana Dzhafarova/AFP

O anúncio da trégua de Páscoa ocorre em meio à pressão dos Estados Unidos para um avanço nas negociações de paz. Na sexta (18), Donald Trump afirmou que pode desistir de tentar resolver a Guerra da Ucrânia se Moscou e Kiev tornarem muito difícil encerrar o conflito. Na véspera, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, havia reforçado essa posição dizendo que os Estados Unidos abandonariam os esforços para intermediar um acordo de paz a menos que houvesse sinais claros de progresso em breve. "Se for [possível], estamos dentro. Se não for, temos outras prioridades", afirmou ele, pouco depois de se reunir na capital francesa com Emmanuel Macron e representantes de Reino Unido e Alemanha para discutir o plano americano para suspender a guerra.

O tom de ultimato de Rubio concorre com o conteúdo do memorando que EUA e Ucrânia assinaram sobre a exploração de minerais raros, algo que o presidente americano disse encarar como uma espécie de pagamento do apoio financeiro dado a Kiev desde 2022.

No último domingo (13), forças da Rússia promoveram um dos mais mortíferos ataques contra civis, quando ao menos 34 pessoas morreram em Sumi.

277

militares ucranianos foram devolvidos pela Rússia, enquanto 246 russos que estavam em poder de Kiev voltaram para casa

Eufrázio

De 187 mil multas emitidas por ano, Justiça de SP recebe menos de 4%

Maior parte de cobranças impostas a apenados, de acordo com os dados do TJSP de 2015 a 2023, fica abaixo de R$ 500, mas condenados não conseguem pagá-las

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Após descobrir um câncer no útero em 2017, a empregada doméstica Fernanda (nome fictício), 52, precisou se afastar do emprego para o tratamento, mas acabou demitida e entrou em depressão. No aperto, topou fazer um trabalho de "mula" —transportar drogas— e acabou presa em flagrante por tráfico. Mãe de seis e moradora de uma favela na zona norte paulistana, soube que os filhos haviam ido parar num barraco.

Ao sair da cadeia após cinco anos e dez meses, achava que sua dívida com a Justiça estava reparada, mas foi intimada a pagar pena de multa de R$ 18.539,40. A Defensoria Pública chegou a pedir a extinção da multa por hipossuficiência econômica —indicada por ela ter sido assistida por defesa pública—, solicitação considerada prematura pelo juízo.

Assim, o Ministério Público, responsável por executar a cobrança, buscou os bens de Fernanda em agosto passado. Quando tentou comprar uma geladeira, descobriu que o dinheiro em sua conta, cerca de R$ 3.800, havia sido bloqueado.

Segundo a advogada Ingrid Ortega, que entrou no caso, o montante era seu salário daquele mês, complementado por algumas diárias. A indicação de valores levou o juiz a dizer que ela teria condições de pagar a multa.

Mesmo sem antecedentes criminais ou conexão com o crime organizado, ela foi condenada por tráfico, crime hediondo. Hoje, seu processo está no STJ (Superior Tribunal de Justiça) e ela continua com a pena aberta. Ou seja, seu título eleitoral e seu CPF estão suspensos, e não tem acesso a benefícios sociais. "Ela não consegue entender porque é que o juiz está atrás do dinheiro dela. Ela chora, e fala 'meu Deus, eu paguei tudo'", diz Ingrid.

A pena de multa dela é uma das 187,5 mil emitidas, em média, por ano em SP, segundo dados do Tribunal de Justiça de São Paulo enviados à **Folha**. Os dados consideram o período de 2015 a 2023. Já as multas pagas nesse mesmo intervalo foram, em média, 7.318.

Prevista na Constituição e regulamentada no Código Penal, a pena de pagamento é calculada pelo juiz de acordo com dias-multa. Até poucos anos atrás, o dispositivo não gerava problemas ou alongamentos de processos na Justiça, ocupando parte do tempo de promotores, advogados, defensores e juízes.

A multa era cobrada pela Procuradoria-Geral do Estado por meio da Fazenda Pública. Em valores atualizados, o número mínimo para ajuizamento de execução fiscal é de 1.200 unidades fiscais, índice usado para calcular impostos e corrigir valores monetários, correspondentes, em 2025, a R$ 44.424. Abaixo disso, a cobrança é administrativa, segundo a PGE. E, por vezes, era extinta, segundo especialistas.

O cenário mudou em 2018 e 2019, quando uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) e a aprovação do chamado pacote anticrime transferiram a competência primária para a execução de cobrança da pena de multa para o Ministério Público. Enquanto não for paga, o processo fica aberto. A maior parte das penas de multa emitidas pela Justiça entre 2015 e 2023 trata de valores até R$ 500.

Os casos de Roberto, condenado por receptação, com multa de R$ 348,33, e João (ambos nomes fictícios), que cumpriu dez anos por roubo e foi multado em R$ 206,54, ilustram a peleja por valores baixos.

O processo de Roberto, atualmente desempregado, segue aberto. Em 2022, o promotor do caso reconheceu que o valor era irrisório, mas não pediu a extinção da multa. Em vez disso, preferiu aguardar para cobrá-la. Mas outro promotor que passou a cuidar do caso discordou do colega e do pedido da defesa atual, feita pelo advogado Salvador Scarpelli Neto, para extinguir a cobrança.

Scarpelli vai pedir a aplicação para Roberto do indulto presidencial natalino de 2024, que inclui entre os beneficiários os hipossuficientes.

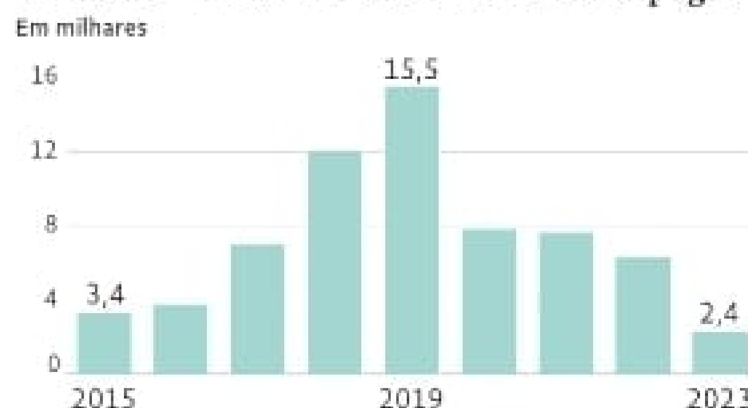
O outro caso atendido pelo advogado, de João, chegou ao fim no STJ. Após cumprir dez anos de cadeia por roubo em São Paulo e sair em 2021, João, pai de dois filhos e também desempregado, teve os bens pesquisados pela Justiça, que encontrou R$ 7,88 em algumas contas. A decisão final, que extinguiu a pena, ocorreu em julho de 2023.

Penas de multa emitidas em São Paulo

Número de multas por faixa de valor



Penas de multa emitidas em São Paulo pagas



Fonte: Tribunal de Justiça de São Paulo

Os casos, atendidos gratuitamente pelos advogados, foram parte de um mutirão realizado pelo IDDD (Instituto de Defesa do Direito de Defesa) iniciado em 2022, ao qual eles são associados, em parceria com outras organizações, como a Associação de Familiares e Amigos de Pessoas Presas (Amparar), a Rede Rua e o Instituto Liberta.

Para a defensora pública Rivana Ricarte, do Acre, o baixo número de penas de multa pagas, na comparação com as emitidas, pode ser um reflexo do perfil de presos. "Quem trabalha no sistema penitenciário sabe. A maioria das pessoas que esta lá é economicamente vulnerável. É evidente que isso vai refletir na possibilidade do pagamento da pena de multa."

7.318

foi a média de multas pagas de 2015 a 2023, segundo dados do TJ-SP

É o que também afirma a diretora-executiva do IDDD, Marina Dias. "Não é só uma questão de reaver o dinheiro ou aplicar a pena, é também uma política de criminalização que faz definhar gente pobre, preta e periférica."

Um relatório do instituto baseado em 241 casos acompanhados no mutirão mostrou que 80,7% dos atendidos se identificavam como negros (pretos ou pardos), 72% não haviam finalizado o ensino médio e 61,4% estavam desempregados. Havia ainda 19% de atendidos que estavam em situação de rua.

"Houve muita discussão com casos de mensalão e Lava Jato sobre a pena de multa, e aí a pena pecuniária passa até a fazer sentido. Mas quem acaba realmente sendo prejudicada é a clientela do sistema de Justiça."

Segundo Rivana, não há uma padronização na execução dessas cobranças entre unidades da federação. Ela sugere reflexões tanto do Ministério Público quanto do Judiciário para evitar distorções.

Segundo o procurador de Justiça Paulo de Palma, o Ministério Público de São Paulo tem estudado medidas internas para o que ele chama de racionalizar o trabalho da promotoria. "Nossa ideia é, de fato, deixar de cobrar multas de valor ínfimo."

O Ministério Público, diz de Palma, tem a função legal de executar as multas. Mas a reavaliação de como fazer isso tem mudado após uma decisão do STJ do ano passado sobre o tema 931, que trata da extinção da punibilidade após a alegação de hipossuficiência, segundo voto do relator, o ministro Rogerio Schietti Cruz. Dessa forma, o juízo daquele caso deveria indeferir a extinção apenas se houvesse indícios suficientes e provas nos autos de que a pessoa tivesse condição de pagar.

"Além de se pensar no executado (a pessoa que precisa pagar), pensamos também na eficácia do trabalho: o gasto do processo em cotejo com o que se busca de recuperação de crédito, e isso incomoda muito", afirma de Palma, que cita também que a pena de multa não pode funcionar como uma nova punição, mantendo o processo aberto.

Para ele, a alta de pagamentos em 2018 e 2019 pode ter sido um reflexo das decisões do momento no STF e no Legislativo, situação que foi se acomodando nos anos seguintes.

Estudante encontrada morta na zona leste de SP ia fazer mestrado

SÃO PAULO A estudante e pesquisadora Bruna Oliveira da Silva, 28, foi a primeira de sua família a chegar ao ensino superior. Era estudiosa desde a infância na zona leste de São Paulo, seguindo os conselhos da mãe, que dizia: "quando você estuda, você não deixa ninguém te manipular".

Bruna foi encontrada morta na noite de quinta-feira (17) em um estacionamento na região da Vila Carmosina, na zona leste. Estava desaparecida desde domingo (13), quando foi de metrô do Butantã, na zona oeste, até a estação Corinthians-Itaquera.

Na estação, Bruna disse que não tinha como chegar em casa e que estava com pouca bateria no celular. Seu namorado então fez uma transferência para que ela pudesse pedir uma viagem por aplicativo para completar o trajeto. A partir daí, a família não teve mais notícias de Bruna.

Ela era formada em Turismo na EACH-USP (Escola de Artes, Ciências e Humanidades), conhecida como USP Leste. Recentemente, Bruna havia sido aprovada no mestrado no programa de pós-graduação em mudança social e participação política da mesma unidade. Em nota, a direção da EACH-USP lamentou a morte de Bruna.



Bruna Oliveira da Silva, 28 Arquivo Pessoal

Tinha dois irmãos mais novos. O último ano de Bruna na graduação coincidiu com a gravidez aos 21. Ela pensou em pausar os estudos, mas a insistência da mãe a fez persistir. O filho, Iuri, tem sete anos.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Mª DE LOURDES BEZERRA MONTENEGRO (1950 - 2025)

Matriarca da família, se dedicou à cultura popular

Tocou triângulo e seu terreiro resgatou o coco de roda no interior de Pernambuco

Adriano Alves

JUAZEIRO (BA) A casa de Maria de Lourdes sempre esteve de portas abertas para a cultura popular. A matriarca da família Calixto recebia a todos com comida e uma boa conversa. Foi em seu terreiro que o cunhado Lula Calixto começou o resgate do coco de roda no sertão de Pernambuco, em Arcoverde, no começo da década de 1990.

Foi a primeira mulher a entrar para o Samba de Coco Raízes de Arcoverde. Tocava triângulo e cantava. Mesmo sem estudo formal, ensinava sobre voz aos mais novos, aos quais estava sempre atenta.

Participou da gravação de três álbuns do grupo e com eles viajou muito. Foi ao Recife várias vezes, Petrolina (PE), Juazeiro do Norte (CE) e animou carnavais de Olinda (PE), mas sempre via terrestre, pois não gostava de avião.

Ela nasceu em Custódia (PE), no dia 18 de junho de 1950. Foi criada em um sítio com seus muitos irmãos. Não falava muito dessa época, mas contava que era tão tímida que subia em um pé de árvore toda vez que chegava visita. Levou essa característica para toda a vida.

"Era muito reservada, sempre no cantinho dela. Negócio de filmar e tirar fotos era muito difícil", diz a filha Day Calixto, 38.

Se casou aos 15 anos com Damião Calixto e tiveram 12 filhos. Criaram sete mulheres e três homens —dois morreram ainda crianças.

Seguiu com o marido a Arcoverde (PE). Chegou a trabalhar de doméstica, mas a maior parte da sua vida foi dedicada a cuidar da casa e dos filhos.

Gostava de estar com os filhos reunidos e cantando em casa. Cozinhar era um de seus atos de amor. Fazia xerém com galinha e o cuscuz era diário, sucesso entre os netos.

"Mãe era muito tranquila, o mundo se acabando e ela calma. Era conselheira, muito forte e guerreira", diz Ilma Calixto, 44.

Umbandista, também frequentava a igreja Católica. Todo final de ano era dela a missão de fazer o mungunzá para a festa de São Cosme e Damião.

Ano passado, foi a homenageada do 14º Festival Lula Calixto. Quase não aceitou o convite, dizia "ser frescura", mas foi e cantou. Deu trabalho para topar o ensaio fotográfico de divulgação, mas no dia do evento atendeu aos pedidos de foto do público. "Estava feliz que foi homenageada em vida", conta Ilma.

Diabética e com arritmia cardíaca, ficou cinco dias internada e morreu no dia 25 de março, aos 74 anos, vítima de uma parada cardíaca.

Deixa 45 amores. O esposo Damião, 78, seus dez filhos, Maria Iara, Maria Iran, Iranildo, Iraildo, Dione, Ilma, Irailda, Danilo, Idayane e Damares, mais 23 netos, 9 bisnetos e 2 tataranetos.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. WhatsApp (11) 99646-9069. Seg. a sex.: 10h às 19h.


Anderson Dinho/Samba de Coco Raízes de Arcoverde

Tombamento da Penha de França



Dados cartográficos ©2025 Google

Destombamentos em áreas históricas viram nova frente de batalha imobiliária em SP

Debate sobre tirar proteção de áreas que ficam ao redor de imóveis tombados recria dilema entre preservação e progresso da cidade

Clayton Castelani

SÃO PAULO Debates simultâneos sobre revisões de tombamentos de bens e áreas com importância histórica e cultural ocorrem neste momento na cidade de São Paulo, ao passo que decretos para preservação desses locais se tornam a última trincheira de grupos contrários à expansão da verticalização.

Discussões distintas realizadas no mesmo 10 março deste ano consideravam excluir do patrimônio municipal trechos de três bairros da zona leste da cidade. Enquanto o Conpresp (conselho municipal de patrimônio) avaliava destombar vilas operárias no Tatuapé e no Belém, uma audiência pública na Câmara Municipal tinha como pauta rever a área envoltória do centro histórico da Penha de França.

Revisões também estão em curso no órgão estadual de patrimônio, o Condephaat, e no federal, o Iphan.

O Condephaat aguarda decisão judicial sobre sua decisão de excluir do tombamento o uso unifamiliar dos imóveis dos Jardins (zona oeste) e o Iphan deverá reavaliar se um terreno onde o Exército está construindo uma torre deixará de fazer parte da área envoltória do complexo esportivo do Ibirapuera (zona sul).

O caso do centro histórico da Penha tem uma particularidade. Poucos edifícios foram construídos no local antes da criação de zona onde prédios altos não são permitidos. O polígono, com quase 2 km entre seus extremos, evita a obstrução da vista da basílica de Nossa Senhora da Penha.

Restrição de gabaritos praticamente eliminam a viabilidade das grandes incorporações imobiliárias. É que para valer a pena para esse mercado, o preço do terreno precisa ser diluído na venda de múltiplos apartamentos.

Coincidentemente, um visível processo de degradação avança na área histórica do bairro fundado em 1668. Dezenas de imóveis estão fechados ou com aspecto de abandono. Cenário que contrasta com o do vizinho Tatuapé, onde alguns dos mais altos edifícios subiram nos últimos anos.

Queixas de proprietários penhenses à vereadora Janaina Paschoal (PP) motivaram a convocação da audiência pública sobre o destombamento. No dia do evento, porém, compareceram mais pessoas favoráveis à manutenção da restrição. "Não tenho uma posição fechada, só quis dar espaço para essa discussão", diz ela.

Segundo o urbanista Silvio Oksman, o dilema entre preservação e desenvolvimento econômico revela falha do planejamento urbano municipal —o Plano Diretor Estratégico de 2014—, que é tratar grandes incorporações imobiliárias como resposta única para o crescimento da cidade.

Pela regra vigente, áreas próximas a estações de metrô e corredores de ônibus aceitam edificações com os maiores coeficientes de aproveitamento da cidade, logo nesses locais se pode construir mais vezes em relação à área do terreno. A Penha tem uma estação metroviária e deverá receber outra da linha 2-verde.

"Toda a legislação de 2014 está vinculada ao coeficiente de aproveitamento, ao mercado, não à qualidade urbana", afirma Oksman.

Planos de desenvolvimento específicos para cada bairro, considerando particularidades na forma como vivem seus moradores, poderiam evitar usos distorcidos de decretos de tombamentos como escudo à expansão imobiliária, diz o especialista.

Um projeto para fomentar o comércio local, respeitando características culturais e históricas, é o que defende Alfredo Alves Veloza, 69, superintendente da distrital Penha da Associação Comercial de São Paulo.

"Nosso problema não é o tombamento, mas a falta de incentivos à restauração, como a prefeitura está fazendo no centro da cidade", diz, sobre os subsídios da gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) para a modernização de prédios na área central.

Planos de bairros estão entre os projetos estudados por Elisabete França, secretária de urbanismo da gestão Nunes. Ainda não há previsão, porém, de quando essa intenção sairá do papel.

Também favorável a propostas localizadas, o urbanista Lucas Chiconi Balteiro diz que áreas negligenciadas pelo poder público, como entornos de ferrovias e de grandes viadutos podem ser os verdadeiros responsáveis por processos de degradação urbana.

Eufrázio

cotidiano

Reitor da Unicamp defende cotas para trans

'Prefiro incomodar a não propor mudanças', afirma Antonio José de Almeida Meirelles sobre críticas à medida

Bruno Lucca

SÃO PAULO "Prefiro o incômodo que essas posições causam a evitar a polêmica por não propor mudanças", diz o reitor da Unicamp em resposta a críticas sobre a política de cotas para transexuais, travestis e não binários adotada pela instituição.

Para Antonio José de Almeida Meirelles, que fica no comando da instituição até o final de abril, quando passa o cargo para Paulo Cesar Montagner, universidade pública não é só para servir aos interesses de parte da sociedade. Ela deve ser abrangente, compreender e acolher as diferenças.

Sobre questionamentos à reserva de vagas, ele afirma serem uma oportunidade para esclarecer os critérios para a decisão.

A Unicamp anunciou as novas cotas em 1º de abril. A instituição não é a primeira a adotar política do tipo em solo paulista, mas todas as outras são federais.

Segundo a comissão de vestibular da instituição, os cursos tentarão criar vagas adicionais para as cotas, oferecidas exclusivamente no sistema Enem-Unicamp. Estimam-se 120 vagas para pessoas trans, travestis e não binárias.

A universidade justifica a ação afirmativa pela situação de exclusão do ensino superior da população de pessoas trans no Brasil, decorrente da violência enfrentada por esse grupo social.

Dados sobre assassinatos e a curta expectativa de vida desses indivíduos, 35 anos, são citados.

"É necessário reconhecer que o espaço da disputa para a entrada no ensino superior não é neutro. Ele carrega toda uma história de vida das pessoas e das oportunidades que elas tiveram previamente", diz. "Em algum grau, a gente está reduzindo as diferenças e dando oportunidades para um setor maior da sociedade."

Meirelles ressalta que a simples reserva de vagas não significa que estudantes chegarão à universidade apenas por serem trans. "Elas entram porque têm um desempenho nos processos de seleção acima do mínimo e porque elas têm essa vulnerabilidade."

A parcela de vagas disponíveis é pequena, diz, mas deve mostrar aos beneficiados que o ensino pode fazer a diferença na vida deles.



Antonio José de Almeida Meirelles, reitor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) Antonio Scarpinetti/Unicamp

120

vagas devem ser criadas na Unicamp para pessoas trans, travestis e não binárias

Há outro fator importante na política: a geração de conhecimento ao abrir as salas de aula para temas mais abrangentes no universo LGBTQIA+.

"Mudar a população da universidade gera uma sensibilidade diferente."

As cotas incomodaram o mundo político. Deputados e vereadores de São Paulo atuam em quatro frentes para barrar a oferta de vagas. Justiça e Ministério Público foram procurados contra a norma. Um projeto de lei e uma proposta de decreto legislativo estão protocolados na Assembleia Legislativa de São Paulo também visando derrubá-la.

A Promotoria pediu que a Unicamp apresente estudos prévios que tenham garantido a necessidade da ação afirmativa.

Meirelles, que está à frente da Unicamp desde abril de 2021, diz acreditar que os ataques são para marcar posição ideológica e os ânimos serão apaziguados. Ele cita como exemplo a política de cotas raciais, que, criticada por muitos a princípio, acabou se configurando como positiva, opina ele.

"Digo isso para mostrar aos opositores que, na verdade, eles estão contra um movimento civilizatório que pretende dar oportunidade para todos", afirma. "Para enfrentar desigualdades, você precisa criar condições. No caso, vagas."



APRESENTA EstúdioFOLHA

Edson Lopes Jr./SECOM

Prefeitura avança no maior programa de **regularização de imóveis** de São Paulo

Desde 2021, já foram entregues mais de 52 mil registros em toda a cidade; neste ano, já foram cedidos 3.282 títulos de propriedade, e a meta da atual gestão é atingir 100 mil até 2028

O Programa Reurb, maior projeto de regularização fundiária da história da cidade de São Paulo, está mudando a vida de milhares de famílias que viviam em condições precárias e sem documentação sobre o imóvel em que moravam. Mantido pela Prefeitura de São Paulo, o Reurb já entregou, só neste ano, 3.282 títulos de propriedade, e há outros 2.200 prontos para entrega. Desde 2021, foram 52.648 títulos, em todas as regiões da cidade. E a meta é entregar mais 100 mil até 2028.

A regularização fundiária é crucial para que os cidadãos possam obter a matrícula de seus imóveis e se tornar proprietários definitivos de suas casas, garantindo segurança jurídica e estabilidade para o futuro. Tudo isso sem nenhum custo para os beneficiários, com investimento integral da Prefeitura.

No último dia 8 de abril, foram entregues 523 títulos de regularização de imóveis em Heliópolis (zona sul). Os beneficiados são moradores da Gleba K, em São João Clímaco. Em 1983, a Cohab-SP adquiriu todo o terreno, que foi dividido em 14 glebas (A a N). O local vem passando por intervenções urbanísticas que contemplaram também os núcleos Dona Nádia, Imperador, Lagoa e Pan, como obras de drenagem, pavimentação e implantação de redes de água e de esgoto, além da canalização do Córrego Independência. As ações envolveram a instalação de academias ao ar livre e pintura de fachadas.

Em junho de 2024, outras 35 famílias de Heliópolis já haviam sido contempladas com seus títulos de propriedade, de acordo com a Sehab (Secretaria Municipal de Habitação), responsável pelos trabalhos. Somente na região do Ipiranga, onde fica Heliópolis, há 13.140 domicílios com processos de regularização em andamento.

Muitas das famílias beneficiadas esperavam havia mais de 40 anos pela regularização. É o caso de José Mariano, 69, que diz ter realizado um sonho.

Eder Gomes/SECOM



Casal que mora na Capela do Socorro exibe título de propriedade de seu imóvel

"Estou aguardando a documentação desde o dia 18 de outubro de 1983. Eu me sinto muito feliz, estou mais tranquilo agora. Significa tudo para mim, porque o que é meu é dos meus filhos. Quando for a minha hora eu vou deixar para eles."

CAPELA DO SOCORRO

No dia 9 de abril, 2.024 famílias da região de Capela do Socorro (extremo sul) tiveram seus imóveis regularizados, conquistando mais segurança, dignidade e qualidade de vida.

São moradores de 14 núcleos do distrito da Capela do Socorro, entre eles: Jardim Imbuias, Cantinho do Céu, Jardim Nova Marilda, Estrada do Barro Branco, Chácara Tanay e Sítio das Corujas, assim como Sítio dos Pereiras e SD/AC.R. Luiz Rotta, que também está passando por reurbanização. Somente na Subprefeitura da Capela do Socorro, outros 50 mil imóveis estão em processo de regularização.

Todas essas áreas já receberam infraestrutura básica como redes de água, esgoto e de energia elétrica, condições essenciais para a regularização. O Reurb envolve diversas etapas, como levantamentos topográficos, estudos técnicos e ambientais, cadastramento das famílias e análise jurídica da documentação.

"Tem muita gente que não tem condições de pagar por uma escritura, então conseguir essa regularização de forma gratuita foi ótimo", disse Anderson Feliciano da Costa, que aos 42 anos mora com a mulher e o filho de seis anos de idade. "Dá mais segurança saber que meu filho tem um teto garantido sobre a cabeça dele, é uma conquista importante."

EstúdioFOLHA Conteúdo patrocinado produzido pelo Estúdio Folha

Cabelo em ovo

O 'Cabeça de Ovo' causa muito mais medo do que se tivesse enternecedores cachinhos dourados

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Há uns 20 anos, implante capilar parecia plantação de eucalipto: um monte de fileirinha paralela brotando do escalpo. Eis, porém, que a ciência resolveu a questão. Tenho alguns amigos que fizeram implante e não dá pra dizer que suas jubas foram tiradas lá de trás da cabeça e replantadas no cocuruto. Outro dia fui cortar o cabelo e o barbeiro me disse que nem ele consegue mais dizer se as melenas deste ou daquele cara são naturais ou replante. Disse-me que até alguns anos era preciso ir pra Turquia para conseguir bons procedimentos, mas que agora os médicos brasileiros não devem nada aos turcos. (Falou que os aviões São Paulo–Istambul partiam cheios de calvos e retornavam repletos de cabeludos. Imagino se não dava problemas com a foto do passaporte).



Adams Carvalho

Quando eu tinha 17 anos e meus cabelos começaram a cair, não havia o consolo de saber que um Esperidião Amin poderia, em poucos anos, se tornar um Sansão. Caiu, caiu, perdeu, playboy. Por isso, durante mais de duas décadas, tomei Finasterida. Mantive o cabelo, mas tinha que passar sempre pelo constrangimento, quando surgia o assunto: "mas Finasterida não é aquele remédio que deixa broxa?".

Já tinha até uma resposta pronta. Dizia que só 1% das pessoas sofria deste efeito colateral. E mesmo que eu sofresse, pensa: a broxada é um embaraço entre você e mais uma pessoa. (Ou você e uma meia dúzia, em caso de suruba —o que nunca foi muito a minha praia). Já o calvo entra no estádio do Morumbi e 50 mil cidadãos avistam sua lustrosa cachola. Além do mais, com a Finasterida você tinha uma desculpa para uma eventual falha: "o problema não é você. O problema não sou eu. O problema é o remédio. Você tinha que me ver antes desses comprimidos...".

Nem todo careca é feio. Pega o Zidane, por exemplo. Um belo careca. Bem diferente de um, digamos, PC Farias ou um George Costanza, do Seinfeld. Talvez tenha a ver com a altura. O careca baixinho tem seu coco desnudo observado por toda a população. Já o careca alto só é descoberto se abaixar pra amarrar os cadarços. (De modo que sugiro aos carecas altos usarem chinelos).

Nem todo careca é feio. Pega o Zidane, por exemplo. Um belo careca. Bem diferente de um, digamos, PC Farias ou um George Costanza, do Seinfeld

Cito o Zidane e me ocorre que sua cabeçada no italiano Materazzi, na final da Copa de 2006, ficou muito mais fotogênica com a glabra cabeçorra do que se tivesse a juba de um Casagrande. É como se Deus, sabendo o que ocorreria naquela partida, tivesse tido o cuidado de tirar qualquer amortecimento entre a testa de Zinedine e o tórax do zagueiro.

Outro em quem a calvície fica muito bem é o ministro de STF, Alexandre de Moraes. O "Cabeça de Ovo", como é chamado por seus detratores, causa muito mais medo sem nenhum cabelo do que se tivesse enternecedores cachinhos dourados. Fui dar um Google agora para ver como ele era no passado e foi só escrever "Alexandre de Moraes c..." e a ferramenta de busca completou "om cabelo". Sugiro que faça o mesmo. Está vendo a foto? De quem você acha que Bolsonaro terá mais medo, na hora de ser condenado por sua tentativa de golpe de Estado? Sem dúvida, é o Xandão de 2025.

Aliás, outro dia vi um desses defensores da "anistia" aos golpistas dizendo que o STF estava querendo achar cabelo em ovo. Sugiro aos advogados dos acusados não levarem esse argumento ao plenário. Alguém ali pode se sentir ofendido.

dom. Antonio Prata
seg. Becky S. Korich / Giovana Madalosso
ter. Vera Iaconelli
qua. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques
qui. Sergio Rodrigues
sex. Tati Bernardi
sáb. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

classificados

classificados@grupofolha.com.br

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

IMÓVEIS

INTERIOR, LITORAL
OUTROS ESTADOS

VENDO LOTE EM PRADO/BAHIA
Com 1.344 m², a Beira Mar, excelente localização, totalmente plano. Ideal para: Hotel, Pousada ou Casa alto padrão. Preço de oportunidade: R$ 600.000,00. Parcelamos parte do Valor. Zap com vídeos do local: 31-99517-0212 - Fátima

VENDO CAFÉ E RESTAURANTE
Jardim Satélite, São José Campos
Oportunidade Única, para assumir um Restaurante sólido e funcionando. Confinado em Local Nobre, bem montado, cozinha completa e equip. modernos, Salão 90 m², Aluguel Baixo, Faturamento Médio R$ 63 mil, Lucro Líquido: 20 a 24%. Maiores Informações Ligue WhatsApp: (19) 9 9653-2020 MPUGA Negócios

#siga a folha

NEGÓCIOS

EMPRESAS
COMPRA/VENDA

LOTÉRICAS
Investimento Seguro
Rentabilidade: 2% a 2,5%
Birigui, Top, Lucro $ 25 mil
B.Pta. Top, Lucro R$ 27 mil
Campinas, Merc.LL $16 mil
Campinas, Shop, L $ 18 mil
Campinas, Super, L$ 36 mil
Ibitinga, Top, Lucro $ 24 mil
Jundiaí Nobre 23mil 700mil
Jundiaí, Top, Lucro R$ 83 mil
Junqueirópolis Pço$ 800 mil
Louveira, Top, Lucro $ 24mil
Macatuba, Preço R$ 450 mil
Paulínia, Lic., Lucro $ 18 mil
P. Venceslau, Pço., $ 800 mil
S.J.Cpos, Nobre Pço, 250mil
Sorocaba, Nobre, R$ 150mil
Taubaté, Top, Lucro, $ 13 mil
Votorantim, LL $ 6mil 280mil
ZN-SP, Lucro 14mil, $ 550mil
ZN-SP, Shop, LL$11m 420mil
ZS-SP, Código Pço., $ 250 mil
Joinville-SC, Lucro, R$ 17mil
Maracaju-MS, Pço, $ 840 mil
Pouso Alegre MG, R$ 980 mil
MPUGA (19) 9 9653-2020

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA
LIGUE AGORA
11/3224-4000

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

CLASSIFICADOS FOLHA
11/3224-4000

RFPA SERVIÇOS CONTRATA para a zona leste:
•VAGA DE ASSISTENTE DE DEPTO PESSOAL C/EXPERIÊNCIA
(folha de pagto/rescisão/férias/DCTFWeb/FGTS) pacote Office e Excel. Salário: R$ 2.100,00 + Benefícios
•VAGA DE PCD PARA AUXILIAR DE LIMPEZA
Salário: R$ 1.717,20 + Benefícios
• VAGA DE TÉCNICO DE AGRONOMIA
Com experiência e CNH
Salário: R$ 2.860,00 + Benefícios
Enviar currículo: rfpafinancas@gmail.com

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

IMPACTO
Estamos contratando:
jovem APRENDIZ
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

A OSS/SPDM - HOSPITAL DAS CLÍNICAS LUZIA DE PINHO MELO
Seleciona:
Pessoas com Deficiência para vagas de:
✓ Auxiliar Administrativo, ✓ Enfermagem,
✓ Aprendiz, ✓ Terapeuta Ocupacional,
✓ Telefonista, ✓ Escriturário,
✓ Recepcionista, ✓ Auxiliar de Cozinha
✓ Auxiliar de Governança, entre outras.
Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.
GUPY

AUXILIAR DE LIMPEZA
LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo.
Ensino fundamental, regime de contratação CLT. Não é necessário experiência na função.
Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br
30 anos IMPACTO

IMPACTO
Pessoas com Deficiência
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

A OSS – Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, recruta currículos de médicos nas seguintes especializadas:
MÉDICO ESPECIALISTA EM NEUROLOGIA INFANTIL; MÉDICO PSIQUIATRA; MÉDICO ESPECIALISTA EM CIRURGIA VASCULAR; MÉDICO CIRURGIÃO PLÁSTICO para Atendimento Ambulatorial e Procedimentos Cirúrgicos inclusive Reconstrução Mamária; MÉDICO UROLOGISTA; Médico especialista em Medicina do Trabalho; Médico especialista em Nutrologia; Médico especialista em Reumatologia; Médico especialista em Oftalmologia; Médico especialista em Otorrinolaringologia; Médico especialista em procedimentos de USG Geral e Doppler; Médico especialista em procedimentos na área de Exames de Endoscopia, Colonoscopia e Retossigmoidoscopia; Médico especialista em Radioterapia; Médico especialista em realização de exames Broncoscopia e para atuação em ambulatório na especialidade de Cirurgia Torácica; Médico especialista em realização de exames de Angiografia Vascular Periférica com ou sem procedimento; Médico especialista em realização de exames Prova de Função Pulmonar (Espirometria); Médico especialista em Terapia Intensiva Adulto; Médico especialista em Terapia Intensiva Infantil; Médico especialista em Ultrassonografia; Médico especialista em Oncologia; Médico especialista Pneumologista; Médico Hemodinamicista – Cardiologia; Médico Nefrologista Adulto e Infantil para atendimento ambulatorial, acompanhamento de pacientes nas Unidades de Internação e em procedimentos de diálise; Médico Neurologista para execução de exames de Eletroneuromiografia. Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.
GUPY

PODCASTS FOLHA

saúde



Isis Broken, 30, mãe de Apolo, 3, amamentou após o parceiro, homem trans, não fazê-lo por disforia de gênero Karime Xavier/Folhapress

Mães trans podem amamentar, mas sofrem preconceito até de médicos

Tratamento com hormônios simula gestação e estimula produção do leite

TODAS

Isabela Rocha

SÃO PAULO "Levei quase um mês para mandar mensagem para as médicas com medo de sofrer algum ataque", diz Erika Fernandes, 31, mãe de Noah, 2, sobre seu medo ao tentar amamentar. Ela não sabia de nenhuma mulher trans que tivesse amamentado, e as buscas na internet não confirmavam se era possível.

Um casal de mulheres que ela conheceu num aniversário passou o contato de médicas que trabalhavam com lactação induzida, tratamento que, com o uso de hormônios, consegue simular a gestação para estimular a produção do leite materno.

O tratamento é mais comum entre mães adotivas e casais de mulheres em que a mãe não gestante quer dividir a amamentação com a gestante.

Quase um mês após o aniversário em que conheceu o casal, Fernandes ouviu das médicas que amamentar era possível e que tinham administrado o tratamento em outras duas mães trans.

Ela conseguiu amamentar, mas foi atacada ao compartilhar a experiência nas redes sociais. Também recebeu muitas perguntas de mulheres que queriam saber mais sobre o tratamento.

"Quando eu expus a minha lactação foi um boom. Todo mundo queria entender", conta.

"Me chamaram de pedófila e disseram que o meu leite não era de verdade. Postei o último vídeo há dois anos e até hoje recebo esses comentários."

O estresse afetou a produção do leite após a primeira semana e ela teve que recorrer a uma sonda para suplementar o volume. Foram três meses de amamentação até ela começar a alternar com mamadeiras.

A diferença da lactação induzida está principalmente nos anticorpos e nas calorias do leite, afirma Izabella Tamira Galdino, endocrinologista pediatra pela Universidade Federal do Ceará.

Gestantes produzem um leite "personalizado" para cada bebê, mas não existem malefícios comprovados da indução no desenvolvimento infantil, diz Galdino. Na maioria das vezes, o volume de leite produzido por não gestantes acaba não sendo suficiente, exigindo uma amamentação mista, que alterna fórmula com o peito.

"Mesmo sem uma amamentação exclusiva, o vínculo da amamentação mista é favorável para o desenvolvimento emocional do bebê", afirma a médica. "A fórmula não consegue imitar 100% o leite humano, e por mais que os anticorpos [da lactação induzida] não sejam 'personalizados', eles estão ali."

A amamentação pode ser simbólica para casais trans heterossexuais. O homem trans que gesta pode não querer amamentar por disforia de gênero —quando não se identifica com o gênero associado ao sexo biológico.

Características físicas ou certos atos, como ter mamas ou amamentar, podem angustiar os pais gestantes, e levar as parceiras a assumirem a amamentação.

Isis Broken, 30, mãe de Apolo, 3, quis tentar a lactação após seu parceiro decidir que não iria fazê-lo por causa da disforia. Mas violências, principalmente verbais, durante o pré-natal tornaram o processo difícil.

> **Quando expus a minha lactação foi um boom. Todo mundo queria entender**
>
> **Erika Fernandes**
> Mãe do Noah, 2, que foi atacada em redes sociais

Broken conta que durante uma das consultas uma médica disse a ela "se você é mulher, me mostre sua vagina". Em outra ocasião, ligou para treze clínicas para marcar exames e desligaram em sua cara. "Não conseguíamos nos conectar com o Apolo. Estávamos tentando ficar vivos", disse.

A lactação induzida para mulheres trans exige a hormonização, e Broken nunca havia se hormonizado. O processo levou a um desenvolvimento doloroso dos ductos mamários.

"Muitas coisas aconteceram no pré-natal. Eu continuei o tratamento, mas em um lugar muito solitário", diz. "Eu não queria que as pessoas soubessem o que estava acontecendo comigo porque eu achei que, naquele momento, meu parceiro era quem precisava ser assistido, não eu."

A amamentação também foi dolorosa e Broken desistiu após duas semanas. A lactação induzida exige um bloqueio de testosterona, hormônio que inibe a produção do leite, e a administração de estrogênio e progesterona, que simulam uma gestação, explica a ginecologista e obstetra Ana Thais Vargas.

A liberação de prolactina, hormônio que induz a produção do leite, também é estimulada. Depois, a progesterona e o estrogênio são interrompidos, simulando o nascimento de um bebê. A paciente faz então uma estimulação das mamas por meio de bombas elétricas de sucção, que mimetizam um recém-nascido.

"O principal desafio do tratamento é social. Quando eu e minha colega começamos a fazer esse trabalho com trans e travestis —somos mulheres brancas cisgênero— sofremos muitos ataques de pessoas transfóbicas falando absurdos", diz Vargas.

Mesmo com os desafios, Erika Fernandes afirma que amamentaria de novo, mas não romantiza o processo. "Não dormia, não tomava banho. A hora que ele chorava era peito na boca", diz. "Realmente é uma conexão. A gente trocava energia em cada mamada, cada troca de olhares."

Isis Broken disse que a experiência transformou seu entendimento como mãe trans. Ela é contra a própria hormonização e hoje vê que seu impulso de querer amamentar vinha em parte de maternidades cisgêneras à sua volta. "Amamentar é só um item na lista enorme em meio ao que significa ter um filho. A minha maternidade não é cisgênera. Tenho que criar novas narrativas."

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Sherwin-Kentona 18l Branco De: 299,90 Por: 239,90
3m-Fita Dupla Face Fixa Forte Extreme 24mmx2m De: 45,90 Por: 35,90
Ourolux-Superled Ouro 9w Bivolt 6500k 20031 De: 4,90 Por: 3,90
Fani-C54 Torneira Lavatório Mesa 1195 De: 119,90 Por: 89,90
Docol-Torneira Cozinha Parede 3a Gal Cr De: 389,90 Por: 299,90
Otto-Selante Pu Calhas Aluminio 360g De: 27,90 Por: 21,90
Tramontina-Carrinho De Mão Azul 77704/432 De: 321,90 Por: 259,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

IMUNIZAÇÃO

SP registra 1º caso de sarampo de 2025

A Secretaria Estadual de Saúde de SP confirmou na quinta-feira (17) o primeiro caso de sarampo no estado em 2025. O local de infecção está em investigação. O paciente é um homem de 31 anos da capital paulista. Ele estava vacinado, se recuperou e não precisou ser internado.

Eufrázio

ciência



Pintura 'Jesus entre os Doutores', de Paolo Veronese Wikimedia commons

Galileia da infância de Jesus era caldeirão multiétnico cheio de conflitos e pobreza

Livro da britânica Joan Taylor, com base em fontes arqueológicas, tenta sanar algo das lacunas do contexto da vida do jovem Nazareno

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Se a vida adulta de Jesus de Nazaré já costuma ser objeto de debates intermináveis entre os historiadores, a infância e a adolescência dele são ainda mais misteriosas —nem os textos bíblicos chegam a abordar em detalhes essa fase de sua vida. Em um novo livro, a historiadora britânica Joan Taylor recorre a uma série de fontes escritas e arqueológicas para tentar sanar algo dessa lacuna, situando o jovem Nazareno em seu contexto familiar, social e até geopolítico.

O resultado está bem resumido no subtítulo do livro "Boy Jesus" ("Menino Jesus", ainda sem tradução brasileira): "Crescendo como membro do povo judeu em tempos turbulentos". Segundo Taylor, que é especialista em origens do cristianismo do King's College de Londres, é preciso tirar da cabeça as imagens idílicas do pequeno Jesus numa Galileia verdejante e cheia de carneirinhos, comum nas aulas de catequese para crianças.

A Galileia onde Jesus cresceu era um caldeirão multiétnico, onde famílias de imigrantes vindos da Judeia, ao sul, volta e meia encontravam pagãos de origem fenícia ou síria. Também havia membros desses grupos convertidos ao judaísmo à força ou que adotaram a religião voluntariamente algumas gerações antes.

Justamente entre o nascimento e o começo da adolescência de Jesus, partes da região tinham se tornado terra arrasada repetidas vezes pelos confrontos entre grupos rebeldes judaicos e os soldados da dinastia do rei Herodes, muitas vezes apoiados pelos verdadeiros senhores do Oriente Próximo na época, os romanos.

É quase certo que os habitantes de Nazaré tenham presenciado as chamas e os gritos dos moribundos durante o saque da cidade de Séforis (a 6 km de distância), atrocidade perpetrada pelos homens do general romano Públio Quintílio Varo —a maior parte da população de Séforis teria sido executada ou vendida para mercadores de escravos no ano 4 a.C, segundo as fontes antigas estudadas pela autora. Mesmo com desastres do tipo, os habitantes da Galileia mantiveram a fama de insubordinados e prontos para a guerra .

Segundo Taylor, foi nessa panela de pressão que Jesus passou seus primeiros anos de vida. Com base nos Evangelhos canônicos (os aceitos oficialmente na Bíblia) e de outros textos cristãos, judaicos e pagãos, ela defende que há ao menos algumas informações historicamente plausíveis nas narrativas tradicionais sobre nascimento e infância de Cristo.

Ocorre que, dos textos dos evangelistas do Novo Testamento, só os Evangelhos de Mateus e de Lucas, trazem algum detalhe sobre os primeiros anos de Jesus. Ambos falam do noivado de Maria com José e da concepção milagrosa. Retratam o menino como descendente de David, o grande rei do passado israelita.

Mas as diferenças também são substanciais, a começar pelas genealogias de Jesus, que não batem no caso de vários ancestrais (além de ambas desembocarem em José, que não seria o pai biológico do menino, segundo os evangelistas). Só Mateus fala da vinda dos Magos e só Lucas fala do nascimento na manjedoura.

Além disso, cada evangelista usa caminhos diferentes para explicar por que seu personagem é conhecido como Jesus "de Nazaré" —em Mateus, a Sagrada Família é de Belém e só foi para a Galileia bem depois do nascimento do menino. Em Lucas eles vão de Nazaré a Belém porque tinham de se registrar num censo promovido por Roma, o que acaba fazendo com que Jesus nasça ali e a família, depois, volte a Nazaré.

Essas diferenças levaram historiadores a argumentar que o nascimento em Belém seria criação teológica dos evangelistas, que reforçaria o cumprimento de profecias sobre a cidade presentes no Antigo Testamento.

Taylor argumenta que tanto a associação de Jesus com a dinastia de David quanto o nascimento em Belém são tradições presentes em tantas fontes diferentes do cristianismo primitivo que provavelmente refletem histórias contadas pela família do Nazareno.

O livro faz traz uma visão contextual, pois não é possível detalhar incidentes específicos da infância de Jesus por falta de fontes.

Taylor especula que a tradição familiar ligada à dinastia davídica e as experiências de refugiado e imigrante podem ter influenciado a pregação que iniciou depois de adulto, como resposta não violenta à desigualdade e opressão da dinastia herodiana e por Roma.

BOY JESUS: GROWING UP JUDAEAN IN TURBULENT TIMES
JOAN TAYLOR
Preço R$ 58,05 (ebook, 288 págs.). Editora SPCK Publishing

Como recuperar outro dinossauro roubado

Devolução do fóssil do 'Irritator' a seu berço é simples imperativo moral

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Enquanto escrevo esta coluna, uma petição online para devolver um brasileiro ilustre ao seu solo natal, do qual foi arrancado ilegalmente há décadas, acaba de ultrapassar a marca das 17 mil assinaturas. E, espero, isso é só o começo.

OK, a situação não é tão trágica quanto a de alguém que caiu nas garras do tráfico internacional de pessoas, mas o caso de que estamos falando tem um peso simbólico e cultural que não pode ser negligenciado. Num país como o nosso, com fama de desmemoriado, o direito a compreender e celebrar o próprio passado profundo é essencial. E é por isso que o dinossauro *Irritator challengeri* precisa voltar para a chapada do Araripe, onde nasceu, morreu e se imortalizou na forma de fóssil.

Será que estou fazendo um escarcéu à toa ao colocar as coisas nesses termos? Não acho. Já faz vários anos que os paleontólogos brasileiros têm se organizado para combater o tráfico ilegal de fósseis e a ciência gringa feita de forma antiética por conta dele, no mais desavergonhado estilo "pagou, levou". Durante décadas, esse tipo de pesquisa aconteceu na maior cara de pau graças a uma clássica sinergia perversa entre pobreza, precariedade e falta de escrúpulos.

Para entender isso, comecemos lembrando que os fósseis encontrados em território brasileiro são bens da União, não podendo ser comercializados de forma nenhuma. Tampouco podem deixar o território nacional sem autorização explícita dos órgãos competentes. E isso, veja você, desde 1942, ainda durante a ditadura de Getúlio Vargas.

Nos últimos anos, os paleontólogos brasileiros têm conseguido sensibilizar governos estrangeiros. Desta vez, porém, as iniciativas diplomáticas travaram, o que explica a nova mobilização

O problema é que lugares como a chapada do Araripe (talvez o maior tesouro do país no que diz respeito aos seres vivos da Era dos Dinossauros) contam com pouquíssima fiscalização in loco e têm uma população empobrecida. Os chamados peixeiros —assim chamados por causa da grande abundância de fósseis de peixes por lá— tentam levantar alguns trocados vendendo exemplares para atravessadores, os quais, por sua vez, podem faturar bem mais oferecendo o material para gente no exterior, muitas vezes por meio da internet.

Foi certamente por vias tortas desse tipo que o crânio do *Irritator*, um grande carnívoro semiaquático do grupo dos espinossaurídeos, foi parar no Museu Estadual de História Natural de Stuttgart, na Alemanha, onde está desde 1991. Foi lá que cientistas britânicos e alemães o descreveram. Ainda tiveram o desplante de ficarem nervosinhos com uma aparente adulteração do material por parte do tráfico, o que explica o nome científico com o significado de "irritador".

Nos últimos anos, os paleontólogos brasileiros têm conseguido sensibilizar governos estrangeiros em busca da repatriação dessas riquezas. Foi o que aconteceu com outro dino, o *Ubirajara jubatus*. Desta vez, porém, as iniciativas diplomáticas travaram, o que explica a nova mobilização.

Repatriar o bicho permite que ele seja estudado aqui. E, mais importante, que brasileiros de todas as classes sociais possam conhecer e valorizar as riquezas que herdaram, estimulando ainda o turismo científico, sem ter de cruzar o oceano e pedir licença. Se os argumentos que apresentei aqui sensibilizaram você, procure a petição "Restituir o fóssil 'Irritator' ao Brasil!" na plataforma Change.org e faça a sua parte.

DOM. Reinaldo José Lopes | **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias | QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel | SÁB. Marcia Castro

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

DESCUBRA AS JORNADAS QUE VÃO AMPLIAR SEU CONHECIMENTO

A **CasaFolha** é uma plataforma de streaming exclusiva em que grandes nomes de diversas áreas compartilham os segredos do sucesso. São mais de 40 horas de curso divididas em 4 jornadas:

Jornada Transformação Pessoal e Bem-Estar
Jornada Alta Performance
Jornada Comunicação e Criatividade
Jornada Dinheiro e Carreira

→ Descubra como adotar um estilo de vida ativo com leveza, equilíbrio e saúde, transformando sua rotina pessoal e familiar com o apoio de profissionais preparados para acompanhar cada passo da sua jornada.

SUZANA HERCULANO-HOUZEL
O potencial do cérebro
Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (Estados Unidos). É a primeira mulher editora-chefe no Journal of Comparative Neurology.

MONJA COEN
O poder da meditação
Missionária oficial da tradição zen-budista Soto Shu, é fundadora da comunidade Zendo Brasil.

VERA IACONELLI
Criar filhos no século 21
Psicanalista, mestre e doutora em psicologia, é diretora do Instituto Gerar de Psicanálise e autora de diversos livros.

BRUNO GUALANO
Fitness: o que funciona para uma mudança verdadeira
Doutor em educação física e esporte pela USP, é um dos cientistas mais influentes na área.

MONICA ANDERSEN
A ciência do sono
Doutora em psicobiologia e diretora do Instituto do Sono, é listada como uma das cientistas mais influentes do mundo.

ALEXANDRE KALACHE
Envelhecimento ativo
Médico gerontólogo e um dos maiores especialistas em longevidade do mundo.

Assine agora

e aproveite a oferta exclusiva.

~~DE R$ 59,90*/mês~~ POR APENAS

12x de R$ 19,90 /MÊS.

*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.

Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

FOLHA DE S.PAULO
★★★

Eufrázio

Após rusgas no Brasil, Vítor Pereira curte torcida inglesa

Lembrado com pouco carinho por corintianos e flamenguistas, português toma até cerveja com torcedores do Wolverhampton

Luciano Trindade



Português Vítor Pereira comemora vitória do Wolverhampton sobre o West Ham pela Premier League, no Molineux Stadium Jaimi Joy - 1º.abr.25/Reuters

SÃO PAULO Vítor Pereira, 56, ainda não conseguiu chamar a atenção do Liverpool, mas tem curtido a vida à frente do modesto, mas tradicional, Wolverhampton.

O clube que já foi três vezes campeão inglês, na distante década de 1950, permitiu ao português realizar o sonho de trabalhar na badalada Premier League.

Sua maior ambição era comandar o gigante da cidade inglesa famosa por ser o berço dos Beatles, mas o trabalho à frente dos "Lobos" tem proporcionado ao treinador o reconhecimento que ele tanto buscava.

Quando Pereira foi contratado, em dezembro de 2024, os Wolves pareciam fadados ao rebaixamento. Ocupavam a 19ª posição e estavam a cinco pontos de distância da linha de salvação.

Desde sua chegada, o cenário mudou significativamente. Nas 16 rodadas seguintes, a equipe obteve oito vitórias, incluindo uma inédita sequência para o clube de quatro triunfos consecutivos na elite inglesa.

Embora ocupar o 16º lugar de uma competição com 20 equipes esteja longe de ser um grande mérito, ao comandar a reação do Wolverhampton e, praticamente, livrá-lo do rebaixamento, Vítor Pereira virou ídolo.

Ele desperta empatia por tentar criar uma conexão mais forte com os fãs. A imprensa inglesa tem feito vários registros do treinador bebendo cerveja com torcedores para festejar bons resultados da equipe.

"Trabalho é trabalho, mas depois do trabalho nós precisamos comemorar juntos. Preciso sentir a energia dessas pessoas e fazer parte da família", disse ele à rede britânica BBC.

Até fazer sucesso com o Wolverhampton, o português era pouco conhecido na Inglaterra —e também não tinha tido nenhuma chance nas principais ligas da Europa.

Em 2022, o português desembarcou no Brasil para comandar o Corinthians, onde construiu bases para ter um forte laço com a torcida, antes de gerar revolta geral.

Com a quarta colocação no Campeonato Brasileiro e o vice na Copa do Brasil, o técnico despertou a expectativa de que poderia fazer mais pelo clube na temporada seguinte.

Seus bons resultados foram suficientes até para superar uma polêmica registrada no começo de sua trajetória, quando disse que sairia "correndo" do clube alvinegro se o Liverpool o chamasse.

Apesar das polêmicas, o clube fez de tudo para renovar o contrato do técnico para 2023, mas ele travou as conversas, apontando que teria de voltar a Portugal devido à saúde debilitada de sua sogra.

Um mês depois, os alvinegros se sentiram traídos quando ele acertou com o Flamengo.

A relação com o time da Gávea foi fugaz. Durou menos de quatro meses, com quatro títulos perdidos em 17 jogos. Fracassou na Supercopa do Brasil, no Mundial de Clubes e na Taça Guanabara antes de levar 4 a 1 do Fluminense na final do Campeonato Carioca.

Assim, tornou-se uma espécie de "persona non grata" para as duas maiores torcidas do Brasil. Ainda em 2023, Pereira se transferiu para o Al Shabab, da Arábia Saudita, onde fez uma espécie de escala para ganhar dinheiro até surgir a oportunidade de voltar para a Europa.

Agora, com o sucesso no Wolverhampton, não será surpresa se buscar objetivos maiores.

"Sou um cara ambicioso."



Memphis marca dois gols e garante vitória corintiana contra o Sport

Vindo de derrotas para Palmeiras e Fluminense no Brasileiro, alvinegro venceu pernambucanos por 2 a 1, de virada, com gols do meia holandês aos dez segundos e 17 minutos do segundo tempo, em Itaquera Jean Carniel/Reuters

Bets, cinismo e burrice

Argumentos para defender a jogatina causam dó ou dão vergonha alheia

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Na criatividade popular o caso Bruno Henrique virou meme e o melhor deles é o em que ele aparece agradecendo à família que "sempre apostou em mim".

Mas o caso em si não tem graça nenhuma.

E despertou polêmica que revela o cinismo ou a indigência mental daqueles, na mídia, que a pretexto de justificarem suas ações de propaganda das casas de apostas inventam os argumentos mais surreais para defendê-las.

O primeiro deles diz que as bets que denunciaram a fraude, como se fossem defensores do jogo limpo.

Ora, até as bolinhas dos cassinos sabem que fiscalizar trapaceiros em seus domínios é mera proteção da banca para não ser roubada, sem que isso diminua em nada o papel deletério causado por ela na saúde pública.

De tão pueril, o argumento dá dó dos neurônios alheios.

Outra ponderação, e esta causa engulhos e vergonha alheia, minimiza o gesto corajoso do técnico Filipe Luís, ao recusar fazer propaganda das bets, e criticá-las publicamente embora seu empregador, o Flamengo, seja patrocinado por uma.

Ora, até a Pedra da Gávea sabe que 100% dos clubes brasileiros da Série A têm patrocínio de bets e condenar o treinador ao desemprego é típico dos que exigem sacrifício com o pescoço alheio.

Há ainda o surrado argumento de que as bets promovem milhares de empregos, como se o tráfico de drogas também não promovesse.

Ou que as bets sustentam os clubes, como se antes delas não houvesse quem sustentasse.

Há que limitar a propaganda, estimular que as casas de apostas não aceitem certo tipo de apostas, mostrar que a banca sempre ganha e que o vício do jogo é tão pernicioso como qualquer outro

Que cada um fique no seu quadrado, sem tentar justificar o injustificável.

Assuma para si mesmo que precisa das bets para sobreviver, ou para ficar mais rico, algo compreensível no primeiro caso, e desprezível no segundo, sem se desmoralizar com raciocínios que põem em dúvida a qualidade dos Tico e Teco de cada um.

As bets fazem tão mal à lisura do futebol que advogados de Bruno Henrique acusaram a casa de apostas que patrocinava o Atlético Mineiro de ter denunciado o atleta para prejudicar o Flamengo na disputa da decisão da Copa do Brasil entre ambos.

E há quem diga não haver contaminação alguma da jogatina no jogo de futebol.

O Brasil é um país de secular carência educacional.

Nossas elites sempre privaram a maioria dos meios para exercerem plenamente a cidadania.

O resultado é conhecido e tem tudo a ver com as bobagens cometidas por três atletas de nível de seleção brasileira como são Lucas Paquetá, Luiz Henrique e Bruno Henrique.

Repita-se que proibir as bets não resolve o problema, assim como não resolve vetar apostas em cartões, escanteios etc., porque o apostador brasileiro sempre terá a possibilidade de fazer sua fezinha no exterior pela internet.

Há que limitar a propaganda, estimular que as casas de apostas não aceitem certo tipo de apostas, fazer campanhas de esclarecimento para que menos pessoas caiam no conto do vigário do "jogue com moderação", mostrar que a banca sempre ganha e que o vício do jogo é tão pernicioso como qualquer outro.

Caminhos para mitigar os males da jogatina existem, como os trilhados para combater o tabagismo.

Se tantos, para alimentar a ganância, não fossem aliados das bets na disseminação do vício, os resultados apareceriam mais rapidamente.

E a ganância existe à direita e à esquerda.

ESPORTE AO VIVO Campeonato Brasileiro
16h São Paulo x Santos, Globo e Premiere



Hugo Calderano celebra vitória de virada por 4 sets a 3 sobre o chinês Wang Chuqin, vice-líder do ranking mundial, em partida válida pelas semifinais da Copa do Mundo de tênis de mesa, em Macau Cheong Kam Ka/Xinhua

Hugo Calderano vence chinês vice-líder do ranking e avança à final inédita da Copa do Mundo

Mesa tenista carioca de 28 anos garantiu a primeira medalha do Brasil na tradicional competição, que é disputada desde 1980

SÃO PAULO Hugo Calderano escreveu neste sábado (19) mais um capítulo histórico para o tênis de mesa brasileiro. Atual 5º do ranking da ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa), o carioca de 28 anos venceu o chinês Wang Chuqin, número 2 do mundo, em jogo válido pelas semifinais da Copa do Mundo disputada nesta semana em Macau, e garantiu vaga inédita na decisão do Mundial.

A vitória foi de virada por 4 sets a 3, com parciais de 14/12, 5/11, 6/11, 7/11, 11/7, 11/3 e 12/10. No set decisivo, Calderano chegou a salvar um match point quando o adversário vencia por 10 a 9.

Com o resultado, o brasileiro tornou-se o primeiro atleta fora da Ásia e da Europa a chegar a uma decisão de um torneio mundial da modalidade.

Na final, ele enfrenta Lin Shidong, chinês de 20 anos que é o atual líder do ranking. A decisão acontece no domingo (20), às 9h15 (horário de Brasília), com transmissão da CazéTV.

No único confronto entre os dois finalistas até aqui, Calderano levou a melhor, vencendo por 3 sets a 2 no WTT Contender Durban, em janeiro de 2023, na África do Sul.

"Estou muito feliz. Chegar à final da Copa do Mundo é algo que qualquer atleta de tênis de mesa sonha. Vou com tudo para a decisão. Vai ser um jogo incrível e, acima de tudo, vou tentar aproveitar ao máximo", disse Calderano.

O jogador enalteceu a importância da força mental durante a partida contra o chinês. "Foi muito importante a parte mental, não me deixar abalar. Eu simplesmente poderia aceitar que ele estava jogando em um nível incrível e que eu não conseguiria ganhar hoje. Continuei acreditando até o fim e consegui reverter o placar. No último set, ele voltou a jogar melhor, mas também consegui subir o meu nível no momento mais importante", acrescentou o atleta.

O brasileiro já havia surpreendido ao eliminar nas quartas de final o japonês Tomokazu Harimoto, terceiro do ranking, também de virada, quando já assegurou a primeira medalha do Brasil na competição, disputada desde 1980 —não há disputa pelo terceiro lugar na competição.

Na fase de grupos, Calderano superou o canadense Eugene Wang (65º) e o japonês Yukiya Uda (30º), ambos por 3 sets a 1. Nas oitavas de final, passou pelo japonês Hiroto Shinozuka (29º) por 4 sets a 1

"Chegar à semifinal e garantir uma medalha já era um feito incrível para o tênis de mesa brasileiro. Agora, ainda maior, eliminando os números dois e três do mundo. Espero inspirar muitos jovens que estão começando a jogar tênis de mesa e qualquer outro esporte a seguir em frente", afirmou o brasileiro.

> **Espero inspirar muitos jovens que estão começando a jogar tênis de mesa e qualquer outro esporte a seguir em frente**
>
> **Hugo Calderano**
> Primeiro atleta fora da Ásia e da Europa a chegar a uma decisão de um torneio mundial da modalidade

O resultado histórico em Macau vem menos de um ano depois de Calderano já ter conquistado o melhor resultado do tênis de mesa brasileiro em Olimpíadas, quando terminou em quarto nos Jogos de Paris.

Ele avançou até a semifinal na França, parando apenas diante do sueco Truls Moregardh, então 26º do mundo. Na decisão pelo bronze, perdeu para o tenista da casa Felix Lebrun. Pela campanha, Calderano voltou a ocupar a terceira colocação no ranking da ITTF, a melhor da carreira e de um atleta das Américas.

Algoz do brasileiro, Moregardh ficou com a prata em Paris após perder a decisão para o chinês Fan Zhendong. No caminho até a final, ele também venceu o chinês Wang Chuqin, derrotado neste sábado por Calderano, e que era então líder do ranking.

Favorito ao ouro olímpico, Chuqin teve de jogar a partida contra o sueco com uma raquete reserva depois que teve seu equipamento danificado por fotógrafos durante as comemorações do título nas duplas mistas.

Esta é a sexta participação de Calderano em Copas do Mundo. Até então, seu melhor resultado havia sido em 2019, quando chegou às quartas de final. Ele também é o único tricampeão da modalidade em Jogos Pan-Americanos, vencendo a competição em 2015, 2019 e 2023.

A vitória nasce do talento e da alma

Por que times que jogam em casa têm vantagem expressiva contra adversários?

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas do Mundo de 1966 (Inglaterra) e 1970 (México). É formado em medicina

Apesar da grande evolução científica do futebol, ainda prevalece no Brasil e em todo o mundo uma vantagem expressiva para os times que jogam em casa contra adversários de qualidades técnicas próximas ou semelhantes. Por quê?

No meio de semana, pela Liga dos Campeões, Barcelona e PSG perderam o segundo jogo fora de casa, mas garantiram classificação para as semifinais por causa das vitórias expressivas que tiveram na primeira partida.

Em casa, o Borussia Dortmund, carregado pela sua exuberante torcida, teve uma atuação soberba na vitória sobre o Barcelona por 3 x 1. Jogou muito mais do que sabe, o que ocorre várias vezes em equipes que atuam em casa. O Borussia fez uma marcação por pressão com uma incrível intensidade, sem deixar que o talentoso meio-campo do Barcelona ficasse com a bola e propiciasse ao excepcional trio de atacantes chances de marcar gols.

No passado, dizia-se muito que a melhor defesa era o ataque. Hoje, mais importante ainda que ter um excelente meia de ligação, camisa 10, é recuperar rapidamente a bola no campo adversário.

Já o Real Madrid perdeu os dois jogos para o Arsenal, o que não era esperado. O futebol tem muitas lógicas que se cruzam. Tudo é incerto. Evidentemente, há sempre fatores técnicos e táticos.

> **Razão mais importante para mais vitórias dos anfitriões é o psicológico, a pressão emocional positiva para ganhar, ao contrário dos visitantes, que se sentem inibidos diante da torcida adversária**

Repito, o Real Madrid contratou dois excepcionais atacantes (Bellingham e Mbappé), que estão entre os melhores jogadores do mundo, mas o time não tem mais o equilíbrio, o jogo coletivo e a eficiência defensiva que tinha quando jogava com um trio no meio-campo Casemiro, Modrić e Kroos e outro no ataque com Vini, Rodrygo e Benzema (um centroavante artilheiro e armador).

Nas quatro primeiras rodadas do Brasileirão, 40 partidas, apenas seis equipes ganharam fora de casa. O Cruzeiro, com vários caros jogadores contratados na reserva, fez, inflamado pela torcida, uma excelente partida na vitória por 3 x 0 contra o Bahia. Parecia o Borussia contra o Barcelona, marcando por pressão com enorme intensidade, sem deixar o adversário ficar com a bola e trocar passes.

Na quarta rodada do Brasileirão, apenas Palmeiras, Fluminense e Bragantino venceram fora de casa. O Palmeiras jogou muito bem contra o Inter.

O meio-campista colombiano Richard Ríos marca com grande intensidade e ainda chega à área com talento, como no lance do gol do Palmeiras. Na seleção da Colômbia ele faz isso melhor, pois o time joga com um trio no meio-campo, um volante centralizado e dois meio-campistas que atuam de uma intermediária à outra (Richard Ríos e Arias).

O Santos, em casa, mesmo com a saída de Neymar no meio do primeiro, ganhou do Atlético-MG por 2 x 0, que é superior. O galo ainda não venceu no Brasileirão. Quatro jogos é pouco, mas os times já começaram a mostrar o seu caminho técnico que veremos ao final da competição. Ainda teremos surpresas.

Além da torcida e de outros fatores, a razão mais importante para haver muito mais vitórias dos times anfitriões é o psicológico, a pressão emocional positiva para ganhar, ao contrário dos visitantes, que se sentem inibidos diante da torcida e do ambiente adversário. Continua verdadeiro o antigo clichê de que o torcedor é o décimo segundo jogador.

DOM. Tostão, Juca Kfouri **SEG. Juca Kfouri**
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SAB. Marina Izidro




PMs são investigados por queimarem cruz e realizarem gesto parecido com o de nazistas

Ministério Público e Polícia Militar abriram apurações após vídeo publicado na terça (15) em perfil no Instagram do 9º Batalhão de Ações Especiais de Polícia, de São José do Rio Preto (SP), que mostra PMs, diante do símbolo em chamas, com braços em riste; as imagens foram apagadas Reprodução/CNN

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Ciência descobre evidência de vida fora da Terra

Semana ressalta como a inflação afeta a vida dos brasileiros, o que consta na proposta para alterar o Código Civil e as contas que já preocupam o governo para Orçamento de 2027



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Inflação faz 58% dos brasileiros reduzirem compras de alimentos, afirma Datafolha

Destaco a nova pesquisa Datafolha, que mostra que 58% dos brasileiros dizem que reduziram a quantidade de alimentos que costumam comprar devido à inflação. Entre os mais pobres, o percentual sobe para 67%.

Recomendo também texto da repórter Cláudia Collucci sobre a nova cirurgia abdominal realizada no ex-presidente Jair Bolsonaro. Médicos afirmam que procedimento desta vez foi de maior risco que anteriores.

3ª

Entenda a reforma que prevê mudanças em 1.122 artigos do Código Civil

Reportagem na **Folha** explica a proposta de reforma no Código Civil que prevê mudanças em 1.122 artigos do texto atual e em dez leis federais. Enviada ao Senado após uma discussão de oito meses, a proposta inclui temas como a proibição do descarte de embriões e a indenização por danos futuros.

Destaco também a reportagem sobre o plano de remoção gradual da favela do Moinho, no centro de São Paulo, que o governo de Tarcísio de Freitas tentará colocar em prática nos próximos dias.

4ª

Governo aponta falta de verbas para cumprir pisos de saúde e educação já em 2027

O governo federal indicou que faltará verba no Orçamento para cumprir os pisos de saúde e educação já em 2027, em mais um indício do risco de insustentabilidade do arcabouço fiscal e de apagão nas políticas públicas.

Destaco também o texto da repórter Paola Ferreira Rosa sobre o livro "Os Retornados", de Carlos Fonseca, que conta a trajetória dos ex-escravizados que deixaram o Brasil e retornaram à África de seus ancestrais no século 19.

5ª

Cientistas encontram a evidência mais forte até agora de vida em um planeta alienígena

Em uma potencial descoberta histórica, cientistas obtiveram o que chamam de sinais mais fortes até agora de possível vida além do nosso Sistema Solar. Eles detectaram em um planeta alienígena gases que na Terra são produzidos apenas por processos biológicos.

Destaco também o mapa produzido pelo Deltafolha que mostra a infraestrutura urbana de todas as cidades do Brasil a partir de dados do Censo Demográfico de 2022, do IBGE.

Excepcionalmente, a newsletter não circulou na sexta-feira (18)

FRASES DA SEMANA

“

O governo [Barack] Obama tirou os olhos da bola e deixou a China tomar toda a América do Sul e Central. Vamos recuperar o nosso quintal

Pete Hegseth
secretário de Defesa dos EUA, à Fox News

“

Os povos indígenas têm um olhar crucial para estudar, serem capacitados e depois voltar esse conhecimento para melhorar a vida em comunidade

Bárbara Flores Borum-Kren
pesquisadora indígena, na sexta (18), em entrevista à Folha

“

Um lugar que não tem o mínimo de direitos humanos. Uma cela solitária, que não tinha banheiro, tinha apenas um banheiro no chão

Wellington Firmino
motoqueiro condenado a 17 anos no Brasil e preso em Buenos Aires

“

Sempre escolhi me calar sobre os rumores em relação a mim, mas agora basta

Renato Aragão, o Didi
ator, na quarta (16), em entrevista à Folha

“

Eu dialogo com todas [plataformas]. Não há nenhuma que se recuse a sentar à mesa. Quando se trata de crianças e adolescentes, há um consenso

Lilian Cintra de Melo
secretária de Direitos Digitais do Ministério da Justiça e Segurança Pública, ao falar, na terça (15), que a Polícia Federal recebe 1.500 denúncias por dia de conteúdos abusivos contra crianças e adolescentes

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 20 DE ABRIL DE 2025 B1

ilustríssima

Apocalypse Now

Quem são os intelectuais bilionários, como Peter Thiel e Alexander Karp, que articulam nas sombras do governo Trump o projeto destrutivo contra a ordem liberal B4

Donald Trump, presidente dos EUA, durante evento na Casa Branca

Evelyn Hockstein - 16.abr.25/Reuters

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Antonio Fagundes
Globo jogou a criança fora junto com a água da bacia

Ator fala que emissora perdeu mais de 40 anos de investimento com a sua saída, diz achar ser um grande risco o remake de 'Vale Tudo' e afirma que a TV não deveria imitar as redes sociais; nos palcos, ele comemora o sucesso de 'Dois de Nós'

Por **Karina Matias**

Antonio Fagundes está atrasado. Conhecido por sua pontualidade —quem chega fora do horário não consegue entrar para ver as suas peças—, o ator de 76 anos se desculpa (a culpa foi do voo do Rio de Janeiro para São Paulo) e senta para conceder esta entrevista em uma das poltronas da plateia de quase 700 lugares do Teatro Tuca. O espaço tem lotado desde setembro do ano passado, quando ele estreou "Dois de Nós", peça escrita por Gustavo Pinheiro e protagonizada também pela sua mulher, Alexandra Martins, além de Christiane Torloni e Thiago Fragoso.

*

No enredo, uma discussão sobre relacionamentos amorosos, machismo e empoderamento feminino a partir das alegrias e dificuldades de um casal em diferentes fases da vida. Vista por mais de 60 mil espectadores, a produção segue em cartaz em São Paulo até o próximo domingo (27). Depois, fará uma turnê por cidades do Brasil e de Portugal.

*

Há muitos anos, Fagundes faz, depois dos seus espetáculos, um bate-papo com o público. Nessas conversas, ele tem notado que os homens ficam especialmente mexidos com a montagem e com o seu personagem, um "macho alfa" que vai se desconstruindo ao longo da vida. E o fato de ser ele a interpretar esse homem —um ator que fez tantos machões na TV— acaba sendo uma forma de identificação. "Eles estão vendo no palco esse mesmo cara que eles acham que é 'o dono do mundo', falando umas coisas interessantes e que eles nunca tinham pensado antes."



O ator Antonio Fagundes no palco do Teatro Tuca, em SP Adriano Vizoni/Folhapress

*

De forma indireta, a peça mostra como esse homem que foi criado para não chorar ou demonstrar qualquer fragilidade também é vítima. "Ele vê que esse caminho não é bom para ninguém. O ser humano é frágil mesmo. A gente morre facilmente. E a gente sofre facilmente, porque temos uma cabeça pensante."

*

Fagundes diz que nunca foi um "macho alfa", até mesmo por ter entrado no teatro muito cedo. "Se você não é capaz de se emocionar e chorar com uma música que ouviu ou com uma peça de teatro, não é capaz de subir no palco e fazer isso. Nunca fui muito esse macho alfa, mas eu fiz muitos. Fiz até Deus que, digamos, é o macho alfa maior", brinca, sobre os dois filmes de Cacá Diegues em que interpreta o Todo-Poderoso.

*

O segundo deles, "Deus Ainda É Brasileiro", que deve estrear neste ano, foi o último trabalho do cineasta alagoano, morto no início de 2025. "Era o sonho dele fazer um filme inteiro em Alagoas. E nós conseguimos fazer. Foi maravilhoso", diz o ator. A pré-produção do longa começou em 2022, antes das eleições presidenciais. Fagundes lembra que, em certo momento, eles se questionaram: "Será que [Deus] ainda é brasileiro?. Porque podiam acontecer umas coisas aí." A coluna questiona se uma dessas "coisas" seria a reeleição de Jair Bolsonaro (PL). O ator dá risada e diz: "Mas [Deus] ainda é brasileiro."

Conhecido por apoiar, no passado, campanhas eleitorais do PT, o ator não tem se manifestado sobre política nos últimos anos. Ao ser questionado sobre o assunto, ele afirma que o país vive um período preocupante em que há pouco espaço para a escuta. "Mesmo quando a pessoa está dizendo [o que vai fazer], ele [o cidadão] não ouve mais. É só 'é o mito, é o mito'. O que quer dizer isso? Quer dizer que ele pode falar o que quiser, que eu não estou ouvindo. Estou seguindo palavras de ordem. Isso é ruim para qualquer ideologia."

*

Fagundes diz que sempre falou que "artista não pode ter carteirinha", porque na sua percepção isso é semelhante a fazer parte de uma seita. "Você deixa de pensar." Na visão dele, líderes como o presidente americano Donald Trump "são infelizes" e "têm uma tristeza". "E quem é triste, espalha essa tristeza, né" Ele diz acreditar também que, ainda que nos últimos anos um movimento progressista tenha se destacado no mundo, o pensamento conservador e machista nunca deixou de existir. "É que agora eles estão com o poder da palavra. Como disse o Umberto Eco, a internet deu voz aos imbecis. Mas não acredito que sejam a maioria", afirma.

*

Embora seja conhecido do público pelas mais de 40 novelas em que atuou, Fagundes diz que fez muito mais teatro do que TV aberta. E foi pelos palcos, inclusive, que decidiu em 2020 não renovar o contrato de 44 anos que tinha com a Globo. "Quando a emissora disse que eu não teria mais esse esquema de gravar segunda, terça e quarta [as produções para a casa] para poder fazer as minhas peças [nos outros dias], eu falei: 'Não faço mais'", relembra.

*

Para o ator, quem sai perdendo é a própria empresa. "Eu levei 44 anos para me especializar. Quando atingi o auge da minha especialização, eles mudaram o processo de produção. Perderam o investimento deles. Perderam o patrimônio deles." Fagundes afirma que se sentia estimulado pelo ritmo acelerado de fazer novelas. "Alguns colegas reclamavam sobre a TV, dizendo 'eu não sou máquina'. Eu não. Eu queria ser a máquina mais perfeita."

*

"Cheguei a um ponto de elaboração do meu processo de trabalho que decorava [o texto] na hora", afirma. "Vivi o melhor dos mundos, porque não levava trabalho para casa." Agora, segundo ele, o ritmo de gravações está mais lento. "Não sei se gostaria tanto [de voltar à TV]."

*

Fagundes opina que, ao abrir mão de artistas, diretores e autores que estavam há décadas na empresa, a Globo "jogou a criança fora junto com a água da bacia". "Tem uma turma que está lá agora, de jovens extraordinários, mas que não têm 40 anos de experiência."

*

Se o ritmo de produção ficou mais lento, ele avalia, por outro lado, que a TV aberta acabou criando uma crise para ela mesma ao se afastar do que sempre fez e querer imitar o tempo acelerado das redes sociais. "Antigamente você tinha cena de dez minutos, e o público parava para ver. Hoje, a cena não tem mais de um terço de uma página, isso quer dizer 30 segundos. Só que em 30 segundos, você não aprofunda nada, as relações se esvaem, é tudo muito rápido. E quando não está rápido, explode um avião, capota um carro."

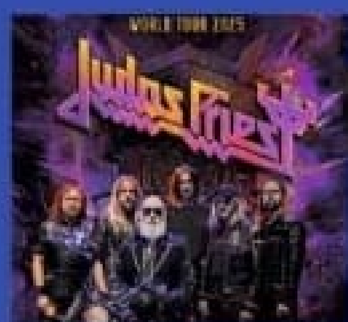
*

"A novela é o nosso patrimônio cultural. Por que abrimos mão disso?", indaga. Questionado sobre o remake de "Vale Tudo", Fagundes diz que "é um grande risco" —o ator fez o papel de Ivan na versão original. Mas acha acertado que a protagonista Raquel, personagem de Regina Duarte em 1988, seja hoje interpretada por uma atriz negra, Taís Araujo. "Era um erro nosso, um erro da sociedade como um todo não pensar sobre isso [a importância de ter diversidade e representatividade na tela] naquela época."

Eufrázio

Confira nossa **PROGRAMAÇÃO**

VIBRA SÃO PAULO



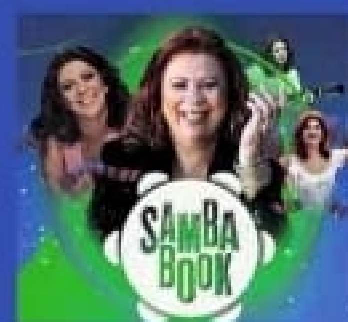
HOJE
JUDAS PRIEST & QUEENSRŸCHE



25/ABR
SORRISO MAROTO



30/ABR
ELI SOARES
Gravação de DVD Betel



08/MAI
SAMBABOOK BETH CARVALHO



09 DATA EXTRA 10 ÚLTIMOS INGRESSOS
09 E 10/MAI
IRA!
Acústico 20 anos



17/MAI
FMS 6 FIGHT MUSIC SHOW
Popó Freitas vs Duda Nagle



22/MAI
RAFFA TORRES
Gravação de DVD



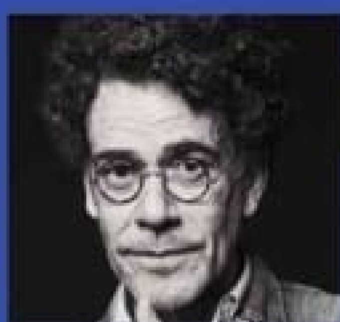
31/MAI
TURMA DO PAGODE
Hoje é dia



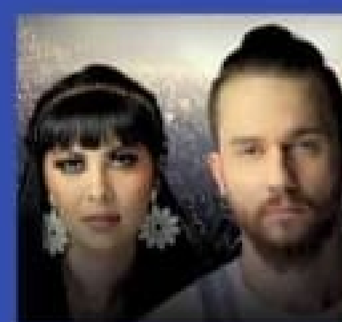
07/JUN
GABRIEL E SHIRLEY



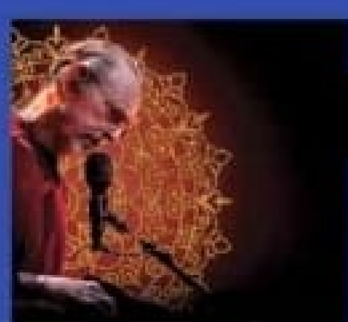
11/JUN
MAURÍCIO MANIERI CLASSIC SUPER HITS
Especial Dia Dos Namorados



13/JUN
NANDO REIS
Especial Namorados



21/JUN
OVERDRIVER DUO



05/JUL
KRISHNA DAS
Peace Of My Heart South America Tour 2025



18/JUL
4 AMIGOS
Novo Show



19/JUL
VANESSA DA MATA
Lançamento da Nova Turnê



01 E 02/AGO
CONFERÊNCIA FAZ CHOVER



08/AGO
THE ROSE
Once Upon A WRLD



16/AGO
THE REALNESS FESTIVAL
O maior festival DRAG da América Latina!

PROGRAMAÇÃO COMPLETA
em ***vibrasaopaulo.com*** e nos canais oficiais ***/vibrasaopaulo***

OPUS

Av. Nações Unidas 17955
Vila Almeida - São Paulo/SP

ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO: PROTOCOLO NÚMERO: 6068.2023/0010174-7 AVCB: 597701 VALIDADE 11/06/2026

Troque seus pontos por ingressos
PETROBRAS premmia
Baixe o App Premmia



A ABERTURA DO SHOW AGORA É COM A GALERA!

Chegue cedo e aproveite o novo bar da Vibra São Paulo, na área externa

VIBRA SÃO PAULO · OPUS · JACK DANIEL'S





O investidor bilionário Peter Thiel, cujas ideias influenciam o governo de Donald Trump, discursa em evento sobre tecnologia em Miami (EUA) Marco Bello · 7.abr.22/Getty Images/AFP

A ruptura apocalíptica

[RESUMO] O que Peter Thiel, Alexander Karp, Nick Land, Curtis Yarvin e Elon Musk têm em comum? Personalidades influentes no conservadorismo dos EUA, eles acreditam que a democracia liberal levou o Ocidente a um estado de estagnação e corrupção moral. Atuando nas sombras do governo Trump, defendem que apenas um grande esforço para dominar a inteligência artificial, a nova bomba atômica, permitirá solucionar esse impasse e aperfeiçoar o mundo —o que, para os cidadãos comuns, pode significar o fim da tradição democrática

Por **Martim Vasques da Cunha**

Doutor em filosofia política pela USP, é autor de 'A Poeira da Glória' e 'A Tirania dos Especialistas', entre outros livros

Talvez sem saber, o cineasta Christopher Nolan nos revelou, no filme "Oppenheimer" (2023), a lógica suprema do segundo governo de Donald Trump.

Em uma fala do personagem Lewis Strauss, que na vida real participou dos bastidores da administração americana durante a Guerra Fria, o ator Robert Downey Jr. profere as seguintes palavras com eloquência grega: "Amadores procuram o sol. São devorados. O poder mora nas sombras".

A referência é ao mito grego de Ícaro, que constrói uma asa com penas e cera para fugir da prisão labiríntica criada por seu pai, Dédalo. Ícaro ignora os conselhos e aproxima-se demais do Sol, fazendo com que a cera derreta, ele caia do céu e morra afogado.

Hoje a frase do filme também pode ser aplicada às cabeças que tentam manobrar Trump: Peter Thiel, Alexander Karp, Nick Land, Curtis Yarvin e Elon Musk.

Comecemos pelos amadores: apesar de ser um bilionário, de ser considerado o "Napoleão dos nossos tempos" e de ter feito revoluções tecnológicas admiráveis, tanto no campo da corrida espacial (as naves e os mísseis da Space X) quanto da mídia (a compra do Twitter, rebatizando-o de X), Musk é o "boi de piranha" desta administração.

A função dele é apenas aguentar os choques da oposição contra Trump —e nada mais. Esqueçam o comando de Musk no tal do Doge (Departamento de Eficiência Governamental). Serve apenas à superfície de um plano muito mais ousado, no qual a reforma do Estado é somente o primeiro passo.

Uma reforma a ser feita de maneira a privilegiar o comando de uma mão de ferro, de um presidente que aja como um César redivivo, impondo medidas executivas de cima para baixo: eis o sonho de Curtis Yarvin, também conhecido pela alcunha de Mencius Moldbug (o primeiro nome é uma referência ao pensador chinês Confúcio).

Yarvin (que veio ao Brasil em 2023 divulgar suas ideias para pequenos grupos da direita) deve ser lido com extrema cautela. O motivo? Não é sua visão de mundo, composta por um certo pessimismo sobre a capacidade de mudar a burocracia que realmente comanda um governo, mas simplesmente porque ele está tirando sarro do público.

Continua na pág. B5

Eufrázio



Os empresários Elon Musk (à esq.), membro do governo Trump, e Alexander Karp em fórum sobre inteligência artificial em Washington Leah Millis · 13.set.23/Reuters

Continuação da pág. B4

Yarvin é um troll do pensamento, no jargão da internet. Seu papel no jogo do poder é satirizar as nossas expectativas racionais.

Por falar em racionalidade, não podemos nos esquecer de Nick Land. Oriundo daquela terra onde o cinza de chumbo é predominante em sua paleta de cores (a Grã-Bretanha), ele defende um "aceleracionismo" da realidade, cuja mistura inusitada de Adam Smith e Karl Marx será a mola propulsora para um novo tipo de progresso que simplesmente precisa desprezar a democracia liberal. Se você achou que isso era um ensaio para um filme de horror, acertou.

Mas, calma: haverá a solução para todos esses impasses —a "República Tecnológica". Este é o termo usado por Alexander Karp (junto com Nicholas Zaminska) em seu livro de mesmo nome, lançado com sucesso no início deste ano nos EUA e a ser publicado no Brasil no próximo mês pela Intrínseca.

Karp é um dos donos da empresa Palantir (batizada em homenagem a um dos artefatos mágicos da saga "O Senhor dos Anéis", de J.R.R. Tolkien). A especialidade dele é extrair dados dos diversos níveis da realidade (entre eles, o nosso cotidiano) e computá-los, via um software próximo do sobrenatural. Depois, com isso, ele vende novas estratégias de "antecipação do comportamento humano" para braços militares do governo americano, entre eles a CIA e o Pentágono.

Em seu tratado, Karp tem a seguinte tese: nos últimos 30 anos, a elite do Vale do Silício perdeu a sua vocação. Preferiu se render à criação de produtos de bens de consumo (aplicativos, computadores pessoais e serviços de comércio) ao invés de compreender que a internet foi a primeira fase para uma inovação sem precedentes.

O correto, diz, seria que essa mesma elite se unisse ao Estado americano em um novo plano de defesa, que combinasse tecnologia de ponta e uma mão de obra extremamente eficiente, com o objetivo de impedir que uma outra superpotência (a China) lidere a corrida sobre quem vai dominar um novo tipo de bomba atômica —a inteligência artificial (IA).

A comparação de Karp entre esses dois tipos de inventos é consciente. Para ele, os EUA precisam embarcar em um novo Projeto Manhattan, a empreitada que deu origem à maior arma de destruição em massa já criada pelo homem. Agora, porém, em vez de manipular a estrutura do real por meio de prótons e nêutrons, o que temos é a IA alterando por completo o conhecimento do próprio mundo.

Para Alexander Karp, os EUA precisam embarcar em um novo Projeto Manhattan, a empreitada que deu origem à bomba atômica, a maior arma de destruição em massa já criada pelo homem. Agora, porém, em vez de manipular a estrutura do real por meio de prótons e nêutrons, o que temos é a IA alterando por completo o conhecimento do próprio mundo

Por isso, Karp defende que, em termos educacionais, é necessária também uma reviravolta nos valores. Neste sentido, os EUA precisam redescobrir a importância de defender a "civilização ocidental". Em outras palavras: Karp é contra toda e qualquer espécie de cultura identitária. Na sua ótica, o wokeísmo enfraqueceu a nação americana nos seus fundamentos, impedindo-a de promover um debate saudável, em particular nas universidades.

Disso, avalia, resulta uma elite política e econômica que, assim como os companheiros de Karp no Vale do Silício, é incapaz de dominar a própria tecnologia que criou e, portanto, incapaz também de reconstruir a república que irá aperfeiçoar o resto do mundo.

O que Alexander Karp propõe, sem nenhum pudor, é um autêntico projeto de poder digno de Platão. E o sócio dele na Palantir, o empreendedor Peter Thiel, notório por ter sido o investidor-anjo de uma empresa chamada Facebook, concorda com isso em gênero, número e grau.

Continua na pág. B6

Eufrázio

A ruptura apocalíptica

Continuação da pág. B5

Dono de um intelecto aguçado, capaz de financiar diversas iniciativas políticas e culturais (além da startup de Curtis Yarvin, bancou a campanha de J.D. Vance para o Senado, o que possibilitou a entrada deste último como vice-presidente na chapa de Trump em 2024), Thiel tem uma visão de mundo sofisticada, impossível de ser reduzida a clichês ideológicos. É alguém que deve ser respeitado e temido antes de ser desprezado (como a intelligentsia progressista faz com ele nos últimos anos).

De certa forma, não é exagero afirmar que Peter Thiel é o rei-filósofo imaginado por Platão —e que o mundo se tornou o seu laboratório para a próxima "tentação de Siracusa" (quando o pensador grego foi treinar Dionísio, o jovem tirano da província siciliana, e fracassou miseravelmente).

Além de ser autor de um livro que se tornou uma Bíblia para a criação de startups, "De Zero a Um" (2012), ele escreveu três ensaios filosóficos que explicitam uma orientação política bastante peculiar.

Os textos são: "O Mito da Diversidade" (1995), uma polêmica contra o politicamente correto que infesta as universidades; "O Momento de Strauss" (2004), disponível no Brasil na coletânea "Política e Apocalipse", publicada pela É Realizações, e "O Niilismo Não É Suficiente", escrito em 2023, ainda inédito, mas que pode ser lido nos subterrâneos da internet.

"O Momento de Strauss" é uma homenagem a Leo Strauss, pensador alemão exilado nos EUA por causa do nazismo, que desenvolveu uma filosofia baseada em estratégias retóricas que nos ajudam a escapar do totalitarismo da modernidade, algo caro a Thiel.

"O Niilismo Não É Suficiente" é um diagnóstico agudo sobre a paralisia existencial que atinge o mundo contemporâneo e que, logo, alimenta a mesma estagnação do progresso tecnológico e do papel das elites já analisada por Karp.

No fundo, o que une todos os nomes citados acima, junto com a administração Trump, é a esperança de que o impasse atual só será resolvido por meio de uma ruptura apocalíptica —de preferência feita por esses poderosos que se escondem nas sombras.

O vocabulário religioso não é usado aqui de maneira displicente. Vejamos o exemplo de Thiel: ele é um cristão conservador assumido (apesar de, paradoxalmente, ser também um homossexual militante), além de discípulo do antropólogo René Girard.

Girard é conhecido pela sua "teoria mimética", segundo a qual o comportamento humano é motivado pelo desejo de imitação: copiamos uns aos outros porque sempre há uma terceira pessoa que estimula isso.

Quando essa relação permanece em estágio de desconhecimento, aumentando assim o desejo metafísico de se apossar e de ser o outro, as tensões se avolumam, até que haverá uma situação de violência em que alguém será inevitavelmente sacrificado (em termos metafóricos ou reais). A partir dessa vítima (o "bode expiatório"), o ciclo de imitação se renova e tudo recomeça até chegar a um novo impasse —e a um novo conflito.

Para Girard, o cristianismo foi a religião que revelou esse mecanismo sangrento aos olhos de todos —e nos possibilitou, grosso modo, construir a cultura moderna em que estamos inseridos, uma cultura cujo verdadeiro herói sempre será o mais fraco.

Thiel adota em parte todos esses pontos do pensador francês; afinal, foi seu aluno na Universidade Stanford e ajuda a divulgar seu pensamento com o think tank chamado Imitatio.

Mas não é apenas isso. Girard e Thiel acreditam que a mensagem do evangelho cristão é de apocalipse —isto é, da revelação das primeiras e últimas coisas de como o mundo realmente funciona. Porém, o discípulo acrescentou algo que o mestre nem sequer imaginou, ao perverter esta esperança autêntica com um detalhe: a importância da técnica, e da tecnologia, neste processo.

É aqui que os projetos de Thiel, Karp, Land, Yarvin, Musk e Trump convergem de forma assustadora. Para eles, a IA é a nova bomba atômica, um poder que contém a violência inevitável do Anticristo —simbolizado, nessa perspectiva, pela ordem democrática liberal dos últimos 70 anos, responsável pela corrupção moral do Ocidente, e que chegou ao seu ápice entre os anos 1990-2000.

O uso do verbo "conter" é proposital. Thiel e sua turma —apelidada erroneamente pela imprensa de "Dark Enlightement" (iluminismo sombrio), pois pouco se preocupam a racionalidade filosófica— têm a crença absoluta de que, hoje, eles são o "katechon" dos nossos tempos.

Esta expressão, retirada da Segunda Epístola aos Tessalonicenses e atribuída ao apóstolo Paulo, significa indistintamente "algo-alguém-alguma coisa" que detém um poder e que "retém-freia-atrasa" o definitivo triunfo do espírito da impiedade (o "Anticristo"), travando assim "o seu aniquilamento pela força da boca do sopro do Senhor".

Aparentemente, presume-se que os poderes que exerceriam esta função na nossa época seriam o do Estado (em particular na variação imperial ou "globalista") e o da igreja cristã (católica ou protestante).

Contudo, segundo um dos estudiosos do tema, o filósofo Massimo Cacciari em "O Poder que Freia" (Âyiné), há, na verdade, um campo de forças e de tensões sobrepostas, que se acumulam e se dissolvem, às vezes de forma consciente, outras de maneira imperceptível à consciência humana.

Esta "rede", fortemente conectada em seus nós górdios (e muito semelhante à internet oriunda do Vale do Silício), dá a certeza de que esses dilemas só serão plenamente resolvidos em um grande evento apocalíptico de proporções inimagináveis. E justamente por causa do poder do "katechon", que freia tal desenlace definitivo, as crises mundiais (políticas, sociais, espirituais) se tornam progressivamente permanentes, sem nenhuma solução evidente.

Ou seja: estamos na era da "insecuritas", na qual a insegurança e a incerteza trarão a paralisia e a anomia —a "stasis" da guerra civil indefinida e indiferenciada— ao nosso redor.

No entanto, se reconhecermos que vivemos em pleno "katechon", isso nos induz a concluir também que não há outra solução exceto aceitar este cenário de impermanência.

Assim como o grupo liderado por Peter Thiel, não queremos aceitar que somos desesperados, sem nenhum outro intermédio, do Estado ou da igreja; também não queremos admitir, após décadas na dependência dessas instituições "pluralistas e democráticas", que todas as mediações humanas foram destruídas por completo.

Como afirmou o próprio Thiel em uma das suas palestras públicas mais recentes: "Talvez não devemos temer o Apocalipse, mas sim o Anticristo". O problema é quando este evento apocalíptico é também esperado pela nêmesis deste "katechon" tecnológico —no caso, a esquerda revolucionária.

É aqui que os projetos de Thiel, Karp, Land, Yarvin, Musk e Trump convergem de forma assustadora. Para eles, a IA é a nova bomba atômica, um poder que contém a violência inevitável do Anticristo —simbolizado, nessa perspectiva, pela ordem democrática liberal dos últimos 70 anos, responsável pela corrupção moral do Ocidente, e que chegou ao seu ápice entre os anos 1990-2000

O presidente americano, com a sua "República Tecnológica" do Vale do Silício, irá dilapidar o que restou da nossa história e da nossa tradição —enfim, a nossa humanidade—, em parceria com outros governos e movimentos totalitários, como a China, a Rússia e o islamismo radical

Haverá escapatória para nós, pobres mortais? É sempre bom lembrar que o complemento ao mito de Ícaro é a história do seu pai, o artífice Dédalo

Afinal, segundo Richard Landes, na obra-prima "Será que o Mundo Inteiro Está Errado?" (lançada aqui pela editora Contexto), a cultura woke é um produto daquilo que pode ser classificado como "mentalidade do ano 2000", em que "durante toda uma geração, o Ocidente gerou e implantou um conjunto de objetivos ideológicos progressistas que ao mesmo tempo aumentou a diversidade e a criatividade da cultura e minou a sua própria tessitura".

Ora, se ambos os lados que disputam o papel do "katechon" entram na rivalidade apocalíptica, cujo objetivo supremo é controlar a IA, o que sobra?

Sobra Donald Trump, o "Avatar Digital" que anulará e conciliará todas essas simetrias de forma terrível, o monstro guardado a sete chaves no meio do labirinto do poder. Ele veio com correntes e martelos para destruir o Antigo Regime do liberalismo e implementar uma nova ordem, ainda desconhecida, mas que sem dúvida virá para cometer o mais sério dos crimes: a extinção da memória humana.

Este fato aterrorizante será acelerado pela IA bancada por empresas como Palantir e OpenAI, entre outras. Como se isso não bastasse, ao provocar o caos econômico para reiniciar as relações internacionais entre a China e a União Europeia, Trump brinca diante da mídia como se fosse o amador que será devorado pelo Sol, provocando uma dissonância cognitiva impecável na intelligentsia progressista, quando, na verdade, o ex-magnata joga com esses tecnocratas escondidos nas sombras, para finalmente mostrar que, no fim, ele é o próprio Sistema Solar.

No entanto, como qualquer pedaço da nossa galáxia, um dia este sistema se transformará em um buraco negro —e a era de Trump será indiscutivelmente o seu centro destruidor, apesar dos seus (eventuais) acertos e dos seus (constantes) erros.

O presidente americano, com a sua "República Tecnológica" do Vale do Silício, irá dilapidar o que restou da nossa história e da nossa tradição —enfim, a nossa humanidade—, em parceria com outros governos e movimentos totalitários, como a China, a Rússia e o islamismo radical.

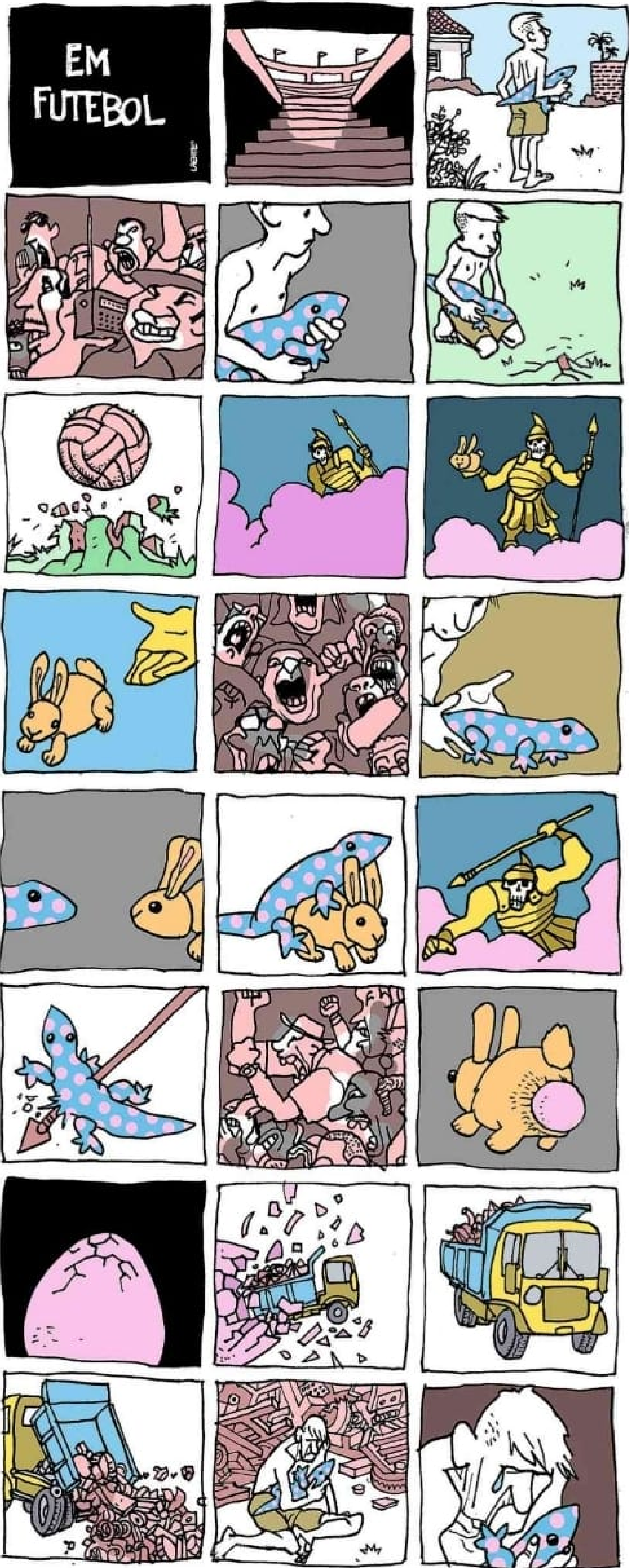
Haverá escapatória para nós, pobres mortais? É sempre bom lembrar que o complemento ao mito de Ícaro é a história do seu pai, o artífice Dédalo.

No silêncio, no exílio e na astúcia que marcaram a sua biografia, ele construiu o labirinto que aprisionava o Minotauro. Acabou preso nele; depois conseguiu escapar, sabendo que seu algoz, o rei Minos, não dominava o ar. O custo disso foi a vida do seu filho.

Ao enterrá-lo com as próprias mãos, concluiu que, apesar da tragédia inevitável, precisava celebrar a criação humana, envolta no segredo da existência.

Enquanto vivemos a ruptura apocalíptica do governo de Donald Trump, devemos imitar o exemplo de Dédalo, sem dúvida. Afinal, se o poder mora nas sombras porque os amadores sempre procuram pelo Sol, a única certeza que nos resta é a de que ninguém neste planeta é dono do céu —e será nele, mais cedo ou mais tarde, que encontraremos a nossa liberdade. ←

QUADRÃO | Laerte



SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

		4		8	5			
6	5		4					
	2			6			8	
2		5						
8		9				3		7
						9		6
	8			4			6	
					9		3	2
			3	1		4		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

1	9	4	2	8	5	6	7	3
6	5	8	4	7	3	2	1	9
3	2	7	9	6	1	5	8	4
2	3	5	6	9	7	8	4	1
8	6	9	1	2	4	3	5	7
7	4	1	5	3	8	9	2	6
9	8	3	7	4	2	1	6	5
4	1	6	8	5	9	7	3	2
5	7	2	3	1	6	4	9	8

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. O mesmo que nuca, em anatomia **2.** O apresentador de TV Mesquita / Luiz Bonfá (1922-2001), compositor de "Samba do Orfeu" **3.** Cometer equívoco / Diz-se de chanceler chefe de chancelaria **4.** Prescrições do poder legislativo / (Bíbl.) O matador de Golias **5.** (Pop.) Rapaz que se comporta como criança **6.** Planta usada na construção de cercas vivas **7.** Ronnie Von, cantor / Os ás do baralho **8.** (-te-vi) Ave comum no Brasil / Cortar em pedacinhos **9.** Demitido de emprego **10.** Gago / Abreviatura de ultravioleta **11.** Velha / Gemido **12.** Uma parenta não consanguínea / Bosque **13.** Guimarães Rosa (1908-1967), autor de "Grande Sertão: Veredas" / Solução química ou farmacêutica, especialmente a que contem álcool.

VERTICAIS

1. Jornalista e sociólogo paulista (1937-2012) **2.** Árvore, em Miami / Que oprime e maltrata os outros, principalmente os mais fracos **3.** Outro nome da constelação de Quilha / Mecanismo que produz força para acionar uma máquina **4.** Frase de sentido vago, com que se evita responder a alguma questão de modo direto / Como o som do N ou do M **5.** Uma maneira de mostrar felicidade / Parece um pêssego **6.** (Farm.) Via oral / Aquele que negocia o dinheiro dos EUA / Maria Quitéria (1792-1853), lutou pela independência do Brasil **7.** Trapaça, manobra ardilosa / Demais! **8.** O pintor Graciano (1907-1988), de características expressionistas / Homem formado **9.** Cachaceiro, pingaiada / Trovejar.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1		■							
2							■		
3						■			
4					■				
5									
6		■							■
7			■					■	
8				■					
9									
10							■		
11						■			
12					■				
13			■						

HORIZONTAIS: 1. Cérvice, **2.** Otávio, LB, **3.** Errar, Mor, **4.** Leis, Davi, **5.** Meninório, **6.** Avelós, **7.** RV, Ases, **8.** Bem, Picar, **9.** Exonerado, **10.** Tátaro, UV, **11.** Idosa, Ulo, **12.** Nora, Mata, **13.** Gr, Liquor. **VERTICAIS: 1.** Joelmir Beting, **2.** Tree, Vexador, **3.** Carina, Motor, **4.** Evasiva, Nasal, **5.** Rir, Nêspera, **6.** VO, Doleiro, MQ, **7.** Marosca, Uau, **8.** Clóvis, Adulto, **9.** Ébrio, Trovoar.

Sem faróis em uma estrada escura

[RESUMO] Autor sustenta que medidas agressivas e improvisadas de Trump, como as idas e vindas de sua guerra comercial, expõem uma resposta errática dos EUA à corrosão da hegemonia econômica, financeira e política do país e representam uma tentativa de recriação de um império assentado no uso ilimitado da força

Por **Aloizio Mercadante**
Presidente do BNDES. Foi ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República e ministro da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação

Logo após o "Dia da Libertação", o dia do grande tarifaço dos EUA, Drew Matus, estrategista-chefe da MetLife Investment Management, afirmou: "Não sei que tipo de orientação pode ser fornecida aos meus clientes". "Estamos dirigindo por uma estrada escura, sem faróis", arrematou. Esse quadro de perplexidade é geral.

Pudera. O que Trump está fazendo não tem precedente histórico equivalente. O exemplo que mais se aproxima é a Lei Tarifária de 1930 (Smoot-Hawley), adotada pelos EUA durante a Grande Depressão com o intuito de proteger seu mercado interno e "preservar empregos". Teve o efeito oposto: agravou a recessão nos EUA, aumentou o desemprego e reduziu o comércio mundial em até 70% pelo efeito cascata das retaliações que provocou.

À perplexidade, se soma a imprevisibilidade, algo mortal para os investimentos e os negócios de um modo geral. Com efeito, as intermináveis idas e vindas do governo Trump em torno das tarifas tornam difíceis quaisquer prognósticos mais acurados sobre o que está por vir.

Uma coisa, no entanto, é certa: boa coisa não é.

Mesmo se, em um cenário mais otimista, talvez ingênuo, a guerra tarifária acabar mais restrita a um embate bilateral entre a China e os EUA, o prognóstico é muito ruim. Afinal, se trataria de um conflito entre as duas maiores economias do mundo.

Juntos, EUA e China são responsáveis por quase metade da economia do planeta. A China é o maior produtor de mercadorias do mundo, e os EUA, os maiores consumidores.

É impossível que a economia internacional passe incólume por um conflito desse calibre. A interrupção das exportações de minerais e ímãs críticos pela China após o tarifaço de Trump já ameaça o fornecimento de componentes essenciais para montadoras e as indústrias aeroespacial, bélica e de semicondutores.

Porém, parece pouco provável que o fenômeno desencadeado por Trump fique limitado a um conflito bilateral com a China, embora a rivalidade crescente com o gigante asiático esteja no centro das suas preocupações geopolíticas e geoeconômicas.

É necessário entender o que está por trás da euforia e dos métodos irracionais de Trump. As reações iniciais às tarifas expuseram problemas mais profundos que meros déficits comerciais bilaterais. Por trás do cálculo linear, bisonho e, sobretudo, falso do tarifaço está a preocupação patente de Trump com o lugar dos EUA na nova ordem mundial.

Se os EUA enfrentam dificuldades crescentes para manter sua hegemonia, romper com a ordem política e o bom funcionamento da economia internacional, já em desgaste, pode ter uma certa,



Brinquedos que retratam Trump em fábrica de Zhejiang, na China Adek Berry - 12.abr.25/AFP

porém questionável, utilidade estratégica —especialmente diante do crescente endividamento do país e da ascensão chinesa, que avança em domínio tecnológico e autonomia financeira.

Peter Navarro, conselheiro sênior para o Comércio da Casa Branca, defende que as tarifas resolveriam a "emergência nacional" decorrente do alto nível de déficit das contas públicas dos EUA.

Atualmente, a dívida pública dos EUA está em 120% do PIB. O último superávit orçamentário ocorreu em 2001, e o último superávit comercial, em 1975. Os gastos militares e os juros da dívida consomem grande parte do orçamento, assim como as despesas obrigatórias com programas sociais como Medicare, Medicaid e Seguridade Social.

Nesse contexto, as pretensões do Doge (Departamento de Eficiência Governamental) de Elon Musk soam particularmente utópicas. A meta de cortar US$ 1 trilhão em gastos federais sem afetar esses programas —que Trump declarou categoricamente não pretender reduzir— parece economicamente inviável.

Até agora, as medidas implementadas geraram economias cujo impacto real permanece não comprovado. Analistas independentes identificaram graves falhas metodológicas nos cálculos de Musk, questionando a viabilidade de seu plano.

O tarifaço de Trump tem, também, um objetivo pouco visível: transferir parte do custo de um ajuste fiscal em grande escala para consumidores e empresas de outros países.

Por seu turno, a China vem acelerando sistematicamente o desacoplamento financeiro com os Estados Unidos. Em dezembro de 2024, reduziu sua exposição à dívida norte-americana pelo nono mês consecutivo. Essa estratégia de diversificação é complementada por uma agressiva acumulação de ouro.

A China está liderando um processo global de desdolarização, que ameaça diretamente a hegemonia do dólar, que, em última análise, sustenta, ainda que de forma crescentemente precária, os déficits e as dívidas dos EUA.

O cabo de segurança da economia estadunidense vem sendo corroído e ameaça se romper, o que provocaria uma queda irreversível da hegemonia política, econômica e financeira dos EUA, até pouco tempo inquestionável.

O governo Trump 2, com sua resposta improvisada e errática a esse imenso desafio estratégico, gera incertezas sobre a estabilidade e a previsibilidade da política econômica norte-americana e, assim, aumenta significativamente o risco de corroer ainda mais o pilar fundamental do poder geopolítico dos EUA: o status do dólar como a principal moeda de reserva internacional e o meio preferencial para transações comerciais globais.

Muito embora o yuan, como alternativa ao dólar nas transações financeiras globais, ainda esteja muito aquém da dominância da moeda estadunidense, há uma tendência crescente de substituição do dólar tanto pela moeda chinesa quanto por outras em transações regionais e bilaterais.

Essa tendência vem sendo acentuada pelo uso político do dólar em sanções comerciais e financeiras contra vários países do mundo (Rússia, Venezuela, Irã etc.), o que aumenta a insegurança e a desconfiança internacional em relação à moeda dos EUA.

Evidentemente, abordar o déficit em conta corrente com uma análise simplista está fadado ao fracasso. As "tarifas recíprocas", que, na realidade, são sanções comerciais aleatórias impostas a todo o mundo, mesmo a países aliados e que apresentam déficit com os EUA (como o Brasil), produzem um efeito imediato:

Continua na pág. B9

Continuação da pág. B8

elevam significativamente a incerteza sobre a economia norte-americana, criando condições que podem precipitar uma recessão.

Embora Trump alegue que as medidas estimularão novos investimentos nos EUA, essa perspectiva parece pouco realista diante do clima de instabilidade já gerado nos mercados, tanto domésticos quanto globais. A combinação de políticas imprevisíveis e cálculos econômicos rudimentares tende a produzir resultados opostos aos prometidos.

Procurar reduzir o déficit e buscar redinamizar a indústria estadunidense não seriam, em si mesmos, objetivos irracionais. O problema está na ausência total de uma estratégia racional e mesmo lícita, dentro das regras multilaterais de comércio, para se atingir tais objetivos.

Ninguém cria uma nova indústria da noite para o dia. O que vamos assistir é a interrupção de cadeias de suprimentos e pressão inflacionária.

Para tanto, seria necessária uma política industrial muito bem-concebida, desenhada para construir cadeias nacionais e regionais de valor a longo prazo e dentro de regras multilaterais.

Do mesmo modo, a China tampouco se tornou a nova fábrica do planeta praticando um protecionismo tosco e se aproveitando dos EUA, como afirma Trump.

A China se tornou o que é hoje porque não seguiu o paradigma neoliberal. Pequim seguiu um caminho diferente, centrado no papel do Estado.

A ascensão da China se deu mediante uma complexa estratégia econômica, política e tecnológica. Não ocorreu via bravatas e ameaças.

O governo chinês, já em 2005, elevou a inovação autóctone ao status de prioridade estratégica nacional e estabeleceu a ambiciosa meta de alcançar a liderança tecnológica global até 2050.

Nas duas décadas seguintes, o país não apenas consolidou sua posição nas cadeias de valor em que já atuava quanto promoveu um salto qualitativo em sua base industrial, ampliando significativamente sua complexidade produtiva e conquistando vantagens competitivas em setores estratégicos.

Os investimentos chineses em escala industrial e sua notável habilidade em transformar pesquisa aplicada em soluções comerciais sugerem que o emparelhamento tecnológico com os líderes pioneiros não apenas é possível, mas pode ocorrer em curto espaço de tempo. Essa trajetória desafia a noção convencional de que vantagens tecnológicas são estruturalmente irreversíveis.

Isso assusta muito os EUA e suas big techs. A combinação da desdolarização crescente com a perda da vanguarda tecnológica nos setores portadores de futuro poderia fragilizar a economia estadunidense. Poderia, inclusive, ter efeitos diretos desastrosos em sua indústria de defesa e em sua hegemonia militar.

*

A questão essencial a ser destacada, no entanto, é geopolítica. Trump quebrou um vaso precioso, cujos cacos dificilmente serão colados de volta.

A partir de uma ação unilateral desabrida, Trump destruiu de vez a antiga ordem mundial baseada em regras e está tentando implantar, pela força e pelas ameaças, uma nova ordem mundial hobbesiana, a qual recriaria a antiga hegemonia inconteste dos EUA, que predominou desde o colapso da URSS até os primeiros dez anos deste século.

Em outras palavras, Trump, com suas ações improvisadas, equivocadas e agressivas, não apenas destruiu a previsibilidade econômica, mas também a confiança política em uma ordem mundial minimamente funcional. Agora, é cada um por si.

Como escreveu o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer: "O mundo como conhecíamos não existe mais". "Estamos prontos para usar a política industrial para proteger os negócios britânicos da tempestade."

Essa tempestade deverá afetar principalmente o Sul Global e os países mais frágeis.

A reciprocidade tarifária exigida por Trump iguala os desiguais e, na prática, fere de morte o direito ao desenvolvimento, o qual tem fundamento nas regras multilaterais de comércio, que asseguram tratamento especial e diferenciado aos países em desenvolvimento.

A reciprocidade com a maior potência do planeta resultou, por exemplo, na imposição de tarifas de 50% a um país paupérrimo como o Lesoto.

Por sua vez, a bilateralização dos contenciosos por ele imposta é uma negação das negociações. A bem da verdade, pela correlação de forças envolvidas, na imensa maioria dos casos a negociação será simples e descarada imposição, como se viu no caso do Panamá.

"Fale manso e carregue um grande bastão; você irá longe", afirmava Theodore Roosevelt. Trump abandonou a fala mansa e o soft power. Aos berros, brande um "big stick" de ameaças econômicas, políticas e militares.

É a volta de um império nu e cru, assentado somente no uso desavergonhado e ilimitado da força. É a volta a um colonialismo que ameaça até mesmo com a invasão de territórios de outros. Parece que voltamos ao século 19. Não deverá ir longe.

*

Resta, finalmente, uma última indagação. Como as democracias do mundo passarão por esse teste de estresse provocado pela maior potência mundial, que pode celeremente se tornar uma autocracia? Não se sabe.

Estamos em uma estrada escura, dirigindo sem faróis. O destino dessa estrada parece ser uma distopia econômica, política e civilizacional.

A salvação talvez possa vir de uma grande concertação internacional que ilumine uma outra estrada, a qual tenha como destino o combate às assimetrias mundiais, o equilíbrio climático, a paz e a aposta em uma ordem mundial com regras justas e renovadas.

Como diz sabiamente um conhecido provérbio chinês: "Se houver luz na alma, haverá beleza na pessoa. Se houver beleza na pessoa, haverá harmonia na casa. Se houver harmonia na casa, haverá ordem na nação. Se houver ordem na nação, haverá paz no mundo".

Trump, aterrorizando imigrantes e ameaçando países parece não ter luz na alma. Felizmente, há líderes mundiais, como Lula, que a tem. ←

O GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS, APRESENTA:

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

SEJA UM ASSINANTE SPCD

• 3 NOITES DE ESPETÁCULOS A PARTIR DE R$150
• 9 OBRAS DO BALÉ CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO
• PRIORIDADE NA RESERVA DO SEU ASSENTO
• DESCONTO EM TEATROS PARCEIROS
• VISITA EXCLUSIVA A ENSAIOS E BASTIDORES

Confira a programação de espetáculos em:
www.spcd.com.br/assinatura

FAÇA SUA ADESÃO ATÉ 4/5

Saiba mais no QR Code

ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA
TUDO VIRA CULTSP
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO SÃO TODOS



O escritor Mario Vargas Llosa abraça apoiador em evento de sua campanha à Presidência do Peru por um partido de centro-direita, na cidade de Chincha, em 1990 Cris Bouroncle/AFP

O romancista total

[RESUMO] Mario Vargas Llosa, que morreu aos 89 anos, além de excepcional ficcionista, foi um modelo de intelectual quase em extinção. Enfrentou em seus livros e na vida os principais impasses de nossa época, ganhou o Nobel, disputou uma eleição presidencial e levou a literatura da América Latina para o mundo

Por **Marco Rodrigo Almeida**
Editor adjunto da Ilustríssima

Em suas memórias, Mario Vargas Llosa dá duas explicações para o fato de ter entrado na política partidária no final dos anos 1980, já com mais de 50 anos e mundialmente reconhecido como o grande escritor que era.

A que mais lhe convinha ressaltava "uma razão moral". "As circunstâncias me colocaram numa situação de liderança num momento crítico da vida de meu país. Achei que estava diante da oportunidade de fazer, com o apoio da maioria, as reformas liberais que, desde o início dos anos 1970, defendi em artigos e polêmicas como sendo necessárias para salvar o Peru", escreveu em "Peixe na Água" (1993).

Patricia, esposa do escritor por décadas, tinha uma resposta bem menos altruísta para a candidatura do marido à Presidência do Peru. "A obrigação moral não foi o aspecto decisivo", disse ela. "Foi a aventura, o fascínio de viver uma experiência cheia de excitação e risco. De escrever, na vida real, o grande romance." Como sempre, a mulher parece ter razão.

De forma mais literária, Vargas Llosa expressou a percepção sagaz de Patricia na ideia de "romance total", a utopia de uma obra de arte que abarcasse um panorama completo da realidade, em seus múltiplos e conflitantes aspectos. Não contente em enfrentar essa tarefa descomunal em seus livros, o escritor resolveu experimentá-la na própria vida.

"Se a Presidência do Peru não fosse, como afirmei brincando a um jornalista, o ofício mais perigoso do mundo, eu jamais teria sido candidato. Se a decadência, o empobrecimento, o terrorismo e as múltiplas crises não tivessem feito de governar um país como este um desafio quase impossível, não me teria passado pela cabeça semelhante empresa."

A tentação do impossível, não por acaso título de um de seus livros de ensaios, picou cedo Vargas Llosa. Ainda jovem se debatia com uma questão central para criadores de países periféricos: no caso dele, como fazer uma literatura moderna no Peru dos anos 1950 e 1960? A produção peruana daquela época —em grande parte indigenista, costumbrista, enraizada na paisagem natural e no folclore, descuidada da forma e da linguagem— parecia a ele tediosa, velhíssima, "adulteração pitoresca, banal e complacente de uma realidade complexa".

A saída para esse impasse se deu com a descoberta de dois autores, o francês Gustavo Flaubert (1821-1880) e o americano William Faulkner (1897-1962), os mais importantes em sua formação literária. O primeiro escreveu o romance favorito de Vargas Llosa, "Madame Bovary" (1856), que o deslumbrou com seu realismo rigoroso, a busca da palavra exata, o narrador onisciente que tudo observa com exatidão e sem julgamentos, com as experimentações pioneiras do discurso indireto livre (em que o narrador em terceira pessoa incorpora os pensamentos e sentimentos dos personagens).

Vargas Llosa anunciou que gostaria de escrever apenas mais um texto, um ensaio sobre Jean-Paul Sartre, que não chegou a publicar. Seria um fecho curioso para sua obra, talvez uma reconciliação. Sartre foi um de seus heróis de juventude, mas dele se afastou quando rumou para a direita. Até o fim Vargas Llosa desafiou categorizações rígidas e fez da liberdade, com suas inerentes contradições, seu baluarte pessoal e artístico

De Faulkner aprendeu a alternância dos pontos de vista, a organização não linear e não cronológica de tempo e espaço para obter efeitos dramáticos mais profundos. "É fundamental essa alternância, pois, se você quer apresentar uma sociedade, deve mostrar distintos ângulos sociais e, para isso, precisa escolher distintos narradores. Sempre escolhendo um narrador que seja o Deus Padre e também narradores personagens, mas respeitando o que os personagens podem saber enquanto personagens", disse à Folha em sua última entrevista ao jornal.

Munido dessa bagagem literária, Vargas Llosa lançou uma série impressionante de livros nos anos 1960: "A Cidade e os Cachorros" (1963), seu primeiro romance, "A Casa Verde" (1966), a novela "Os Filhotes" (1967) e "Conversa no Catedral" (1969). Em todos descreve o impacto devastador do autoritarismo na sociedade peruana. E a cada um deles tornou a narrativa mais sofisticada.

"Ainda usavam calças curtas naquele ano, ainda não fumávamos, entre todos os esportes preferiam o futebol e estávamos aprendendo a pegar onda, a mergulhar do segundo trampolim do Terrazas, e eram levados, imberbes, curiosos, muito ágeis, vorazes" —começa assim a vertiginosa narração dos "Filhotes", mescla de terceira pessoa com a memória coral de um grupo de garotos peruanos.

Na sequência publicou "Conversa no Catedral" (1969), o mais perfeito exemplo de seu ideal de romance total. Do encontro entre Zavalita, filho de família rica, e Ambrosio, motorista descendente de negros e indígenas, em um pequeno bar de Lima, em meio a bebidas e lembranças fragmentárias, a idas e vindas no tempo, Vargas Llosa extrai um amplo retrato dos oito anos de ditadura do general Manuel Odría no Peru (1948 a 1956).

Continua na pág. B11

Continuação da pág. B10

No caldeirão de violência autoritária, censura, corrupção, exclusão racial, desumanidade e covardia, a desolação é geral. "Em que momento o Peru tinha se fodido?", pergunta-se Zavalita no célebre início do livro.

Condenado a trabalhos cada vez mais degradantes, a Ambrosio só resta aceitar que "depois, bem, depois ia morrer, não é mesmo, menino?".

Vargas Llosa já era então um nome central do boom da literatura latino-americana, tinha leitores devotos no mundo e apenas 33 anos. O que mais fazer depois disso?

Após dois romances de humor deliciosos, "Pantaleão e as Visitadoras" (1973) e "Tia Júlia e o Escrevinhador" (1977), os limites geográficos e históricos peruanos começaram a ficar estreitos demais para ele. Encantado com "Os Sertões" (1902) de Euclides da Cunha, aventurou-se pela Bahia, cicerone ado pelo amigo Jorge Amado, e voltou ao final do século 19, na época da Guerra de Canudos.

"A Guerra do Fim do Mundo" (1981) reconta o trágico episódio em tom monumental, de todas as perspetivas possíveis: Antonio Conselheiro e seus seguidores, soldados e alto comandantes do Exército, senhores de engenho, políticos, jornalistas, anarquistas estrangeiros.

Quando perguntado sobre qual de seus livros preferia, Vargas Llosa costuma revezar a resposta, ora "Conversa no Catedral", ora "A Guerra do Fim do Mundo". A jornada brasileira de fato foi uma virada em sua obra e na vida pessoal, rumo ao desbravamento de outros países e realidades, entrelaçando ficção e personagens reais, renovando o gênero dos romances históricos.

Duas outras circunstâncias, ligadas entre si, contribuíram para essa mudança nos anos seguintes: a consolidação de sua conversão ao liberalismo e a derrota de sua candidatura de centro-direita para Alberto Fujimori, na disputa pela Presidência do Peru em 1990. O escritor mudou-se para Madri em seguida e obteve cidadania espanhola em 1993.

Nas décadas seguintes, ambientou seus romances na República Domicana ("A Festa do Bode", 2000, outro de seus clássicos, sobre o ditador Rafael Trujillo), na França e no Taiti ("O Paraíso na Outra Esquina", 2003, protagonizado por Flora Tristán e Paul Gauguin, avó e neto), na Europa dos anos 1960 a 1980 ("Travessuras da Menina Má, de 2006), no Congo e na Amazônia do começo do século 20 ("O Sonho de Celta", 2010), na Guatemala dos anos 1950 ("Tempos Ásperos", de 2019).

Repórter na juventude, e presença sempre ativa na imprensa, gastou muita sola de sapato e embrenhou-se em vastas pesquisas nesses países. Não parecia haver limites —geográficos, temporais ou linguísticos— para sua curiosidade intelectual e seu poder de fabulação. Em 2021, entrou para a Academia Francesa de Letras, sendo o primeiro a conquistar essa façanha sem ter escrito seus livros originalmente em francês.

Embora não perdesse de vista a perspectiva peruana, Vargas Llosa era um cidadão do mundo —e não se inibia em fazer dele o palco de sua imaginação.

No binarismo estreito em que vivemos, contudo, Vargas Llosa ganhou e perdeu leitores exclusivamente por causa de suas posições políticas, o que é lamentável em ambos os casos para um escritor de sua estatura.

Críticos renomados também apontaram que alguns de seus últimos romances tinham mais pregação liberal do que literatura. Vargas Llosa reconhecia esse perigo e tratou dele em vários ensaios.

O ideal totalizante que motivava sua criação não buscava uma unidade geral, dizia. Era, na verdade, uma soma de contradições, uma confusão vertiginosa, a seu ver o único caminho de retratar as complexas relações humanas.

Na política, contudo, qualquer que seja a ideologia em jogo, essa visão total e sistemática tende sempre a simplificar as coisas, a encaixar acontecimentos diversos nos mesmos princípios, a propor uma explicação única para o mundo. Empobrecia a vida, ele concluía.

"Tempos Ásperos", seu penúltimo romance, anda por essa corda bamba, mas supera com folgas esse impasse. Talvez também surpreenda quem o toma por "reacionário". Espécie de continuação de "A Festa do Bode", o livro encerrou o ciclo sobre ditaduras a que se dedicou desde o início.

O golpe que derrubou o governo popular e progressista da Guatemala em 1954, um conluio de uma multinacional americana que não queria pagar impostos e a CIA, empurrou, na visão do escritor, a América Latina para muitos de seus tormentos políticos nas décadas seguintes —de um lado, os sucessivos regimes militares na região; de outro, a radicalização da esquerda e o desprezo de grande parte dela pela democracia liberal.

Che Guevara estava na Guatemala durante o golpe, ressalta Vargas Llosa, especulando que a história de Cuba poderia ter sido diferente se os EUA não tivessem cometido a grande estupidez de derrubar um presidente eleito.

Como em seus melhores trabalhos, a reflexão política está presente, mas a grandeza do livro vem de sua narrativa poderosa, da fusão inebriante de fatos e ficção, da manipulação do tempo dos acontecimentos. Esses recursos chegam ao ápice no capítulo que destrincha os preparativos do golpe militar e nas horripilantes páginas finais.

Entre um romance e outro, Vargas Llosa nunca deixou de publicar livros de ensaios, de temas tão variados e surpreendentes quanto sua ficção: o colombiano Gabriel José García Márquez, amigo e depois desafeto ("História de um Deicídio" (1971); a "Madame Bovary" de Flaubert ("A Orgia Perpétua", de 1975); a própria escrita ("Ensaios sobre o Romance Moderno", 1990, e "Cartas a um Jovem Romancista", 1997); o francês Victor Hugo ("A Tentação do Impossível", 2004); a crise cultural de nossa época ("A Civilização do Espetáculo", 2012); o argentino Jorge Luis Borges ("Medio Siglo Con Borges", 2020); os pensadores liberais que moldaram seu pensamento ("O Chamado da Tribo", 2018).

Em 2023, publicou seu último romance, "Dedico a Você Meu Silêncio", um retorno ao Peru, e deu adeus à ficção. Anunciou então que gostaria de escrever apenas mais um texto, um ensaio sobre o filósofo francês Jean-Paul Sartre, que não chegou a publicar.

Seria um fecho curioso para sua obra, talvez uma espécie de reconciliação. Sartre foi um de seus heróis de juventude (ganhou dos amigos o apelido de "sartrezinho mata-sete"), mas dele se afastou quando rumou para a direita.

Até o fim Vargas Llosa desafiou categorizações rígidas e fez da liberdade, com suas inerentes contradições, seu baluarte pessoal e artístico.

Como ressaltou em seu discurso ao receber o Nobel de Literatura em 2010, ler e escrever são a maneira mais eficaz que encontramos de aliviar nossa condição precária, de "converter em possível o impossível". ←

Geocanalhada

Fui incluído por engano em discussão secreta em grupo no Signal

Bernardo Carvalho

Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'Os Substitutos'

Fui incluído por engano numa discussão secreta de um grupo no Signal. Não conhecia ninguém, mesmo porque os participantes usavam codinomes de países pobres punidos com altas tarifas (piada interna), para não serem reconhecidos. Fui convidado por Bangladesh. Reproduzo aqui um trecho da conversa traduzido por IA:

Madagascar: Pausa de noventa dias, hora de voltar a comprar! Gênio! Valeu demais, @bangladesh! / Bangladesh: Senso de oportunidade. / Madagascar: Gangorra diabólica! Pena esse negócio aí dos títulos do Tesouro, né?/ Bangladesh: Só tem cagão.

Vietnã: Eu sei que o foco agora é a China de joelhos, mas e a Groenlândia e o Panamá? / Bangladesh: Que é que tem? / Madagascar: Questão de ordem, @vietnã! Tem de seguir a pauta! / Vietnã: E o que é que eu digo quando me perguntam sobre a Groenlândia e o Panamá? A gente não ia invadir? Desistimos? Igual com as tarifas? Noventa dias? / Bangladesh: Estratégia. / Vietnã: Sim, magistral, magistral! Mas que é que eu faço na linha de frente, falando com o público, cada hora uma coisa, sendo chamado de cuzão? / Camboja: Fala da Amazônia.

Vietnã: Vamos invadir a Amazônia? / Camboja: Vamos lançar o assunto. / Bangladesh: Até porque, além das jazidas e tal, temos lá aliados, gente pronta pra cooperar. / Vietnã: Na Amazônia? / Camboja: É o pulmão do planeta, área de segurança nacional, muito importante pra nós. A invasão se justifica.

Vietnã: Quem são os aliados? / Bangladesh: Sempre podemos contar com o tal de... Que nome a gente tinha dado pra ele? / Madagascar: Lesoto. / Camboja: O cara anda por aí com nosso boné. Sem noção. / Bangladesh: Hahaha. Gente boa, Lesoto, topa tudo, sempre sorrindo. Quando é mesmo a eleição deles? / Camboja: Ainda tem tempo. Estamos contando com ele pra presidente. Homem da segurança. A Amazônia é nossa.

'Amo fazer negócio com imbecil. Gosto de ouvir ele falando inglês'

'Dá uma gorjeta pros caras e eles vendem a mãe'

Madagascar: E Vanuatu? / Bangladesh: Esse aí se fodeu, vai preso. Tá com água até o joelho. E a água continua subindo. Aquecimento global. Hahaha. / Madagascar: Não vamos dar asilo? / Bangladesh: Pro Vanuatu? "Loser". Melhor manter distância.

Camboja: E o filho? / Vietnã: Estava dando mole por aí outro dia. Queria jantar com você, @bangladesh. Dei um perdido. / Bangladesh: Esse sim. Hahaha. Amo fazer negócio com imbecil. Gosto de ouvir ele falando inglês. / Camboja: Dá uma gorjeta pros caras e eles vendem a mãe. / Bangladesh: E ainda fazem propaganda da gente. Hahaha.

Madagascar: Como é o nome que a gente deu praquele outro ministro da economia deles? Gostava da Disney. / Camboja: Todos eles amam a Disney. / Madagascar: Tem a ver com safari, "bwana"... / Vietnã: Botswana. / Madagascar: Isso! Sumiu, né? / Bangladesh: Não era bobo. Tá na Flórida.

Madagascar: @bangladesh, tem um cara aí caladão. Dá uma olhada na lista de participantes. / Bangladesh: Tranquilo, eu convidei. / Madagascar: E é quem? / Bangladesh: É de confiança. Campeão de golfe. / Madagascar: Quem disse? / Bangladesh: Comigo não tem erro. Acho que foi um contato meu lá nas Ilhas Heard e MacDonald. / Camboja: Algum pinguim? / Bangladesh: Ou foi ele mesmo. É brasileiro, não sei direito. / Madagascar: Campeão de golfe da Amazônia? / Bangladesh: Qual o problema? / Vietnã: Não abre o bico.

Madagascar: Oi, amigo, não vai se apresentar? / Vietnã: Pergunta a posição dele sobre Gaza. / Madagascar: Oi! Qual é sua posição sobre Gaza? / Camboja: Não quer falar. / Vietnã: Deve ser antissemita. / Camboja: Hello? / Vietnã: É antissemita. Tira o greencard dele. Deporta. / Madagascar: De repente já saiu. / Vietnã: Não, é infiltrado. Ainda tá aí, ó.

Camboja: Quem ficou de administrador? / Bangladesh: Eu convidei. / Vietnã: Se convidou, é o administrador. Pega o IP dele. Fecha o chat! / Bangladesh: Faço o que eu quiser, ok? Sei o que estou fazendo. Fui eleito! Sou eu que mando aqui. / Vietnã: Claro! Claro! É o que estou dizendo. Você manda, você é o administrador. Eu só acho... / Bangladesh: Mais alguém querendo sair da sala? Então, @campeão, vamos voltar ao que interessa. E aquela nossa ideia de campo de golfe na floresta? De horizonte a horizonte. Tá de pé?

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Mãe busca filha desaparecida em minissérie de suspense psicológico já no streaming

A Garota Roubada
Disney+, 16 anos
Elisa deixa sua filha de nove anos, Lucia, brincar com a nova amiga Josie na casa dela. Depois de encontrar com a mãe de Josie e muita insistência, Elisa deixa Lucia dormir na casa da amiga. Quando Elisa e o marido vão buscar a filha no dia seguinte, ela desapareceu —bem como Josie e a mãe— e a casa era de aluguel de temporada. Eles vão à polícia e a busca cresce em escala internacional. "A Garota Roubada" é uma minissérie britânica em cinco episódios.

Andor
Disney+, 14 anos, a partir de terça-feira, 22
Intrigas políticas e a descoberta de armas de destruição em massa irão marcar a trama da segunda temporada da série, que antecede os acontecimentos do filme "Rogue One: Uma História Star Wars", lançado em 2016. O ator Diego Luna interpreta Cassian Andor, que se transforma em um dos heróis rebeldes.

Congonhas: A Tragédia Anunciada
Netflix, a partir de quarta-feira, 23
A série documental revisita o trágico acidente aéreo de 17 de julho de 2007, no qual 199 pessoas morreram depois que um avião da TAM, que chegava de Porto Alegre, ultrapassou a pista ao pousar no aeroporto de Congonhas, atravessou a avenida e colidiu com um prédio da própria companhia aérea.

Canal Livre
Band, oh, livre
A historiadora Heloisa Starling debate um capítulo da história do Brasil —a Inconfidência Mineira— e uma personagem esquecida dos livros, Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, única mulher a participar de forma efetiva do primeiro movimento anticolonial do país.



+ TV Globo 60 anos
TV Globo, a partir desta segunda-feira, 21
A TV Globo faz 60 anos neste sábado, e a celebração ocupará a programação durante toda a semana. No Encontro (9h30), Patrícia Poeta homenageia uma apresentadora por dia —Ana Maria Braga, Fátima Bernardes, Simony, Xuxa e Angélica. Na quinta, o Vídeo Show (22h40) faz uma edição especial com erros de gravação, bastidores de novelas e a volta de Miguel Falabella e Cissa Guimarães na bancada. O Globo Repórter de sexta (23h15) conta a história cronológica do canal e seus desafios. Todos os programas de sábado são diferenciados, e no domingo, estreia a série documental 'Gloria' (23h) sobre a carreira de Gloria Maria. Por fim, na segunda-feira, o 'Show 60 Anos' promove encontros de personagens icônicos e os seus intérpretes

Você
Netflix, 16 anos, a partir de quinta-feira, 24
Nesta última temporada da sangrenta história do stalker Joe Goldberg, ele volta aos Estados Unidos ao lado da mulher, Kate, e tenta ser um marido perfeito. Mas seu final feliz é ameaçado por fantasmas do passado e a possibilidade de acabar exposto na internet.

A Redenção: A História Real de Bonhoeffer
Lojas digitais, 14 anos
Durante a Segunda Guerra, o teólogo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer se vê diante de um dilema moral —continuar sua missão de pregar o evangelho ou lutar ativamente contra o regime destruindo a humanidade. Ele acaba virando membro da resistência em uma conspiração para assassinar Hitler.

Especial de Páscoa
History, a partir de 17h15
Ciência e história se misturam na programação dedicada à religião católica, numa sequência de atrações até a noite —"Mistérios Bíblicos" (17h15, livre), "Provando a Existência de Deus" (19h05, 10 anos), "Em Busca do DNA de Jesus" (20h35 14 anos), "O Papa do Fim do Mundo" (22h05, 10 anos) e "O Último Papa" (23h, 14 anos).

A Guerra do Amanhã
Megapix, 21h, e Prime Video, 14 anos
Estrelado por Chris Pratt, o filme acompanha um grupo de viajantes do tempo que vem de 2051 para avisar que o futuro da Terra está comprometido —o planeta se tornou alvo de alienígenas que querem dominar o universo.

Stan & Ollie: O Gordo e o Magro
Film&Arts, 22h, livre
O filme reconta um episódio na carreira de uma das maiores duplas de comediantes do cinema. Oliver Hardy e Stan Laurel, interpretados por John C. Reilly e Steve Coogan, embarcam em uma turnê buscando recuperar a carreira.

MÚSICA

Show de Lady Gaga no Rio de Janeiro será o mesmo do Coachella, afirma produtor

SÃO PAULO A cantora Lady Gaga deve trazer ao Rio de Janeiro, no dia 3 de maio, o mesmo show que fez no festival americano Coachella nas duas últimas sextas-feiras. Teatral, a performance foi dedicada ao novo disco "Mayhem", trabalho que resgatou o estilo pop sombrio marcante do início de sua carreira.

No Coachella, Lady Gaga cantou com uma megaestrutura, acompanhada de dezenas de bailarinos e rodeada de objetos cenográficos, entre esqueletos e fantasias de monstros. A estrutura erguida na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, deve ser bastante semelhante, diz Luiz Guilherme Niemeyer, diretor da Bonus Track, produtora que traz Gaga ao país. "A gente não sabe se ela vai alterar o repertório. Mas sabemos que a base do show, será a mesma."

No Brasil, Gaga pode se apresentar por até duas horas e meia —mas não se sabe se ela usará esse tempo todo. A previsão é que ela apareça às nove da noite. Antes, diz Niemeyer, devem ocorrer shows com DJs, e não de cantores pop nacionais, como Anitta ou Pabllo Vittar, como os fãs têm especulado. "Ainda não temos nomes. A gente está avaliando as possibilidades", ele afirma. **Guilherme Luis**



Lady Gaga, em fotografia do disco 'Mayhem' Frank Lebon/Divulgação



Luiza Pannunzio

'Univerçidade de árvarde'

Ser autêntico passou a significar dizer a primeira coisa que nos vem à cabeça

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Eu já tinha desconfiado que as universidades tinham os seus dias contados. O ambiente anti-intelectual estava instalado havia muito. De um lado, vinha o ataque inorgânico das redes sociais: o pensamento é nocivo; as emoções são belas.

Se alguém se atreve a tentar convocar um pouco de racionalidade para determinado debate é imediatamente recordado de que os sentimentos, por mais irracionais que sejam, merecem respeito. Os fatos podem indicar o que eles quiserem se os sentimentos apontarem no sentido inverso.

Ser autêntico, honesto e genuíno passou a significar dizer a primeira coisa que nos vem à cabeça, sem passar pelo filtro da nociva razão. Ou seja, o oposto do que é verdade.

Como é óbvio, não somos responsáveis pela primeira coisa que nos ocorre, tal como não somos responsáveis pelos nossos sonhos.

Ser humano é, precisamente, refrear as idiotices que nos vêm à cabeça a toda hora. Mas, não sei quando, decidiu-se que a emoção, por mais absurda que seja, é sagrada; e o pensamento, por mais sensato que possa ser, é sujo.

Não surpreende que Donald Trump, também ele conhecido por dispensar o pensamento e agir de acordo com sensações, esteja agora a cortar os apoios estatais a universidades

Do outro lado, vinha o admirável empreendedorismo. Os proprietários das grandes empresas de tecnologia gabavam-se não de ter estudado em Harvard, mas de não ter estudado em Harvard. Abandonar a universidade era uma característica essencial para o sucesso profissional, e eles tinham bilhões de provas disso.

Youtubers muito populares abordam milionários na rua, em busca de conselhos para os jovens. A entrevista inclui sempre a pergunta: "Você acha que a universidade prepara as pessoas para o que interessa?". E a resposta é sempre a mesma: um sobranceiro "não".

Por isso, não é surpreendente que Donald Trump, também ele conhecido por dispensar o pensamento e agir de acordo com sensações, esteja agora a cortar os apoios estatais a universidades.

A produção de conhecimento é perigosa porque pode pôr em causa as nossas intuições, e revelar a sua inconsistência. O ideal era Trump nomear uma pessoa na qual confiasse, e depois ela fechava-se num gabinete a intuir.

Chegava às nove da manhã e intuía até as cinco da tarde. Para que investir em ciência quando a intuição é melhor e mais barata? Só precisamos de um gabinete. É simples. Como, aliás, a intuição nos diz, apesar das objeções da ciência.

DOM. Ricardo Araújo Pereira QUA. Bia Braune
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SÁB. José Simão